

B. N. L.

2903



Escola de Guerra

Missão a Tancos
[Relatorio]

José Joaquim Mendes Leal

Tenente-Coronel de Infantaria

Lente da 1.^a cadeira



— 1915 —

Papelaria Fernandes & C.^a
33, Rua do Rato, 35—Lisboa

OFFERTA

12
2903

ESCOLA DE GUERRA

1912-1913

TRABALHOS PRÁTICOS DO 3.º PERÍODO ESCOLAR

MISSÃO A TANCOS

RELATÓRIO DO COMANDANTE DA COLUNA

JOSÉ JOAQUIM MENDES LEAL

TENENTE-CORONEL DE INFANTARIA

LENTE DA 1.ª CADEIRA



58.747

1914
COMPOSTO E IMPRESSO
NA
TIPOGRAFIA MAURICIO & C.ª
379, RUA DO SALITRE, 381
LISBOA



RELATÓRIO DO COMANDANTE DA COLUNA

Ex.^{mo} Senhor General, presidente do conselho de instrução:

Em harmonia com as disposições do n.º 4.º do artigo 26.º do regulamento da Escola e com as deliberações do conselho de instrução, tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a o relatório dos trabalhos executados de 16 a 30 de junho do presente ano pela coluna de instrução da Escola de Guerra, que tive a honra de comandar.

I

Preliminares. — O ensino prático na Escola do Exército

Um dos problemas militares mais largamente discutido, e que mais tem merecido a atenção dos governos, tem sido a preparação dos candidatos ao oficialato, pois é convicção geral — *que um exército vale o que valer o quadro dos seus oficiais.*

E assim devia ser, porque se importantes foram sempre as funções do oficial, muito mais o são hoje, reputando-se por isso indispensavel para o seu desempenho um conjunto de qualidades físicas, intellectuais e morais, que só uma larga e bem orientada preparação pode dar.

Todo o indivíduo, pois, que se destinar á carreira de oficial deve possuir, não só a aptidão física e as qualidades morais indispensaveis à profissão a que aspira, mas ainda uma instrução científica, que, ilustrando-lhe o espírito e tornando-o capaz de futuros desenvolvimentos, sirva de base á preparação profissional iniciada nas escolas militares. E, nestas, para que os candidatos ao oficialato se encontrem em condições de entrar nos respectivos quadros, e para aí poderem cumprir com dignidade e proveito a sua missão de educadores, instrutores e condutores de tropas, necessário é que a sua preparação se tenha feito sob um plano racional de

estudos, adequado às exigências da arma ou serviço a que se destinam, racionalmente ordenado, metodicamente seguido, coordenando-se devidamente a teoria com a prática, por forma a preparar um profissional capaz de exercer com competência a sua profissão.

Em toda a parte a instrução militar tem hoje um carácter teórico-prático. E não pode deixar de o ter; pois a ciência da guerra não se aprende só nos livros. Se é necessário conhecer os princípios teóricos, que teem o fundamento na experiência, indispensavel se torna saber aplical-os. A prática é pois indispensavel. Efectivamente o ensino prático completa o ensino teórico, supre as suas deficiências, radica os seus princípios, grava as suas idéas, desperta as iniciativas, obriga a raciocínios sem fadiga mental, contribue para a educação e, finalmente, torna o ensino mais util, mais facil e mais agradável.

Não atingiu o ensino prático entre nós o desenvolvimento imposto pelas exigências da vida moderna; mas seria faltar à verdade não reconhecer os esforços, que, desde ha muito, se vêem fazendo neste sentido. Este facto não se dá só em Portugal. Por isso a Escola de Guerra procura avançar francamente neste caminho, de resto já traçado pela extinta Escola do Exército, de cujas tradições se honra de ter sido herdeira e ser continuadora. Efectivamente a antiga Escola, acompanhando sempre os progressos científicos que se iam notando em toda a parte, procurou constantemente melhorar o seu ensino, imprimindo-lhe, dentro das suas possibilidades, uma feição prático, senão com o desenvolvimento que seria para desejar, pelo menos com aquele que as circunstancias lhe permitiam ministrar.

Fundada em 1837 pelo glorioso Marquês Sá da Bandeira, em substituição da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, não teve o ensino prático até à reforma de 1863 um grande desenvolvimento, apesar de no seu decreto orgânico se determinar, que haveria todos os anos um campo de instrução, onde os alunos fôssem aprender e praticar tudo quanto fosse possivel do que tivessem aprendido nas aulas, abonando o govêrno as despêsas necessárias. E' certo, porém, que o ensino prático, caído em desuso na antiga Academia, não chegou a radicar-se na nova Escola.

Reformada em 1863, a questão do ensino prático é posta em evidência. Assim, preceituando o art. 1.º que a Escola do Exército era um estabelecimento destinado ao ensino teórico e prático da ciência e arte militar e da engenharia civil, determinando o art. 4.º que cada um dos cursos abrangesse, além das lições orais, repetições e exames, os trabalhos práticos e exercícios atinentes às respectivas disciplinas, e ainda ao art. 7.º, que os alunos além de executarem os traba-

lhos e exercícios tanto no campo como de gabinete que faziam parte dos da Escola, effectuassem passeios, reconhecimentos militares, e visitas a diferentes estabelecimentos e oficinas, e fôsem servir e praticar anualmente nos campos de instrução e manobra do exército, a fim de aí completarem a sua instrução militar, o legislador, afirmando por esta fórma a necessidade do ensino teórico conjugado com o ensino de applicação, coloca êste numa evidência a que ainda não tinha chegado.

Em 1864 foi posto em execução pelo decreto de 16 de outubro o regulamento provisório, elaborado pelo conselho escolar e aprovado pelo conselho de instrução militar.

A instrução prática, nos termos dêste regulamento, era ministrada: 1.º, durante os cursos — em trabalhos gráficos nas salas de estudo, desenho, levantamentos nas proximidades da Escola, visita aos estabelecimentos industriais, manipulações, exercícios fotogrâficos, exercícios e manobras de infantaria, de cavalaria e de artilharia, esgrima e ginástica, equitação e natação; 2.º, no intervalo dos cursos na Escola — em exercícios militares, esgrima, ginástica e natação; 3.º, no intervalo dos cursos ou durante êles fóra da Escola — em trabalhos no polígono, reconhecimentos militares e missões nos trabalhos públicos. Os trabalhos exteriores durante os cursos eram executados nas proximidades da Escola, e consistiam em levantamentos, visitas a edificios e a estabelecimentos fabris, e de quaisquer outros que pudessem interessar à instrução. Nestes trabalhos os alunos eram divididos em turmas, sob a direcção dos lentes, ou de quaisquer outros officiais encarregados do respectivo ensino. Determinava-se ainda que os alunos seriam detalhados para assistirem aos trabalhos do polígono, se estes tivessem logar durante os cursos.

A organização de 1863 e o regulamento de 1864 deram, pois, um grande impulso às sciências militares e de construção, e ao ensino prático um grande desenvolvimento para aquella época. Comparando esta organização com o decreto de 1837 vê-se que, não só se deu maior desenvolvimento ao quadro das disciplinas que constituíam os diferentes cursos da Escola, mas ainda que o ensino tomava um carácter prático, que era reclamado pela opinião e recomendado pelos governos. E' certo que muitos dos trabalhos e exercícios práticos preceituados no regulamento não chegavam a ser executados; a falta, talvez, de pessoal idóneo, e de elementos de trabalho indispensaveis, tornavam impossivel a sua execução.

O progresso porém era real; «basta consultar o arquivo da Escola, diz o sr. Oliveira Simões na memória apresentada ao congresso pedagógico de Madrid de 1892, e examinar ali os trabalhos gráficos dos alunos para se reconhecer o grande impulso que a instrução recebeu e a orientação nova que a desviou das

normas a que por tanto tempo se condenára». Mas mais que as palavras dêste antigo professor, que pela sua ilustração e competência honrou a extinta Escola do Exército, fala uma pleiade de oficiais e engenheiros, que muito honram o exército e o país, que nela se educaram com o regimen de 1864.

Diferentes providências governativas introduziram no regimen de 1864 alterações tendentes a desenvolver e a melhorar o ensino, sendo as mais importantes as constantes do decreto de 4 de dezembro de 1884.

Por êste diploma refundiram-se os programas das matérias, que constituíam as cadeiras, modificou-se a distribuição dessas matérias pelos diferentes cursos e preceituaram-se exigências diversas para cada um deles. E, se bem que na parte prática o decreto não fizesse alterações, o ensino, que já tinha tomado de facto uma feição de maior aplicação, toma cada vez maior desenvolvimento, executando-se na cêrca da Escola diferentes trabalhos de topografia, geodésia, fortificação, comunicações e tática, notando-se ainda maior incremento nos problemas e trabalhos gráficos executados nas salas de estudo.

O decreto de 1864 não satisfazia, porém, às necessidades da preparação dos aspirantes ao officialato; a escola e a opinião reclamavam, por isso, uma reforma mais radical, em harmonia com as exigências da época.

Não nos ocuparemos, por extranho ao nosso fim, das diferentes reformas que se estudaram, propuzeram, decretaram, suspenderam e revogaram até ao decreto ditatorial de 28 de agosto de 1894.

Merecem comtudo referêcia as reformas de 1891 e 1892. Estas, como as anteriores, ampliaram consideravelmente o quadro das disciplinas da Escola em harmonia com os desenvolvimentos científicos e com as necessidades profissionais das carreiras para que a Escola preparava os seus alumnos.

Tratando da parte prática, dizia o sr. Oliveira Simões, referindo-se à organização de 1892; «se examinarmos a que no principio ministrava a Escola, quando saía da Academia de fortificação, artilharia e desenho, com a que actualmente ali recebem os alumnos, encontra-se uma diferença extraordinária. De ano para ano este *crescendo* se tem acentuado, tornando-se mais aparente ainda na última década, não só no que se refere aos exercícos militares propriamente ditos, mas em todos os que respeitam à propria matéria das cadeiras que ali se professam». E, falando ainda da orientação prática que os govêrnos têm recommendado nas diferentes reformas que tinham sido publicadas, conclue o sr. Oliveira Simões: «estes desejos pode dizer-se que, se não estão completamente realizados, se acham pelo menos em termos bastante lisongeiros». Com respeito aos exercícos militares propriamente ditos chegaram mesmo a fazer-se alguns exercícos de

armas combinadas de marcha, estacionamento e combate na Serra do Monto-santo.

Chegamos ao decreto de 23 de agosto de 1894.

Deixando de parte a exposição de motivos da reforma e a apreciação da sua contextura, apenas nos referiremos ao ensino prático. Aparece nesta reforma uma disposição nova. Assim diz o relatório:— «aos lentes coadjuvados pelos adjuntos passa a competir a direcção de todos os trabalhos, e mesmo dos exercícios que se relacionam com o ensino das suas cadeiras, tendo-se assim maior unidade na instrução teórica e prática, e permitindo-se que a aplicação dos alunos seja vigiada mais assiduamente pelos professores». Em harmonia com estas disposições impunha o regulamento de 5 de outubro do mesmo ano no seu artigo 82.º aos lentes, entre outras, as seguintes atribuições: dirigir os trabalhos práticos e exercícios militares correspondentes às cadeiras em que foram providos, conforme as disposições dêste regulamento e nos termos dos programas e prescrições aprovadas pelo conselho de instrução; dirigir os laboratórios, gabinetes e demais estabelecimentos a seu cargo; e ainda elaborar e submeter á aprovação do conselho os programas das disciplinas das suas cadeiras, de todos os trabalhos práticos que por elas se devam realizar. Aos adjuntos, pelo artigo 83.º do mesmo diploma, competia-lhes coadjuvar os lentes das respectivas cadeiras na direcção de todos os trabalhos práticos e exercícios militares, executando-se os serviços que por aqueles lhes fossem determinados, conforme as deliberações do conselho de instrução.

Pelo que diz respeito aos *exercícios militares* determinava o artigo 117.º que aos lentes da 2.ª 3.ª, e 7.ª cadeiras incumbia a superior direcção e inspecção da instrução táctica relativa ás suas respectivas armas, dando para isso aos seus adjuntos as instruções que julgassem convenientes a bem do serviço. A instrução especial das tropas de engenharia seria ministrada sob a direcção do lente da 5.ª cadeira pelo respectivo adjunto.

Por estas disposições se vê a importância que se atribuiu ao ensino prático, e sobretudo aos exercícios militares.

Não tinha acabado ainda o período das reformas da Escola.

Deixando sem referência as cartas de lei que modificaram a organização da Escola a que acabamos de nos referir e que tinha sido sancionada pelo poder legislativo pela lei de 13 de maio de 1896, passamos ao regulamento de 27 de setembro de 1897, em vigor até á extinção da Escola do Exército.

Pelo artigo 116.º dêste regulamento o ensino da Escola era ministrado:

a) Em lições, repetições e memórias nas cadeiras;

- b)* Em trabalhos de administração, contabilidade e escrituração militar ;
- c)* Em trabalhos nas salas de estudo, nos gabinetes, laboratórios e mais dependências da Escola, compreendendo desenhos, redacção de memórias e resolução de problemas, tudo relativo aos assuntos de maior importância indicados ou desenvolvidos nas cadeiras ;
- d)* Em visitas e missões a diversos estabelecimentos, fortificações, oficinas, escolas práticas, minas e obras públicas militares ;
- e)* Em reconhecimentos militares, resolução no campo, de problemas táticos, e viagens do estado maior ;
- g)* Em exercícios militares, compreendendo instrução tática e instrução elementar do serviço de campanha, instrução de tiro, equitação, ginástica e esgrima ;
- h)* Em lições de higiene militar.

Confrontando este artigo com o artigo 143.º do regulamento de 5 de outubro de 1894, vê-se que não ha entre elles uma diferença essencial, apesar de naquele estar com mais precisão indicada a matéria de ensino prático, podendo dizer-se que este ensino, cujo desenvolvimento se vinha acentuando sucessivamente, estava desde a reforma de 1894 sujeito aos mesmos principios.

Para se avaliar a importância que na extinta Escola tinha o ensino prático, conveniente nos parece deixar aqui registados os seus programas no último anno da sua existência, recordar as provas práticas finais que todos os anos se realizavam, e as exposições dos trabalhos gráficos que algumas vezes se fizeram por ocasião da abertura solene dos trabalhos escolares. (Anexo I e II).

Deviamos estas palavras de verdade e de justiça á velha Escola onde fizemos a nossa educação profissional e aos nossos velhos mestres, alguns dos quais ainda tivemos a honra de ter por colegas.

O ensino prático na Escola de Guerra. — Missão a Tancos

TRABALHOS PRELIMINARES

Como acabamos de mostrar, o corpo docente da extinta Escola do Exército procurou sempre, dentro das suas possibilidades, dar ao ensino uma feição prática. A Escola de Guerra mantendo essa orientação procura alargar, cada vez mais, os trabalhos de aplicação.

A actual organização da Escola de Guerra teve, em parte, a sua fonte num projecto elaborado pelo conselho por ordem do Ministério da Guerra. Durante a sua discussão a questão de ensino prático foi, por vezes, largamente tratada. Lembra-nos que um antigo lente da Escola do Exército, que muito a honrou com o seu talento privilegiado e indiscutida competência, o falecido Ressano Garcia, apreciando a organização dos cursos de engenharia, ponderava a necessidade de se alargar o ensino prático, e até o aproveitamento de anexos da Escola para instalação de oficinas, quando isso fosse possível, opinião esta unanimemente aplaudida por todo o conselho. E referimo-nos especialmente a este professor por êle, infelizmente, já não pertencer ao quadro da Escola.

Em 25 de maio de 1911 foi decretada a nova reforma, e em 19 de Agosto do mesmo ano o respectivo regulamento, no qual o ensino prático, em qualquer das suas modalidades, é considerado, como na extinta Escola, complemento das cadeiras e demonstração experimental das materias nelas professadas.

No ano lectivo de 1911-1912 foi proposto pelo conselho ao Ministério da Guerra o lente da 1.^a cadeira para ir em missão ao estrangeiro estudar quaisquer assuntos, que se relacionassem com as disciplinas da cadeira que lhe está confiada. Êste professor realizou a sua missão em maio e junho de 1912, visitando as escolas militares hespanholas, algumas francesas e belgas, com o fim de estudar a fórma como, naqueles países, se preparavam os candidatos ao officialato. No seu regresso, impressionado com a orientação que viu seguida nas escolas estrangeiras, em relatório verbal feito ao conselho de 6 de julho de 1912

ponderou, entre outras coisas, a necessidade imediata de dar ao ensino uma orientação acentuadamente prática, semelhante á que se ministrava nas escolas estrangeiras, que acabava de visitar.

Finalmente na sessão de 17 de setembro de 1912 o sr. capitão Ferreira de Simas, depois de várias considerações sobre êste assunto, apresentou ao conselho a seguinte proposta, que foi aprovada:

— «Escola de Guerra: — Proponho que uma comissão composta dos senhores major Mendes Leal, capitães Morais Sarmiento, Silveira e Castro, e tenente Victorino Guimarães, estude a possibilidade de, no próximo ano lectivo, se realizarem os trabalhos práticos das sciências militares no campo de tiro de Alcochete, à semelhança do que se encontra nas academias militares hespanholas. — Sala das sessões, 17 de setembro de 1912. (a) *Antonio Ferreira de Simas*».

Os trabalhos práticos realizados no polígono de Tancos no final do período a êles destinado, e que estavam na orientação do conselho, tiveram pois a sua origem imediata na proposta do sr. capitão Simas.

São êstes trabalhos, desde o início da sua preparação até ao final da sua execução, o objecto do presente relatório, baseado no conhecimento directo que deles teve o comandante da coluna de instrução, e nos relatórios especiais elaborados pelos senhores lentes e lentes adjuntos que, em harmonia com as disposições do regulamento, dirigiram os diversos serviços.

Na sessão de 4 de outubro de 1912 o presidente da comissão encarregada de estudar a possibilidade de, no ano lectivo de 1912-1913, se realizarem os trabalhos práticos de sciências militares no campo de tiro de Alcochete, pediu ao conselho alguns esclarecimentos ácerca da orientação a dar aos trabalhos da mesma comissão, lembrou a necessidade de a completar com mais um colega pertencente à arma de artilharia, que nela não estava representada, e ponderou ainda a impossibilidade de se designar, sem um estudo prévio, o campo de tiro de Alcochete, como local apropriado aos trabalhos práticos projectados. Por ultimo lembrou ao conselho a oportunidade de se estudarem algumas alterações que, em seu parecer, convinha introduzir no regimen geral do ensino, para que os trabalhos de aplicação pudessem ter maior desenvolvimento e proveito.

Na sessão de 17 de setembro tratou-se novamente do assunto, sendo agregados à comissão, por proposta do sr. capitão Morais Sarmiento, o sr. capitão Simas, autor da proposta inicial, e o sr. capitão Fernando Freiria.

A comissão assim formada ficou encarregada de estudar: a) as alterações a

introduzir no regulamento da Escola; *b*) a fôrma de se realizarem no corrente ano os trabalhos práticos, segundo a proposta do sr. capitão Simas, e a escolha do local, onde êles se deviam realizar.

A comissão constituiu-se imediatamente, e iniciou os seus trabalhos pelo estudo das alterações ao regulamento. Este trabalho, largo e demorado, foi em tempo apresentado ao conselho, discutido e aprovado nas suas disposições mais importantes, e, em parte, já aprovado pelo Ministério da Guerra.

Conjuntamente, e conforme as circunstâncias o permitiam, ocupou-se a comissão da proposta do sr. Simas, já modificada por deliberação do conselho, elaborando um ante-projecto, em que tomava por base os trabalhos práticos realizados no ano lectivo anterior e as indicações que solicitou de todos os seus colegas. Assim, dividiu o período que decorre de 11 de maio a 30 de junho, destinado pelo regulamento a trabalhos práticos e exercícios militares, em dois: destinando o primeiro, que decorre de 12 de maio a 15 de junho, a visitas, missões e outros trabalhos complementares das cadeiras que se podiam realizar na Escola e nos arredores de Lisboa; o segundo, de 16 a 30 de junho, a trabalhos práticos e exercícios militares de conjunto, fóra da Escola, em local apropriado.

E como êste projecto importava naturalmente um aumento de despêsa, superior à efectuada com os trabalhos práticos no ano anterior, a comissão estudou ainda o processo de fazer face a esse aumento dentro das verbas orçamentais consignadas nas tabelas de despêsa da Escola.

Organizado assim o ante-projecto, entendeu a comissão que não podia continuar os seus trabalhos sem saber se êle merecia, nas suas linhas gerais, a aprovação do conselho; sendo isso apresentado ao sr. General Comandante, a fim de Sua Ex.^a o submeter, quando o julgasse conveniente, à apreciação do mesmo conselho. Apresentado na sessão de 8 de abril de 1913, foi aprovado.

Restava a escolha do local. Autorizada pelo Ministério da Guerra a comissão visitou as escolas de Mafra, Tancos e Vendas Novas e o campo de tiro de Alcochete. Devidamente estudadas e ponderadas as condições em que se encontrava cada uma destas escolas, as vantagens e inconvenientes que cada uma delas apresentava para a realização dos trabalhos projectados, a comissão pronunciou-se por unanimidade pelo polígono de Tancos, onde se encontra instalada a Escola de Aplicação de Engenharia. Efectivamente o polígono de Tancos pela sua situação, instalações, material e elementos de trabalho era, de todas, a que melhores condições oferecia para a realização da missão projectada.

Estava terminada a primeira parte dos trabalhos preliminares.

Em fins de março a comissão solicitou dos seus colegas uma nota dos trabalhos práticos que se deviam realizar pelas respectivas cadeiras. Recebidas as propostas foi elaborado o projecto de distribuição de todos os trabalhos a realizar no terceiro período escolar. Apresentado ao conselho na sessão de 1 de abril, foi pelo mesmo conselho enviado à secretaria da Escola para ser consultado pelos senhores lentes, que assim o desejassem.

Na mesma sessão foram ainda tomadas, sob uma moção do sr. major Mendes Leal as seguintes deliberações:

1.^a Solicitar do Ministério da Guerra a reunião n'uma só verba, destinada a trabalhos de campo, das verbas — Missões, Cap. 1.^o, Art. 16.^o do orçamento — 978\$00; de desdobramentos Cap. 1.^o, Art. 16.^o do orçamento — 333\$33; transportes, Cap. 4.^o, Art. 32.^o do orçamento — 542\$53.

2.^a Que as visitas e missões e viagens de estado maior, para êste curso e para os cursos de engenharia, quando tenham de utilizar a via férrea como meio de transporte, se façam nas linhas do estado, ou com passes da companhia dos caminhos de ferro portuguezes.

3.^a Que se suprima o abono de transportes em caminhos de ferro, electricos, etc., para as visitas e missões a realizar dentro da capital e seus arredores (carreira de tiro, Chelas, Manutenção, oficinas, depósitos, etc.).

Na sessão de 8 de abril o presidente da comissão mandou para a mesa o projecto da distribuição dos trabalhos práticos, já conhecido pelos membros do conselho, o orçamento de despêsa a realizar com os mesmos trabalhos e um projecto de nota a enviar à Secretaria da Guerra, submetendo os trabalhos à aprovação de Sua Ex.^a o Ministro.

Posto em discussão, fez sôbre êle largas considerações o sr. 2.^o comandante, chamando especialmente a atenção do conselho para as dificuldades práticas da sua realização. Em resposta ao sr. 2.^o comandante o presidente da comissão ponderou, que o projecto fôra elaborado em harmonia com a proposta do sr. Simas e segundo a orientação dominante no conselho, de resto seguida em todas as escolas similares do estrangeiro. Disse ainda que a comissão conhecia e avaliava as dificuldades da realização dos trabalhos propostos; mas que, reconhecida a sua necessidade pelas estações superiores, estas não deixariam de dar as devidas facilidades para a sua realização, e que os colegas que os dirigissem não deixariam de envidar todos os seus esforços e boa vontade para o bom resultado final dos trabalhos. Por último ponderou a necessidade, hoje mais do que nunca, de habilitar convenientemente os alunos para os serviços das suas respectivas armas e habituá-los às exigências do serviço de campanha.

O sr. Pinto da Veiga, ha pouco roubado ao serviço do exército e à nossa amisade, em nome do conselho, congratulou-se pelo trabalho apresentado, propondo um voto de louvor à comissão, que devia proseguir com os trabalhos executados, sendo o seu presidente, tenente-coronel Mendes Leal, encarregado da direcção da missão. A proposta foi aprovada. O projecto da comissão e o respectivo orçamento, que vão anexos a êste relatório, foram aprovados por unanimidade (Anexo III e IV).

O conselho, pois, convencido da necessidade de ministrar aos seus alunos uma instrução prática cada vêz mais intensa, deliberou que uma coluna de instrução composta de todos os alunos, devidamente comandada e dirigida pelos lentes respectivos, secundados por um pessoal auxiliar, adequado às necessidades da instrução, que se devia ministrar, executasse, no final do 3.º período de 1912-1913, uma série de trabalhos práticos e exercícios militares no polígono de Tancos, complemento do estudo teórico-prático das cadeiras já realizado, que se reputaram preparação conveniente para os alunos da Escola poderem ter ingresso nos quadros dos officiaes das diferentes armas e serviços da administração militar.

Tendo o projecto do conselho merecido a aprovação de Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, continuou a comissão os trabalhos de que fôra encarregada, occupando-se da organização da coluna, que se projectou ser constituída por 18 officiaes, 235 alunos, 3 sargentos, 89 cabos e soldados, 2 ferradores e 3 corneteiros; por 75 cavalos, 46 muares e 7 viaturas. E para que a Escola de Aplicação de Engenharia pudesse tomar as providências necessárias, foi por Sua Ex.^a o General Comandante, autorizado pelo Ministério da Guerra, enviado ao sr. comandante daquela escola, em 6 de maio, um mapa da fôrça, que de 16 a 30 de junho devia estacionar no polígono de Tancos.

Começam aqui as dificuldades.

Em 10 de maio de 1913 foi presente á comissão, por ordem de Sua Ex.^a o General comandante, uma copia da nota enviada pelo snr. Comandante da Escola de Aplicação de Engenharia á repartição do gabinete da Secretaria da Guerra.

Nessa nota, que foi presente ao conselho na sessão de 16 de maio, informa o snr. comandante da Escola de Aplicação de Engenharia, para os efeitos que Sua Ex.^a o Sr. Ministro da Guerra julgar mais convenientes, que aquella escola, em vista do mapa da fôrça da coluna de instrução que lhe fôra enviado, não

dispunha, por estarem no polígono em serviço de instrução duas companhias de sapadores mineiros e uma companhia de pontoneiros, de alojamentos, nem de material e mobiliário indispensáveis para todo o serviço da coluna.

A comissão, que cuidadosamente tinha estudado o assunto, ficou surpreendida; e, em informação, insistiu pelo local, demonstrando a possibilidade e a conveniência de ali se realizar a missão. Esta informação serviu de base a uma nota do sr. Comandante da Escola á Secretaria da Guerra sobre o assunto. A Secretaria da Guerra, tomando as providências que entendeu convenientes, determinou que Sua Ex.^a o Snr. General Comandante se entendesse com o Snr. Comandante da Escola de Engenharia, a fim de se poder realizar no polígono de Tancos a missão projectada.

Para tornar mais facil o proseguimento dos trabalhos foi autorizada a comissão a enviar novamente áquele polígono alguns dos seus membros, afim de se entenderem directamente com o snr. Comandante da Escola de Aplicação de Engenharia, e colherem informações complementares necessárias para a realização da missão naquele local. De justiça é consignar que, tanto a comissão como os seus delegados, encontraram sempre no Snr. Comandante da Escola, no malgrado tenente Thadeu e ainda nos seus officiaes, toda a boa vontade em auxiliar os seus trabalhos, e muito especialmente no sr. capitão Gonzaga adjunto da Escola, e nos senhores officiaes das unidades de engenharia que eventualmente se encontravam no polígono.

Assente definitivamente que os exercícos se realizassem em Tancos, o snr. General Comandante da Escola fez expedir em 29 de maio a seguinte nota ao sr. Comandante da Escola de Engenharia:

—«Tendo Sua Ex.^a o Ministro da Guerra determinado, conforme o comunicado em nota da 4.^a Repartição da 1.^a Direcção Geral n.º 1429 de 27 do corrente, que esta Escola se entendesse directamente com V. Ex.^a, sobre todos os assuntos que se relacionem com os exercícos e trabalhos práticos, que os alunos desta Escola devem realizar em Tancos de 18 a 27 de junho, encarrega-me Sua Ex.^a o General Comandante da Escola, em harmonia com as informações ali prestadas aos officiaes que foram a essa escola com o fim de estudar a possibilidade do alojamento do pessoal e material da Escola de Guerra, durante aquele periodo, solicitar de V. Ex.^a as necessárias providências para que a escola se possa utilizar do seguinte:

1.º Alojamento para os officiaes.—18 quartos na Aringa;

2.º Alojamento para os alunos:

a) Depósito de material de pontes, onde devem ser colocadas 96 camas de

campanha, assentes sobre 196 pés das barras da cama de soldado, 49 mesas de tesoura, 98 travesseiros, 196 mantas e candieiros de iluminação;

b) Depósito das secções de telegrafistas, onde devem ser colocadas 136 camas de campanha, assentes sobre 272 pés de barras de cama de soldado (190 são nesta data requisitadas ao Ministério da Guerra), 68 mesas de tesoura, 136 travesseiros, 272 mantas e candieiros para a iluminação;

c) Casa do fiel do parque, para casa de lavagem do 1.º dormitório, onde devem ser colocados 16 lavatórios, algumas bacias para outras lavagens e recipientes para transporte e depósito de água;

d) Arrecadação do depósito das secções de telegrafistas, para casas de lavagem do 2.º dormitório, devendo em cada grupo delas ser colocados 12 lavatórios, algumas bacias para outras lavagens e recipientes para transportes e depósito de água;

3.º Refeitório e cosinha para o rancho dos alunos:

a) Depósito de mobília na Aringa para refeitório dos alunos para o que ali deverão ser colocadas 6 mesas de 12^m × 0^m,80, com os respectivos bancos, 2 mesas-aparadores nos topos da casa com 0^m,60 de largura e candieiros para a iluminação;

b) Antiga cosinha e refeitório para os oficiais para cosinha, arrecadação e lavagens de louças, onde deve ser colocado o fogão grande, actualmente em serviço no rancho dos sargentos, 5 caldeirões, fogões e celhas ou tinas para lavagem de louça;

Para utilizar esta instalação torna-se necessário beneficiar a cosinha e construir um alpendre para a colocação dos caldeiros.

4.º Secretaria e quartel do oficial de serviço:

a) Casa de ferramentas portateis para secretaria, devendo ser colocadas uma secretária, uma mesa e cadeiras e candieiros de iluminação;

b) Casa de instrumentos topograficos para quarto de oficial de serviço devendo ser ali colocadas, uma mesa, duas cadeiras e um lavatório.

5.º Parque e arrecadação do armamento:

a) Telheiro do parque de pontes, apenas 6 espaços necessários para abrigo de 5 viaturas de artilharia e 2 carros de esquadrão;

b) Telheiro entre dois dormitórios para arrecadação de armamento devendo ser vedado e ali colocados armarios para 150 espingardas, 90 espadas e alguns cabides e prateleiras;

6.º Cavalariças:

a) Cavalariças do gado da Escola, para 33 cavalos, devendo ali ser colocados cabides ou cavaletes para igual número de arreios;

b) Cavalariças do gado do destacamento para 41 cavalos e 46 muares, onde devem ser colocados equal numero de cabides ou cavaletes. No exterior das cavalariças torna-se necessário colocar prisões para a limpeza de solípedes:

7.º Alojamento para praças:

a) Alojamentos para 3 sargentos.

b) Alojamento para 95 cabos e soldados.

Estas praças ficarão adidas á Escola para efeito do rancho. Para o refeitório dos alunos conta esta escola com a louça ali existente em depósito, completando a com a que daqui levará.

Encarrega-me mais Sua Ex.^a o General de rogar a V. Ex.^a se digne comunicar-me com a possível brevidade, qualquer dificuldade que porventura se apresente na realização dêste plano.»

Esta nota foi acompanhada das plantas respectivas.

Em 30 de maio recebeu o snr. General Comandante da Escola do snr. Comandante da Escola de Aplicação de Engenharia a nota seguinte:

— «Em resposta á nota de V. Ex.^a n.º 497 de 29 do corrente, tenho a informar a V. Ex.^a que não ha dificuldade alguma em esta escola fornecer tudo o que V. Ex.^a pede na citada nota. (a) *Barahona*, major.»

ORGANIZAÇÃO DA COLUNA

A comissão procedeu á organização da coluna, que foi constituída pelos seguintes elementos: 18 officiaes, 234 alunos, 3 sargentos, 91 praças, 74 cavalos, 46 muares e 7 viaturas. (Anexo v).

Os officiaes que deviam tomar parte na missão seriam, além do comandante da coluna e do lente da 8.^a cadeira que devia exercer as funções de adjunto da mesma coluna:—os lentes das 4.^a, 5.^a, 8.^a e 9.^a cadeiras, os lentes adjuntos das 1.^a e 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a, 6.^a e 7.^a, 11.^a, 16.^a, 17.^a e 18.^a cadeiras, a quem competeria a direcção immediata dos trabalhos; o comandante do corpo de alunos, 2 officiaes do mesmo corpo e um instrutor, destinados a auxiliares do comando no serviço geral e na administração, serviço e disciplina das praças em serviço da coluna; e finalmente o tenente medico encarregado do serviço de saúde.

Os alunos que deviam tomar parte na missão seriam todos os alunos dos diferentes cursos militares da escola. Prevendo, porém, a comissão que nem todos estariam em condições de se sujeitarem a todos os trabalhos da missão, autorizada pelo comando, solicitou do snr. tenente medico uma nota dos alunos que não pudessem tomar parte em todos ou em alguns dos trabalhos projectados.

Este oficial informou a comissão que os alunos do curso de artilharia, 2.º ano—240/60 Napoles, 340/67 Pereira do Vale, 26/65 Clemente, 241/74 Barata; os de infantaria do 2.º ano—38/13 Esquivel, e do 1.º ano—265/78 Coutinho de Gouveia, não podiam fazer a marcha de Lisboa a Tancos nem do Carregado a Lisboa pela via ordinária.

Os 3 sargentos, sendo 1 de cavalaria, e as 91 praças de infantaria e cavalaria eram destinadas aos diferentes serviços da coluna. Os 74 cavalos e as 46 muares eram destinados ao serviço dos lentes e lentes adjuntos, aos serviços das armas montadas e á tracção das 7 viaturas, que constituíam a divisão de artilharia e o trem regimental.

Ao mesmo tempo que se estudava a organização da coluna, outros trabalhos preparatórios se estudaram também. Assim a comissão estudou e propôz ao comando o uniforme de que os alunos deviam fazer uso; o equipamento e armamento que, segundo as armas e serviço, lhes devia ser distribuido; os artigos de uso individual, regulamentos, modêlos, papeis e outros artigos que os alunos deviam transportar e os que deviam ser transportados em malas regulamentares, dando de tudo conhecimento aos alunos por intermédio do snr. comandante do corpo; e, finalmente, os cuidados higiênicos que se deviam observar em todas as situações. E, para que o comando pudesse tomar as devidas providências, foi-lhe apresentando sucessiva e oportunamente requisições de material, armamento e municiamto indispensaveis para a instrução. Por fim elaborou, tendo ouvido sobre a parte higiênica o snr. tenente medico, para serem observadas durante a sua missão, as instruções gerais que vão em anexo. (Anexo VI).

Na sessão de 11 de junho de 1912, o presidente da comissão apresentou ao conselho o seguinte mapa da fôrça que devia tomar parte na missão:

Mapa do pessoal, animal e material, que deve tomar parte no período de trabalhos de campo a realizar na Escola de Aplicação de Engenharia de 16 a 29 de junho do corrente ano.

Designações	Oficiais		Alunos	Praças de pro				Solípedes		Viaturas		Observações
	Lentes	Instrutores		Sargentos	Cabos e soldados	Ferradores	Corneteiros e clarins	Cavalos	Muare	De 2 rodas	De 4 rodas	
Pessoal...	13	5	235	1	89	1	3	—	—	—	—	
Animal...	—	—	—	—	—	—	—	75	46	—	—	Dêste n.º de cavalos irá o maior número de que a escola puder dispôr, devendo os restantes e as muare ser fornecidas pelos regimentos a quem o fornecimento for ordenado.
Material...	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2 peças T. 5 T. R.; 2 carros de munições; 1 observatorio e 2 carros de esquadrao.

Escola de Guerra, 11 de Abril de 1913.

Em anexo vai uma relação nominal de todo o pessoal que compunha toda a columna (Anexo VII).

É com êste mapa apresentou ainda, entre outras, as seguintes propostas:

a) Baseado na informação do sr. tenente-médico proponho que os alunos, constantes da relação junta, façam, pela via férrea, a marcha de ida e regresso a Tancos. Esta relação era formada pelos alunos que na opinião do mesmo oficial não podiam fazer a marcha pela via ordinária, e de que atrás se deu noticia;

b) Proponho que o comandante da missão fique autorizado, de acôrdo com os lentes e lentes adjuntos que dirigirem os diferentes trabalhos, a alterar o programa dos mesmos trabalhos, quando as conveniências da instrução assim o aconselharem;

c) Proponho que a valorização dos trabalhos da missão seja representada por uma nota unica dada em conferência pelos lentes e lentes adjuntos, que dirigirem os referidos trabalhos.

Todos os membros da comissão puzeram no seu desempenho toda a sua dedicação e boa vontade; mas, bastante numerosa, foram os trabalhos mais de

serto seguidos pelos srs. Silveira e Castro, Morais Sarmiento e Lobato Guerra, que muito trabalharam na organização da missão. Entendeu por isso o presidente da mesma comissão dever propôr ao conselho um voto de louvor a estes professores, sem que êsse facto representasse menos consideração pelos outros membros. O mapa e as propostas foram aprovadas por unanimidade pelo conselho.

EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS

Pela distribuição dos trabalhos da missão (anexo IV) vê-se que êles abrangem três partes. A primeira é constituída por uma marcha pela via ordinária de 16 a 18 de junho, em três etapas de Lisboa a Tancos, com a média, por cada etapa de 40 quilómetros, efectuada pelos cursos das armas montadas, por uma secção de ciclistas do curso do 2.º ano de infantaria e pelo curso de administração militar; a segunda parte, de 19 a 27 do mesmo mês por exercícios de marcha, estacionamento e combate, sendo o último exercício com fogos reais, subordinados a hipóteses préviamente estabelecidas, e alternados, consoante os cursos, com os trabalhos de telegrafia, sapas, minas, comunicações, topografia, problemas e exercícios tácticos, reconhecimentos, destruições, tiro e trabalhos de estacionamento; a terceira parte, depois de um dia de descanso, de 27 a 29, por uma marcha de toda a coluna pela via férrea em comboio militar de Tancos ao Carregado com exercício de embarque e desembarque de pessoal, animal e material, e por uma marcha, pela via ordinária, do Carregado a Lisboa, com itinerário por Alemquer, Sobral, Bucelas e Loures. Durante a missão todos os trabalhos e serviços seriam desempenhados exclusivamente pelos alunos, com excepção de serviços gerais estranhos á instrução, que ficariam a cargo do pessoal auxiliar.

Se êste programa não representava realmente exigências extraordinárias, também não se pode dizer que seja de exigências mínimas, como é facil de ver pelo horário dos serviços (Ordens da coluna).

Apesar do desenvolvimento que nos últimos anos se tem dado aos exercícios físicos e militares, e da preparação que se tem procurado dar aos alunos, pode afirmar-se que a Escola, no seu conjunto, não estava devidamente preparada para as exigências do programa da missão. Êste facto, que já tinha sido notado pelo sr. 2.º comandante e pelo sr. Ivens Ferráz, na sessão do conselho de 8 de abril, receando-se que a falta de preparação tornasse difficil, senão impossivel, a missão projectada, foi depois confirmado pelo sr. Ivens Ferráz, que medindo bem e conscienciosamente as suas responsabilidades na direcção da instrução de artilharia, abria o seu relatório especial ao comandante da coluna com as seguin-

tes palavras:—«Aprovada pelo conselho de instrução a proposta para deslocar a Escola, por um período de alguns dias, para Tancos, afim de neste local se executarem exercícios militares de complemento, necessário se tornava realizar numerosos exercícios para tornar possível a constituição de uma divisão de artilharia sem necessidade de utilizar pessoal extranho aos respectivos cursos.»

Isto pelo que diz respeito á artilharia, o que não admira, pois que a Escola não dispõe nem de material nem de gado indispensaveis para a instrução dos alunos desta arma.

A infantaria, pela insuficiencia de pessoal para a direcção dos exercícios militares, pois que a cadeira não teve lente adjunto até ao fim de março, dando-se ainda a circunstância de o lente titular, além de outros serviços officiais, se achar sobrecarregado com os trabalhos de concurso de lente adjunto da sua cadeira que se realizou por provas públicas, além do número avultado de alunos do curso de infantaria e dos primeiros anos comuns, não se encontrava suficientemente preparada para os trabalhos projectados. Desta opinião era ainda o sr. Victorino Godinho, lente adjunto da 3.^a cadeira; pois no relatório especial que apresentou ao comandante da coluna dizia, referindo-se á epoca em que foi colocado na escola (fins de março)—«ter tido ensejo de constatar que os alunos não se encontravam suficientemente preparados para cooperarem satisfatoriamente na realização de todos os trabalhos de conjunto, que o conselho de instrução da Escola de Guerra se propunha levar a cabo fóra de Lisboa.—» Referia-se êste professor ao estado em que se encontrava a instrução relativa aos exercícios de infantaria.

Com relação aos cursos das outras armas, menos numerosos e dotados com o pessoal docente suficiente para a sua instrução, não se notavam apprehensões sobre o exito da missão. Em vista dêstes factos, necessário se tornava tomar algumas providências.

Assim, na distribuição dos trabalhos práticos de 11 a 30 de maio, fez-se essa distribuição, de fórmula que os reconhecimentos e os problemas tácticos no campo se realizassem, tanto quanto possível, na semana anterior á marcha para Tancos; e determinou-se que todo o período de 11 de maio a 15 de junho se realizasse, no intervalo dos outros trabalhos, uma série de exercícios destinados a dar aos alunos, não só os conhecimentos necessários para os trabalhos de conjunto, que se deviam realizar em Tancos, mas ainda o necessário treno para poderem resistir a trabalhos, cuja intensidade, até aqui, ainda lhes não tinha sido pedida.

Êstes exercícios preparatórios eram indispensaveis, sobretudo, para os cursos de artilharia, infantaria e primeiros anos comuns das diversas armas.

Pelo que diz respeito á artilharia foi solicitada superiormente autorização

para o regimento de artilharia n.º 1 fornecer o material e gado indispensáveis á realização destes exercícios, nos tempos disponíveis, desde o dia 1 de maio até 16 de junho.

As dificuldades a que já nos referimos, vêm agora juntar-se contrariedades, que só se conseguiram vencer pela tenacidade e boa vontade de todos.

Circunstâncias que a comissão desconhece, mas entre as quais certamente deviam avultar as exigências da instrução dos recrutas, determinaram o indeferimento do pedido da Escola.

O lente da 5.ª cadeira ponderou então ao conselho a impossibilidade de se realizar a missão sem estes exercícios preparatórios, resolvendo por isso o conselho enviar ao sr. Ministro da Guerra uma exposição nesse sentido.

Ao mesmo tempo o sr. Ivens Ferráz empregava directamente, como lente adjunto da mesma cadeira, todos os seus esforços, junto do chefe do gabinete do sr. Ministro da Guerra, afim de conseguir que, pelas diferentes unidades de artilharia de campanha, fossem destacadas para a Escola 15 parelhas com os respectivos condutores, um cabo e um clarim.

Surgiu porém nova dificuldade.

Na Escola era impossivel alojar todo o gado; e todas as diligências que se fizeram para o fazer adir ao regimento de artilharia n.º 1, ao de engenharia e ainda á guarda republicana, aquartelada no Cabeço de Bola, foram infrutíferas!

Por fim devido á boa vontade, especialmente do sr. 2.º comandante, ampliou-se sobre a direcção do sr. Silveira e Castro, um barracão na cêrca da Escola, onde se conseguiu arrumar o gado.

«Mas, diz o sr. Ivens Ferráz no seu relatório, não ficaram por aqui as contrariedades. O gado enviado para a Escola era quasi todo velho e chagado, mal podendo suportar as fadigas da instrução; e se o estado do gado não era bom, o dos arreios deixava também muito a desejar, tornando-se necessário dispender com êles, depois de alguns dias de instrução, a importância de 58\$00, para os colocar em regulares condições de serviço! « — E, como algumas parelhas não estivessem em condições de acompanhar a columna de instrução, foi pedida a sua substituição, que só se conseguiu depois de reiteradas solicitações particulares.

Por estas circunstâncias só no dia 22 de maio se iniciaram os exercícios de artilharia, realizando-se apenas três exercícios de escola de parelhas e de escola de viaturas, e seis exercícios de marcha e combate nos arredores de Lisboa. Era pouco, mas a boa vontade dos alunos, de justiça é consignal-o, era muita.

Nestes exercícios os alunos do curso de artilharia, 3.º ano, desempenharam

as funções de graduados e de serventes, e os alunos do 2.º ano as funções de condutores.

No último dia desta instrução o lente da 5.ª cadeira participou que os alunos de artilharia estavam em condições de marchar para Tancos.

Como vimos a preparação da infantaria também deixava muito a desejar. Procurou-se pois obviar á sua deficiente preparação, dando um pouco mais de intensidade aos exercícios militares no período de 16 de maio a 16 de junho.

Entendeu a comissão, como se vê no programa dos trabalhos, organizar uma secção de ciclistas, formada de 28 alunos do 2.º ano do curso de infantaria, cuja instrução especial foi confiada ao sr. capitão Pires Monteiro. Com o 2.º ano do curso de engenharia o resto do curso do 2.º ano de infantaria e com os cursos dos primeiros anos comuns foi organizada uma pequena coluna de infantaria.

Para preparar devidamente esta coluna foram ampliados os tempos de cada exercício, por forma a desembaraçar, quanto possível, os alunos. Assim, a secção de ciclistas teve 14 sessões, tendo percorrido 340,1 quilómetros ou seja, em media, 24,3 k. por sessão; a coluna de infantaria teve exercícios de marcha e táctica abstracta e aplicada.

A todos os alunos foram distribuidos armamentos e equipamentos regulamentares, e determinados os artigos de vestuário e diversos que deviam transportar, e a todos foi ministrada instrução prática sôbre equipamento, bivaque, etc., á medida que lhes ia sendo distribuido o material respectivo.

A infantaria não transportou no seu equipamento todos os artigos de vestuário e diversos, que são regulamentares, nem mesmo as munições, senão quando delas tinha de fazer uso nalgum exercício; reduzindo-se por isso a carga normal do infante a 10 quilos, aproximadamente.

Os lentes das cadeiras, a quem pelo regulamento compete a direcção e responsabilidade da respectiva instrução, deram aos alunos dos cursos de engenharia, cavalaria e do serviço da administração militar a instrução preparatória da missão que entenderam conveniente.

Nos últimos dias a coluna achara-se armada, equipada e com a preparação julgada indispensavel para marchar para Tancos.

No dia 13 de junho determinou o sr. general em ordem da escola, o seguinte:— «Que amanhã pelas 10 horas forme o corpo de alunos, com a constituição marcada para a coluna de instrução em Tancos, sob o comando do sr. tenente

coronel Mendes Leal, lente da 1.^a cadeira e director dessa instrução, a fim de lhe ser passada revista pelo sr. general comandante.

Cada uma das fracções da coluna será comandada pelo sr. lente adjunto, a cargo de quem está a respectiva instrução.

Todas as fracções comparecem em ordem de marcha.»

A coluna formou como fôra determinado, pelas 10 horas, sob o comando do tenente coronel Mendes Leal. Depois da revista passada pelo sr. general comandante, desfilou em continência diante de Sua Ex.^a, que, em local apropriado, se achava acompanhado dos lentes e outros oficiais em serviço na Escola. E' de justiça consignar que os alunos se apresentaram excelentemente, com aprumo, marchando bem, e deixando em todos uma boa impressão.

No dia 14 do mesmo mês publicava a ordem da Escola o seguinte :

— «Que para os trabalhos a realizar em Tancos, propostos pelo conselho de instrução e aprovados por Sua Ex.^a o Ministro, se constitua uma coluna sob o comando do sr. lente da 1.^a cadeira, tenente coronel José Joaquim Mendes Leal e que se compõe dos seguintes elementos: srs. lentes da 4.^a, 5.^a, 8.^a, e 9.^a cadeiras, e lentes adjuntos da 1.^a e 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a, 6.^a e 7.^a, 11.^a, 16.^a e 17.^a, 18.^a e mais os seguintes oficiais: capitão comandante do corpo de alunos, tenentes Marques Junior, Sousa Dias, Banazol e tenente medico.

O corpo d'alunos na sua totalidade, com excepção do n.º 79 598 João Pereira Tavares, que se acha em tratamento no hospital, adidos d'artilharia : 1 cabo 23 soldados e um clarim; do destacamento: 1.º sargento de cavalaria Machado e de infantaria Lima; 2.º sargento de infantaria Henriques; 1 primeiro cabo de cavalaria, 15 soldados, 2 ferradores, 39 cavalos; 3 primeiros cabos de infantaria; 39 soldados e 2 corneteiros; acompanham a coluna os cavalos praças ou montadas dos srs. lentes e lentes adjuntos e respectivos tratadores. Viaturas, 7.

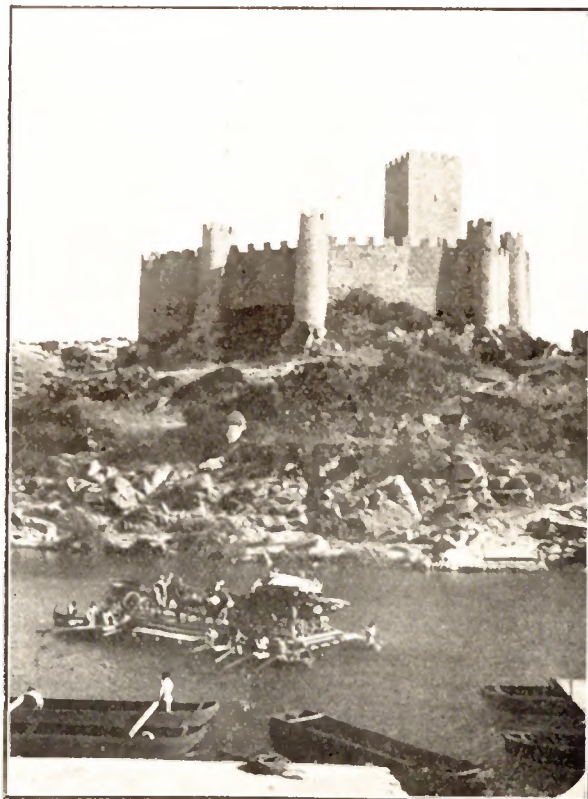
O fraccionamento da coluna e a marcha das diversas fracções, serão determinadas pelo sr. comandante da coluna.»

Em harmonia com esta ordem, o comandante da coluna determinou: que no dia 16 pelas 5 horas, um destacamento composto pelos cursos de engenharia militar 4.º ano, artilharia 3.º e 2.º; cavalaria 2.º; a secção de ciclistas de infantaria 2.º ano; e o curso de administração militar, sob o comando do sr. capitão Moraes Sarmiento, acompanhado pelo sr. capitão Lobato Guerra, adjunto da coluna, marchasse para Tancos, seguindo itinerário marcado no plano da missão. (Anexo VI).

No dia 18, no comboio das 17 e meia horas da tarde, marchou para Tancos, a fim de vêr as condições em que se encontravam todas as instalações destinadas

á columna e tomar quaisquer providências que fôsem necessárias, antes da chegada dos destacamentos que formavam a columna, o seu comandante, acompanhado do sr. capitão Ivens Ferráz; determinando ainda que no mesmo dia marchasse também a parte do pessoal destinado ao serviço de alimentação dos alunos. E finalmente determinou que no dia 19 pelas 5 horas da manhã marchasse de Lisboa para Tancos pela via férrea o 2.º destacamento, formado pelos oficiais que o compunham e que não tinham seguido com o primeiro destacamento, pela columna de infantaria e pelo pessoal auxiliar.

A's 8 horas da manhã do dia 18, a columna de instrução, achava-se em Tancos pronta a iniciar os seus trabalhos.



Tancos — Castelo de Almourol

Os trabalhos da coluna de instrução

A.—Marcha para Tancos

DESTACAMENTO N.º 1

Composição da coluna

Designações	Comando	CURSO DE					Total
		Engenharia militar 4.º ano	Artilharia 2.º e 3.º anos	Cavalaria 2.º ano	Infantaria 2.º ano	Administração militar	
Oficiais.....	3 (a)	1 (b)	1 (c)	1 (d)	1 (e)	1 (f)	8
Alunos.....	—	10	46	12	27 (g)	4	99
Praças... {	Porta bolsa de pensos.....	1	—	—	—	—	1
	Cabos.....	—	—	—	—	1	1
	Clarins.....	—	1	—	—	—	1
	Ferradores.....	2	—	—	—	—	2
	Tratadores.....	3	3	17	3	1	22
Solípedes {	Condutores.....	—	—	—	—	3	6
	Cavalos.....	4 (h)	13	32	17	2 (i)	76
	Muares.....	—	—	34	—	12	46
Viaturas. {	Peças.....	—	—	2	—	—	2
	Carros de munições.....	—	—	3	—	—	3
	Carros de esquadrão.....	—	—	—	—	19	19

Observações—(a) Lentes da 1.ª e 8.ª cadeiras e o tenente medico; (b) lente adjunto da 7.ª cadeira; (c) lente adjunto da 5.ª cadeira; (d) lente adjunto da 4.ª cadeira; (e) lente adjunto da 1.ª e 2.ª cadeiras; (f) lente adjunto da 11.ª cadeira; (g) ciclistas; (h) uma montada do tenente coronel Mendes Leal; (i) montadas dos lentes adjuntos da 1.ª e 2.ª e 3.ª cadeiras.

(1.º dia de marcha, Lisboa-Castanheira, 16 de Junho)

Em conformidade com a ordem n.º 1 da Coluna de Instrução a Tancos, dada de 14 de janeiro de 1913, assumi na manhã no dia 16 do mesmo mês e ano o comando do destacamento, o qual tinha por missão alcançar, em marcha itinerária, o polígono de Tancos, onde está instalada a Escola de Aplicação de En-

genharia. O destacamento encontrava-se em parada, dando-se para iniciar a marcha a respectiva ordem, que foi ditada aos comandantes dos diferentes agrupamentos escolares pelo senhor capitão Lobato Guerra, adjunto da coluna, que nessa qualidade acompanhava o destacamento. A marcha iniciou-se ás 6^h,30', tendo anteriormente já, ás 4^h,45', partido a secção de quartéis, que na vespera havia recebido as necessárias instruções para a marcha e serviço a desempenhar na preparação do estacionamento na Castanheira, localidade que fixei como objectivo final da 1.^a marcha.

A's 7^h,30' atingimos Sacavem; tendo sido, nesta primeira parte da etape, o destacamento acompanhado pelo sr. tenente coronel Mendes Leal, comandante da coluna de instrução, que pessoalmente quiz seguir os trabalhos iniciais da missão, bem como por alguns senhores lentes e oficiais em serviço na Escola que, com as suas presenças, certamente quizeram significar o entranhado amor que lhes merece tudo quanto se refere á instrução dos alunos.

A marcha neste dia efectuou-se sem que qualquer acidente notavel tivesse ocorrido, sendo o tempo muito favoravel á sua realização, pois embora, por vezes, cahisse alguma chuva foi esta em tão pequena quantidade, que não motivou o vestir capotes e o ceu nublado impediu que se fizessem sentir os efeitos dos raios solares.

Tendo comido o rancho frio na Cascalheira, ás 11^h,15', iniciámos novamente a marcha ás 12 horas e atingimos o terminus da etape ás 13^h,25', tendo percorrido um total de 34 quilómetros.

O estacionamento na Castanheira tinha sido preparado na propriedade do Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco, que foi duma cativante amabilidade, não só permitindo que o estacionamento se efectuasse na sua propriedade, como também mandando-a colocar em condições de nela mais comodamente nos instalarmos.

Neste primeiro estacionamento, os alunos instalaram-se na tribuna do picadeiro da quinta e numa outra casa onde, por ordem do proprietário, tinham sido colocadas esteiras de tabúa, novas, sobre as quais os alunos dormiram.

Os oficiais ficaram alojados numa casa da povoação que se encontrava desabitada e onde foram colocados leitos por conta dos oficiais.

O parque foi estabelecido dentro da propriedade, devidamente guardado, procedendo-se de igual fórma para com as bicicletas.

A refeição da tarde dêste dia e o café e refeição fria do dia imediato foram fornecidas pelo Hotel Ribatejano de Vila Franca, que expressamente as mandou cozinhar á Castanheira.

A refeição da tarde d'êste dia constou de sopa, dois pratos, fruta e vinho para os alunos e sopa e um prato para as praças; a refeição fria do dia immediato constou de pão, omelete de carne com ovos e queijo e ao café foi fornecido pão, tanto ás praças como aos alunos.

O preço porque saiu esta alimentação foi de 700 réis por official ou aluno e pouco mais de 180 réis por praça, preços estes que reputámos excessivamente baratos atendendo á abundância, qualidade e confecção das refeições.

(2.º dia de marcha, Castanheira-Santarem, 17 de Junho)

A partida da Castanheira efectuou-se ás 6^h,35' marchando o destacamento pela estrada de Azambuja-Cartaxo para Santarem, cidade que alcançámos ás 15 horas, tendo percorrido 41 quilómetros e 500 metros.

Nesta etape e próximo da povoação de Azambuja notou-se que um dos eixos dum dos carros de esquadrão, começava a caldear por falta de untura na respectiva caixa.

Tendo-se conseguido refrescar o eixo, alcançámos a povoação de Azambuja, onde os alunos de engenharia e administração militar, dirigidos pelo lente adjunto da 6.^a e 7.^a cadeiras, sr. capitão Silveira e Castro, procederam aos trabalhos necessários para que a viatura pudesse continuar a marcha.

Êste incidente obrigou-nos a permanecer na povoação de Azambuja das 9 ás 10^h,15'.

Próximo ao Cartaxo e ás 11^h,50' efectuou-se o alto destinado a comer o rancho frio, seguindo depois o destacamento para Santarem, onde, no quartel de artilharia n.º 3, se alojaram os alunos num dos parques de uma bateria e onde tinham sido colocadas enxergas, dotadas de lençoes e mantas. As praças ficaram adidas ao regimento de artilharia n.º 3.

A alimentação dos alunos e officiais foi fornecida pelo Hotel Central, sendo a sua composição a seguinte:

Refeição da tarde de 17, sopa, 2 pratos, fruta, vinho e café.

Refeição da manhã de 18, café, com pão e manteiga.

Refeição fr'a, pão com carne e pão com queijo.

O preço da alimentação neste dia foi de 700 réis por official ou aluno, incluindo a refeição fria e café do dia 18.

(3.º dia de marcha, Santarem-Tancos, 18 de Junho)

Partimos de Santarem ás 6^h,45ⁱ acompanhados pelo Ex.^{mo} Sr. tenente coronel de artilharia n.º 3, Vasconcelos, e outros senhores oficiais, seguindo o chamado *caminho do campo*, que, segundo informações colhidas, era o mais curto e estava em estado de poder ser utilizado pelas viaturas que acompanhavam o destacamento.

Com confiança o tomámos, mas mais uma vez se confirmou o velho ditado, pois que nas proximidades da estação de Vale de Figueira, o caminho, cortado por uma linha d'agua, transforma-se num atoleiro, deixando apenas transitável uma faixa do lado S. que tinha apenas a largura bastante, para permitir a passagem das viaturas. Para facilitar a passagem ordenei a alguns soldados que cortassem um pouco a terra do valado que a S. limita o caminho e a lançassem sobre o caniço, que os creados duma quinta próxima tinham deitado no atoleiro para aumentar a largura do trilho utilizável.

Devo aqui confessar que teria sido mais correcto utilizar-me, para tornar o caminho mais fácil, dos alunos de engenharia que faziam parte da coluna, mas tão pequena importância tinham, a meus olhos, os trabalhos a efectuar, que deles me não utilizei pela razão apontada.

Efectuado o trabalho de reparação que descrevi, dei ordem para a artilharia avançar, desfilando esta arma, sem que houvesse qualquer incidente. O mesmo não succedeu, porem, á passagem dos carros de esquadrão, pois que, indo na almofada de um deles o cabo enfermeiro, este receoso, por ver a viatura inclinada sobre a esquerda, por o rodado direito ir caminhando sobre o sopé do valado, gritou ao tronqueiro para se desviar para a esquerda, o que fez com que este, voltando-se para trás para ver do que se tratava, involuntariamente, desviasse a parelha para a esquerda, dando como consequência meter o rodado esquerdo da viatura no atoleiro.

Não conseguindo os esforços do sr. capitão Mascarenhas e alunos que, auxiliados por soldados, inclusivamente descarregaram até a viatura, desencravar esta, foram chamadas duas juntas de bois, que próximo andavam lavrando e que pronta e desinteressadamente se prestaram, não só a arrancar do atoleiro este primeiro carro, como tambem a passarem o segundo, que por impericia do respectivo tronqueiro se tinha também encravado.

Este incidente causou uma demora de hora e meia, só se recomeçando a marcha ás 9^h,30ⁱ, o que fez com que atingissemos a Golegã ás 14^h,45ⁱ, fazendo-se o grande alto cinco minutos depois num olival, que se encontra á saída desta povoação.

O calor e estado do gado motivou o ter que o dessedentar, durante a marcha, o que se fez na povoação do Pombalinho, dando-se agua ás muares em baldes



Data d'agua na Alverca de Pombalinho

Na Ponte da Pedra eramos aguardados por alguns officiaes em serviço na Escola de Aplicação de Engenharia, que quizeram ter a gentileza de nos ir esperar. Êstes officiaes informaram-nos de que, na ocasião, era difficil dár agua no polígono a um tão grande número de cabeças de gado, como era o do efectivo do destacamento, tendo até o gado em serviço na Escola, de ir beber ao rio Tejo a uma distância de 3 quilómetros de Tancos; estas informações levaram-nos a mandar dar ainda uma vez agua aos animais, o que fizemos na povoação da Barquinha, desatrelando as muares para que pudessem chegar ao bebedouro, pois que o adeantado da hora, e dadas as circunstâncias apontadas, impossivel era dar ao gado agua no polígono.

A's 18^h,30' entravamos na Escola de Aplicação de Engenharia, onde se co-meu a refeição da tarde.

CONCLUSÕES

Ao terminar êste relatório julgamos poder afirmar, escudados na experiência adquirida no comando dêste destacamento e em trabalhos similares, que em anos anteriores dirigi, que :

A instrução dos alunos muito aproveita com a execução de marchas pela via ordinária, especialmente quando feitas por alunos de cursos de armas diferentes constituindo uma só coluna; mas, para que o aproveitamento seja completo, é indispensavel que, para estas marchas, tenha havido anteriormente uma muito demorada e cuidada preparação, sendo absolutamente indispensavel que se exija uma rigorosa aplicação dos regulamentos, não se permitindo que qualquer dê livre curso á sua imaginação, e que se véle atentamente para que, em todas as situações, se mantenha integro o verdadeiro espírito militar.

Escola de Guerra, 31 de Julho de 1913.— (a) JULIO ERNESTO DE MORAES SARMENTO, *capitão de cavalaria, lente da 4.^a cadeira.*

Marcha de Lisboa a Tancos pela via ordinária

Composição da coluna

Designação	Oficiais	Alunos	Cavalos e soldados	Solípedes		Viaturas
				Cavalos	Marcas	
Comando :						
Comandante (leite da 1.ª cadeira).....	—	—	—	1		
Adjunto (leite da 8.ª cadeira).....	1	—	1	1		
Médico.....	1	—	1	1		
Engenharia militar, 4.º ano:						
Leites (adjunto da 6.ª cadeira).....	1	—	1	1		
Alunos.....	—	10	—	10		
Tratadores.....	—	—	1	1		
Artilharia, 2.º e 3.º ano:						
Leites (adjunto da 5.ª cadeira).....	1	—	1	2		
Comandante da divisão.....	—	1	—	1		
Chefes de secção.....	—	3 (a)	—	3		
Chefes de carro.....	—	3	—	3		
Serventes.....	—	11	—	11		
Condutores.....	—	28 (b)	—	11	31	5
Condutores-soldados.....	—	—	17 (c)	—		
Cavalaria, 2.º ano						
Leite e adjunto da 4.ª cadeira.....	2	—	2	2		
Alunos.....	—	12	—	12		
Tratadores.....	—	—	4	4		
Infantaria, 2.º ano:						
Leites (adjunto da 1.ª e 2.ª cadeira).....	1	—	1	2		
Alunos.....	—	27	—	—		
Administração militar:						
Leites (adjunto da 11.ª cadeira).....	1	—	1	1		
Alunos.....	—	4	—	4		
Tratadores.....	—	—	1	—		
Trem regimental:						
Cabos.....	—	—	2 (d)	1		
Clarim.....	—	—	1 (e)	1		
Ferradores.....	—	—	2			
Condutores.....	—	—	6		12	2
Enfermeiro.....	—	—	1			
	Σ	99	46	76	46	7
				122		

Observações—(a) 1 é o cont. do carro de 1.º remuncimento; (b) 17 conduzindo parrelha; (c) são soldados de artilharia, vão pela via férrea; (d) 1 de cavalaria, 1 de artilharia; (e) e o de artilharia.

ESCOGA DE GUERRA

COLUNA DE INSTRUÇÃO

DESTACAMENTO N.º 1



Lisboa, 15 - 6.º - 1913

Ordem de marcha
para 16

- Distribuição das tropas**
- Secção de ciclistas** I — A coluna, em marcha itinerária, seguirá pela estrada Lisboa—Arieiro—Sacavem—Vila Franca indo estacionar na Castanheira.
- Engenharia 15^ª** II — A secção de quartéis, comandada pelo capitão Maia Magalhães e constituída pelo tenente Costa Dias e tres alunos de cada um dos cursos de engenharia, 4.º ano, artilharia, 3.º ano, cavalaria, 2.º ano e de administração militar, partirá ás 4^h,30'.
- Cavalaria 15^ª**
- Artilharia 15^ª** Os alunos que compõem esta secção serão nomeados pelos lentes dos respectivos cursos, que marcham com a coluna, devendo os dos cursos d'engenharia e cavalaria, nomear também um tratador para acompanhar a secção de quartéis.
- Trem** III — A secção de ciclistas escolherá entre Alverca e Alhandra um local para a execução do grande alto, onde aguardará a chegada da coluna.
- A secção de ciclistas não excederá na marcha a velocidade de 9 quilómetros á hora.
- IV — Primeiro pequeno alto de 10^m ás 7^h,15'. Os outros sucedem-se de 2 em 2 horas.
- V — A ordem será dada na Castanheira, ás 15 horas.

O comandante do destacamento,

(a) JULIO ERNESTO DE MORAES SARMENTO

Capitão de cavalaria, lente da 1.ª cadeira

ESCOLA DE GUERRA

COLUNA DE INSTRUÇÃO

DESTACAMENTO N.º 1

N.º 2

Castanheira, 16 - 6.º - 1913

Ordem de marcha
para 17

I — A coluna continúa amanhã a marcha para Tancos, seguindo a estrada Castanheira—Azambuja—Cartaxo—Santarem indo estacionar em Santarem.

II — O horário a observar até à partida será o seguinte:

Alvorada	4 ^h
Café (para os soldados) e distribuição do rancho frio	4 ^h ,15'
Data d'agua e ração em seguida (pelas guardas)	4 ^h ,30'
Café para os alunos e distribuição do rancho frio	5 ^h
Aparelhar	5 ^h ,30'
Enfrear	6 ^h
Unir (para a artilharia) e montar a cavalo (para a cavalaria)	6 ^h ,10'
Partida	6 ^h ,30'

III — A secção de quartéis, comandada pelo capitão Maia Magalhães e constituída pelo tenente Costa Dias e 3 alunos de cada um dos cursos de engenharia 4.º ano, artilharia 3.º ano, cavalaria 2.º ano e administração militar partirá às 4^h,30'.

Os alunos serão nomeados pelos lentes dos respectivos cursos, devendo os dos cursos de engenharia e cavalaria nomear também um tratador para acompanhar a secção de quartéis.

IV — A secção de ciclistas escolherá um local para o grande alto nas proximidades do Cartaxo, aguardando ali a chegada da coluna. Marchará com velocidade não superior a 10 quilómetros por hora.

V — Ordem em Santarem às 15 horas.

O comandante do destacamento

(a) JULIO ERNESTO DE MORAES SARMENTO

Capitão de cavalaria, lente da 1.ª cadeira

ESCOLA DE GUERRA

COLUNA DE INSTRUÇÃO

DESTACAMENTO N.º 1

N.º 3

Santarem, 17 - 6.º - 1913

Ordem de marcha
para 18

I — A coluna continúa amanhã a marcha para Tancos, seguindo a estrada Santarem—Vale de Figueira—Pombalinho—Azinhaga—Golegã—Ponte de Pedra—Barquinha—Tancos.

II — O horário a observar até à partida será o mesmo da ordem n.º 2.

III — A secção de quartéis, sob o comando do capitão Silveira e Castro e constituída pelo tenente Costa Dias e 3 alunos de cada um dos cursos de engenharia, 4.º ano, artilharia 3.º ano, cavalaria 2.º ano e administração militar, partirá às 4^h,30'. Os alunos serão nomeados pelos lentes dos respectivos cursos, devendo, os dos cursos de engenharia e cavalaria, nomear também um tratador para acompanhar a secção de quartéis.

IV — A secção de ciclistas escolherá o local do grande alto além e próximo da Golegã.

V — Ordem em Tancos às 15 horas.

O comandante do destacamento

(a) JULIO ERNESTO DE MORAES SARMENTO

Capitão de cavalaria, lente da 1.ª cadeira

B.—Instalações em Tancos

Não foi fácil a resolução do problema de alojar, nas dependências que a Escola de Aplicação de Engenharia podia ceder, um tão grande número de alunos, soldados e solípedes. Foi necessário vencer várias dificuldades, a algumas das quais já nos referimos, não tendo sido das menores a de obter camas para os 234 alunos que faziam parte da coluna.

Vencidas, porém, essas dificuldades, a comissão assentou num plano que,



CASERNA I — (Depósito de material de pontes)

posto em prática, deu resultados bastante satisfatórios. Em harmonia com esse plano, requisitaram-se à Escola de Aplicação de Engenharia, e foram por esta cedidos para a instalação da coluna, as seguintes edificações e alojamentos:

1.º — ALOJAMENTO PARA OFICIAIS: 18 quartos na Aringa;

2.º — ALOJAMENTO PARA OS ALUNOS: Caserna I — *Depósito de material de pontes*; nesta caserna foram colocadas 88 camas. — Caserna II — *Depósito das secções de telegrafistas*; foram aqui colocadas 146 camas. *Casas de lavagem para alunos*: da caserna I, a *casa do fiel do parque*; da caserna II, as duas *arrecações das secções de telegrafistas*.

3.º — REFEITÓRIO E COZINHA PARA O RANCHO DOS ALUNOS: O refeitório foi instalado num *depósito de mobília* na Aringa e a antiga cozinha e refeitório dos oficiais, também na Aringa, foi destinada a cozinha, arrecadação e lavagem de louças.

4.º — SECRETARIA DA COLUNA: Foi estabelecida na *casa da ferramenta portátil*, na parada do parque:



Cozinha do rancho dos alunos

5.º — QUARTO DO OFICIAL DE SERVIÇO: Foi destinada a este fim a *casa dos instrumentos topográficos*, à entrada da parada do parque, onde se achavam as casernas dos alunos.

6.º — PARQUE E ARRECADAÇÃO DE ARMAMENTO: As viaturas da coluna foram abrigadas no *telheiro do parque de poutes*; um telheiro situado entre as duas casernas foi destinado a arrecadação de armamento.

7.º — ALOJAMENTO PARA SOLÍPEDES: 33 cavalos foram alojados na *cavaliça do gado da escola*; 41 cavalos e 46 muares ficaram na *cavaliça do gado do destacamento*.

8.º — ALOJAMENTO PARA AS PRAÇAS: Foram facilmente alojados nos quartos e casernas destinados às unidades em instrução no polígono, os 3 sargentos e 95 cabos e soldados que faziam parte da coluna.

Os artigos de mobília e diversos utensílios necessários ao serviço da coluna foram quasi todos fornecidos pela Escola de Aplicação de Engenharia. As camas destinadas aos alunos eram camas de campanha existentes nas arrecadações da



Enfermaria da coluna

Escola de Aplicação de Engenharia e que tinham pertencido ao antigo campo de manobras de Tancos. São constituídas por um quadro de madeira com pés de ferro, onde se estica, por meio de cordas, um pano de lona. Como, porém, em virtude dos pés serem muito curtos, estas camas ficavam quasi rentes ao solo, foram elas colocadas sobre pés de barra de cama de soldado. Parte destes pés de barra foram requisitados ao ministério da guerra, por não os haver em Tancos em quantidade suficiente. A Escola de Engenharia forneceu também 234 travesseiros e 468 mantas para camas. Nas casernas foram colocadas 117 mesas de madeira, de tesoura, também pertencentes ao antigo campo de manobras, e os

candieiros para iluminação necessários. Nas casas de lavagem collocaram-se 40 lavatórios com as respectivas bacias de cara, algumas bacias para outras lavagens, e recipientes para transporte e depósito d'agua.

No refeitório dos alunos foram collocadas 6 mesas com $12^m \times 0^m,80$, destinadas cada uma a 40 alunos, os bancos respectivos, e 2 mesas destinadas a aparadores. As mesas para o refeitório tiveram de ser feitas expressamente nas oficinas da Escola de Aplicação de Engenharia. Parte da loiça destinada ao refeitório foi fornecida pela Escola de Engenharia, sendo a restante enviada da Escola de Guerra.

As restantes instalações da coluna foram mobiladas com o mobiliário indispensavel e com os recursos existentes em Tancos.

Também algumas pequenas reparações e obras foi necessário requisitar à Escola de Aplicação de Engenharia e foram executadas por pessoal dessa Escola. Assim, a antiga cozinha e refeitório dos officiais, na Aringa, destinada a cozinha e arrecadação de loiça dos alunos, teve de sofrer ligeiras reparações e beneficiações. O telheiro destinado a arrecadação de armamento foi vedado e nele collocados armeiros para 150 espingardas, 90 espadas e alguns cabides e prateleiras. Nas cavalariças foi necessário improvisar cavaletes para os arreios. A disposição das casernas e refeitório dos alunos era a que mostra o croquis junto a este relatório (Anexo VIII). Os diferentes locais occupados pelas instalações da coluna acham-se indicados na carta do polígono, também junta a este relatório (Anexo IX).

C.—Trabalhos em Tancos ⁽¹⁾

DIA 19

Reunida e instalada em Tancos, desde a manhã de 19 de junho, toda a coluna de instrução, pela fórma porque acabamos de indicar, seguia-se a execução dos diferentes exercícios e trabalhos práticos que, em harmonia com o programa elaborado pela comissão e aprovado pelo conselho de instrução, deviam ser effectuados pelos alunos dos diferentes cursos desde o dia 19 até 26 de junho. Conforme a distribuição d'esses trabalhos práticos e exercícios, a tarde do dia 19

(1) Esta secção do relatório, na parte relativa à instrução, foi elaborada pelo lente da 8.ª cadeira sr. Lobato Guerra, adjunto da coluna, em harmonia com os relatórios dos lentes que dirigiram a instrução.

era destinada a uma visita aos trabalhos da Escola de Aplicação de Engenharia. Tornava-se, porém, necessário que os alunos chegados na véspera pela via ordinária, e mesmo aqueles que de Lisboa tinham ido pela via férrea, procedessem à limpeza do seu armamento e equipamento individual, bem como das bôcas de fogo e viaturas da divisão de artilharia e do trem regimental da coluna. Convinha igualmente que o comando, por meio de uma revista geral, ajuizasse das condições em que se encontrava a coluna depois da marcha para Tancos e antes de iniciar os seus trabalhos de instrução no polígono.

Determinei pois que na manhã dêste dia, em seguida ao almoço, se efectuasse a limpeza do armamento, e que pelas 12^h,30' toda a coluna se achasse formada na parada do parque, comparecendo os alunos armados e equipados, mas a pé, afim de por mim lhes ser passada revista.

Os alunos apresentaram-se nesta formatura com bastante correcção, sendo algumas deficiências, que notei, suficientemente explicaveis pelo pouco tempo que tinham tido para se prepararem.

Em seguida a esta revista, os lentes, a quem competia a direcção dos cursos montados, passaram revista aos solípedes distribuidos a êsses cursos. A esta revista assistiu o veterinário do grupo de pontoneiros, cuja presença tinha sido préviamente solicitada.

Pelas 15 horas realizou-se a visita aos trabalhos da Escola de Aplicação de Engenharia. Para êsse fim foram os alunos divididos em quatro turmas, dirigidas cada uma delas por um lente ou lente adjunto. Êsses lentes foram: o lente da 9.^a cadeira, o lente adjunto da 6.^a e 7.^a cadeiras, o lente adjunto das 17.^a e 18.^a cadeiras e o lente adjunto da 16.^a cadeira. Nesta visita foram os referidos lentes muito eficazmente coadjuvados pelos oficiais das unidades de engenharia, em instrução no polígono, que amavelmente se prestaram a dar aos alunos todos os esclarecimentos necessários acêrca dos trabalhos visitados. Os mais importantes dêsses trabalhos constam da relação seguinte:

TRABALHOS DE SAPADORES MINEIROS.—Dois redutos com 180^m de extensão de linha de fogo, providos de diversos tipos de revestimentos e abrigos blindados;

Vários espaldões para artilharia, abrigos para metralhadoras e trincheiras abrigos para infantaria;

Trabalhos de minas, compreendendo a execução dos diversos tipos regulamentares de poços, galerias e minas;

Trabalhos de sapa, compreendendo a execução de paralelas, e trincheiras de comunicação, em harmonia com as prescrições regulamentares;

Dois observatórios de campanha;

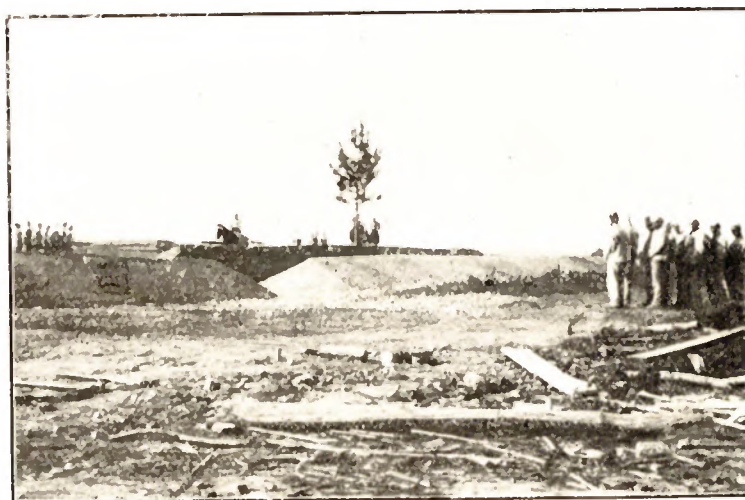
Uma ponte suspensa de cabos de aço, com o vão de 45^m;

Uma ponte parabólica construída com tábuas de sôlho e ferragens improvisadas, com o vão de 16^m;

Uma passerelle para infantaria, suspensa de amarras, com dois vãos de 20^m;

Uma ponte peixe, passerelle para infantaria (material de equipagens).

TRABALHOS DE PONTONEIROS.—Um trôço de ponte de cavaletes, construída na margem esquerda do Tejo.



ESCOLA DE APLICAÇÃO DE ENGENHARIA — Um peduto

Lançamento d'uma ponte por barcos sucessivos entre a margem direita do Tejo e o castelo de Almourol;

Exercícios de navegação de trens de pontes a 16 remos, para transporte de tropas entre as duas margens.

Segundo a distribuição dos trabalhos práticos a realizar em Tancos, aprovada em sessão do conselho de instrução de 8 de abril de 1913, no dia seguinte, 20 de junho, devia realizar-se um exercício de marcha e estacionamento de toda a coluna. Nessa conformidade, a ordem da coluna, n.º 2 de 19 de junho, inseria as determinações necessárias para a realização daquele exercício. Porém, já depois de, pelo adjunto do comando, ter sido ditada a ordem aos alunos dos di-

ferentes cursos encarregados de a receber, fui procurado pelo tenente medico da coluna que me comunicou que uma grande parte dos alunos de artilharia, que tinham feito a marcha pela via ordinária, especialmente aqueles que tinham desempenhado o papel de condutores, se achavam muito fatigados, alguns com as mãos doridas e mesmo feridas, e que se não encontravam em boas condições para efectuar no dia seguinte um exercício de marcha.



ESCOLA DE APLICAÇÃO DE ENGENHARIA — Entrada de mina

Ô conselho de instrução tinha-me autorizado a, de acôrdo com os meus colegas que faziam parte da coluna, alterar o programa dos trabalhos quando circunstâncias atendíveis assim o aconselhassem. Reuni, pois, todos os lentes e lentes adjuntos que faziam parte da coluna, afim de os ouvir sobre uma alteração da distribuição dos trabalhos, que consistia em realizar em 20 os trabalhos marcados para 21, os quais, pelo facto de se efectuarem dentro do poligono, ou a

pequena distância, eram muito menos fatigantes que o exercício de marcha e estacionamento, adiando êste para qualquer dos dias seguintes. Tendo a maioria dos meus colegas manifestado a opinião de que não havia inconveniente em que a distribuição dos trabalhos sofresse a alteração acima indicada, e que, pelo contrário, havia vantagem em poupar aos alunos fadigas exageradas, resolvi or-



ESCOLA DE APLICAÇÃO DE ENGENHARIA — Trabalhos de minas

denar que ficasse adiado o exercício para quando fosse determinado, e que no dia 20 se efectuassem os trabalhos determinados para 21. Com êste fim mandei publicar um aditamento à ordem n.º 2 que vai inserido nos anexos.

DIA 20

Em harmonia com o horário determinado na ordem n.º 2 para os dias de estacionamento no polígono, os trabalhos de instrução realizaram-se em dois períodos, durando o da manhã desde as 6 às 10 horas e o da tarde desde as 15 às 18 horas.

Os trabalhos realizados neste dia constam do quadro seguinte :

Trabalhos efectuados no dia 20 de junho

CURSOS	1.º PERÍODO — 6 H. ÀS 10 H.	2.º PERÍODO — 15 H. ÀS 18 H.
<i>Engenharia militar, 1.ª ano.....</i>	Telegrafia. Estabelecimento e exploração de uma rede de comunicações.	Comunicações. Estabelecimento de passagens num curso de água com material de equipagens.
<i>Engenharia militar, 3.ª ano.....</i>	Trabalhos de sapa e minas.	Idem.
<i>Engenharia militar, 2.ª ano.....</i>	Problemas táticos.	Idem.
<i>Artilharia, 3.ª ano.....</i>	Exercícios sobre o emprego de esclarecedores e agentes de ligação na artilharia.	Exercícios de artilharia.
<i>Artilharia, 2.ª ano.....</i>	Trabalhos de sítio. Traçado e distribuição dos trabalhadores para a execução de uma bateria de 1.ª posição.	Deputação de posições, preparação do tiro, simulação do tiro de regulação e de eficácia em determinadas situações táticas.
<i>Cavalaria, 2.ª ano.....</i>	Telegrafia. Estabelecimento e exploração de uma rede de comunicações.	Reconhecimentos. Reconhecimento do Rio Zezere e Nabão até Santa Cita; da via férrea de Tancos ao Entroncamento e da estrada Tancos-Abrantes até Montalvo.
<i>Infantaria, 2.ª ano.....</i>	Reconhecimentos.	Tiro. Determinação do efeito do tiro concentrado e repar-tido em largura.
	Destruições. Destruição de carris, postes telegráficos, defezas accessorias, etc. — Fornillos.	Idem.
	Idem.	Idem.
<i>Administração militar.....</i>	Idem.	Reconhecimento administrativo da povoação de Tancos.
<i>Artilharia de campanha, cavalaria e infantaria, 1.ª ano.....</i>	Execução de trabalhos de topografia expedita.	Problemas táticos.
	Problemas táticos.	Execução de trabalhos de topografia expedita.
	Idem.	Problemas táticos.
	Idem.	Idem.
	Idem.	Idem.

TELEGRAFIA: -- Os trabalhos de telegrafia realizados pelos alunos dos cursos de engenharia militar 4.º ano e cavalaria 2.º ano, no período da manhã, consistiram no estudo e estabelecimento de uma rede de comunicações entre Tanços, Praia e Constança, empregando duas estações telegráfico-telefônicas, dois postos heliográficos Mance e quatro postos de bandeiras. Esta rede não chegou a entrar n'uma regular exploração, devido ao mau funcionamento de uma das es-



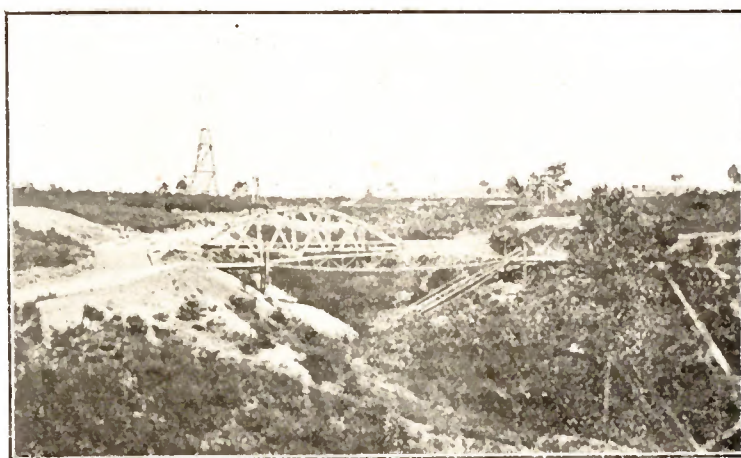
ESCOLA DE APLICAÇÃO DE ENGENHARIA — Trabalhos de sapa

tações telegráfico-telefônicas, sendo o serviço estabelecido por intermédio da estação civil da Praia, com a qual se pôs em comunicação a outra estação, colocada no alto da Conceição.

COMUNICAÇÕES: — No período da tarde, os alunos dos cursos de engenharia militar 4.º, 3.º e 2.º anos visitaram os trabalhos da companhia de instrução dos pontoneiros, assistindo ao lançamento de uma ponte de barcos por lanços e á construção de um vão de ponte de cavaletes com o caixilho de manobra, to-

mando conhecimento do material e do trem de navegação e barca de passagem que se achavam construídos.

TRABALHOS DE SAPA E MINAS:—Os alunos de engenharia militar 3.^o ano, na sessão da manhã, foram divididos em dois grupos, cada um dos quaes foi encarregado de acompanhar os trabalhos de sapas e minas, que estavam sendo executados pelo pessoal de cada uma das duas companhias de instrução do batalhão de sapadores mineiros destacadas em Tancos. Pelos oficiais instrutores foram ministrados todos os esclarecimentos acêrca do projecto e execução dêstes trabalhos.



ESCOLA DE APLICAÇÃO DE ENGENHARIA — Observatório e ponte parabólica

TRABALHOS DE SÍTIO:—Os alunos de artilharia 2.^o ano, na sessão da manhã, executaram o traçado, e iniciaram o perfilamento, d'uma bateria de sítio, destinada a cooperar no ataque regular a uma obra de fortificação permanente, que se supunha construída no alto de D. Luiz. A bateria devia ser artilhada com 4 peças de 15^{mm}, tendo sido adoptado, com pequenas modificações, um dos tipos indicados no «Manuale per l'ufficiale del genio in guerra». Não se tendo podido requisitar na véspera o material e ferramentas necessárias para o traçado e perfilamento da bateria, foi uma parte importante da sessão consumida na requisição e recepção dos mesmos, pelo que diminuto foi o trabalho produzido.

EXERCÍCIO SÔBRE O EMPRÊGO DE ESCLARECEDORES E AGENTES DE LIGAÇÃO NA ARTILHARIA:— Para não fatigar os cavalos, realizaram-se estes exercícios a pequena distância do polígono, na margem direita do Zezere.

Os alunos foram divididos em dois grupos, cada um dos quais se supôz constituir os esclarecedores de um grupo de batarias, que se deslocava em obediência a um têmea simples, préviamente explicado aos alunos. Os exercícios abrangeram as seguintes partes: 1.º Reconhecimento e balizagem d'um itinerário; 2.º Estudo das condições de acesso a uma determinada posição; 3.º Emprêgo dos esclarecedores durante o combate.

Pelos relatórios escritos, apresentados pelos alunos, e pelo que foi visto pelo lente adjunto que dirigiu esta instrução, notou-se que, áparte ligeiras faltas, tão naturais em quem ainda não tem o hábito dos exercícios no campo, não tinham sido improficuas as lições teóricas sôbre o assunto ministradas na Escola.



A divisão de artilharia

EXERCÍCIOS DE ARTILHARIA: — A sessão da tarde foi destinada a exercícios d'artilharia para os alunos do 2.º e 3.º anos.

Ainda para não fatigar muito o gado, aproveitou-se a posição do Cerrinho, dentro do polígono, para aí realizar a ocupação de uma posição de contra encosta, mostrando aos alunos o interêsse particular que o estudo de tais posições, tem, por vezes, para o artilheiro.

Com este fim a divisão pôs-se em marcha, supondo-se constituir uma bateria de um destacamento, que se ia opôr à tentativa de lançamento de uma ponte que o adversário procurava estabelecer sobre o Tejo, em Almourol. A bateria era acom-

panhada pelos seus esclarecedores, sendo a escolha, reconhecimento e ocupação da posição realizadas pelos alunos, aos quais, propositadamente, se deu iniciativa para proceder, visto tratar-se dum exercício de complemento, em que se iam aplicar conhecimentos já adquiridos nos exercícios dos arredores de Lisboa e nas lições teóricas.

Notou-se neste exercício, como de resto nos seguintes, um particular interesse da parte dos alunos e grande vontade de aprender, revelando nas perguntas



Escorvamento de um petardo

que dirigiam aos lentes que os acompanhavam, e na solução que davam aos pequenos problemas que lhes eram propostos, uma base de conhecimentos já muito para apreciar.

Terminado o exercício, aproveitou-se o ensejo para realizar a descida de uma vertente escarpada da posição. exercício que produziu a melhor impressão, principalmente pela forma habil como os conductores do 2.º ano de artilharia conduziram as viaturas. A instrução que lhes tinha sido ministrada em Lisboa, e a que receberam durante a marcha para Tancos, deu a estes alunos, no manejo da parrelha, uma notavel pericia, que difficilmente se poderá exceder.

PROBLEMAS TÁCTICOS:— Na sessão da manhã tomaram parte nesta instrução os cursos de engenharia militar 2.º ano, e artilharia de campanha, cavalaria e infantaria, 1.º ano comum (2.ª, 3.ª, 4.ª, e 5.ª turmas) e na sessão da tarde a 1.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª turmas do curso de artilharia de campanha, cavalaria e infantaria, 1.º ano comum.

O número de alunos que tomaram parte n'esta instrução era muito elevado, superior a 50, tornando-se necessário executar trabalhos em que fôsse possível utilizar, simultaneamente, a actividade de um grande número de alunos.



Rebentamento de um petardo

Nesta orientação, os alunos praticaram, neste dia e nos imediatos, nos seguintes serviços: diferentes formações de marcha, influência da velocidade na execução da marcha, passo à vontade e passo cadenciado, altos; e, subordinados a temas préviamente estabelecidos, estudo do desenvolvimento ofensivo duma guarda avançada, e estabelecimento do serviço de protecção em estação. A execução destes trabalhos foi prejudicada pela pequena duração das sessões que lhes eram destinadas.

DESTRUIÇÕES.— Os trabalhos executados neste dia e nos seguintes consistiram no estudo comparativo de diversos explosivos, pela apreciação dos seus efeitos, como agentes de destruição.

Os explosivos empregados foram os seguintes :

Nitrotoluene, em petardos de 200 gramas ;
 Algodão polvora ;
 Dynamite n.º 1, em cartuchos de 100 gramas ;
 Dynamite goma » » » » »
 Chedite » » » » »

A himalaíte, que fôra também requisitada, só chegou a Tancos na véspera da partida da coluna para Lisboa, não sendo por êste facto experimentada.

As experiências executadas pelos alunos, que tomavam parte nesta instrução divididos em grupos, consistiram no escorvamento, colocação das cargas e lançamento de fogo, estudando os efeitos dos explosivos sobre a terra, rocha, aço e madeira. Reconheceu-se nos diversos materiaes a extensão do fenómeno da explosão por influência, notável no aço, mas exigindo para os outros materiaes o contacto dos cartuchos, quando não havia atacamento.

Estudou-se a destruição duma via férrea, applicando os petardos sob as travessas, para produzir o levantamento da linha, e na alma dos carris, para obter a rutura. Verificou-se a acção do nitrotoluene sob a água, o que demonstrou a sua possível applicação no serviço dos torpedos.

RECONHECIMENTOS. — O 2.º ano do curso de cavalaria executou os trabalhos desta natureza, que constam do respectivo quadro. Os trabalhos executados pelos alunos do 2.º ano de infantaria, na sessão da manhã dêste dia e nos dias seguintes, consistiram em reconhecimentos de vias de comunicação, localidades para acantonamento, e estudo de occupação de posições para pelotão e companhia, exercícios êstes subordinados a uma hipótese táctica simples. Se considerarmos a pouca prática que os alunos tinham dêstes reconhecimentos, poderemos dizer que êles satisfizeram na sua maioria, notando-se da parte de muitos o desejo e a boa vontade de acertar.

TIRO. — Em harmonia com o programa dos trabalhos a realizar em Tancos, o 2.º ano de infantaria devia ter 3 sessões de tiro. Pareceu conveniente aproveitar essas sessões para fazer com os alunos algumas experiências de tiro colectivo, que nem sempre é possível efectuar nos regimentos.

A sessão da tarde dêste dia foi destinada à determinação do efeito do tiro concentrado, e do tiro repartido em largura. O alvo era constituído por uma linha de 49 atiradores de pé. A experiência realizou-se em condições regulares, tendo sido mostrado aos alunos, no fim da sessão, um gráfico dos alvos com a indicação

dos pontos de empate, por fôrma a êles poderem verificar imediatamente o resultado das experiências e poderem estabelecer a comparação entre os dois efeitos. Estas demonstrações foram acompanhadas das explicações necessárias á boa inteligência do assunto, dadas pelo lente adjunto que dirigia esta instrução. Alguns resultados se colheram destas experiências que, com vantagem, poderão repetir-se e tomar maior desenvolvimento nos anos seguintes.



Rebentamento de um petardo

RECONHECIMENTOS ADMINISTRATIVOS. — Na sessão da tarde, os alunos do curso de administração militar, divididos em dois grupos e sob a direcção do lente adjunto da 11.^a cadeira, procederam ao reconhecimento da povoação de Tancos, e suas imediações, sob o ponto de vista administrativo.

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA EXPEDITA. — Estes trabalhos consistiam no levantamento da planimetria de todo o polígono de Tancos, pelos processos da topografia expedita e empregando a bussola Peigné. Para estes trabalhos o curso de artilharia de campanha, cavalaria e infantaria 1.^o ano (comum) achava-se di-

vidido em 5 turmas, cada uma das quais dispunha de uma única sessão; cada turma compunha-se de cerca de 12 alunos.

O polígono de Tancos foi pois dividido em 5 polígonos parciais, cada um dos quais devia ser levantado por uma turma numa sessão. Cada turma foi ainda dividida em 6 grupos de 2 alunos; um destes grupos constituia a brigada dos desenhadores e os outros 5 as brigadas de levantamento.

Neste dia e nos dias 21 e 23, as 5 turmas efectuaram o levantamento completo do polígono, tendo os desenhos sido executados na escala de 1/2:500.

Na execução deste trabalho mostraram os alunos a melhor boa vontade e diligência, lutando com a fadiga, o sol abrazador e a falta de tempo.

Na tarde deste dia deu-me a Escola de Aplicação de Engenharia conhecimento da circular n.º 761 da repartição do gabinete da Secretaria da Guerra, de 17 de junho, em que se determinava a comemoração do centenário da batalha de Vitória. Em conformidade com a referida circular, determinei uma formatura geral da coluna para o dia 21 ás 12 horas, junto do quartel general do polígono. Por este motivo não era possível realizar ainda em 21 o exercício de marcha e estacionamento, determinando por isso que se realizassem no dia seguinte os trabalhos marcados no programa para o dia 23.

DIA 21

Os trabalhos de instrução efectuados foram os que constam do seguinte quadro:

Trabalhos efectuados no dia 21 de junho

CURSOS	1.º PERÍODO — 6 H. ÀS 10 H.	2.º PERÍODO — 15 H. ÀS 18 H.
<i>Engenharia militar, 1.º ano</i>	Reconhecimentos.	Visitas a depósitos de material.
<i>Engenharia militar, 3.º ano</i>	Trabalhos de sapa.	Idem.
<i>Engenharia militar, 2.º ano</i>	Problemas táticos.	Idem.
<i>Artilharia, 3.º ano</i>	Destruições. Destruição de carris, postes telegráficos, defesas accessorias, etc. Fôrnilhos — Comparação de explosivos.	Exercícios de artilharia. Ocupação de posições; preparação do tiro. Simulação do tiro de regulação e de eficácia em determinadas situações táticas. Crítica.
<i>Artilharia, 2.º ano</i>	Trabalhos de sítio.	Reconhecimentos.
<i>Cavalaria, 2.º ano</i>	Trabalhos de sapa.	Idem.
<i>Infantaria, 2.º ano</i>	Destruições. Destruição de carris, postes telegráficos, defesas accessorias, etc. Fôrnilhos.	Tiro. Determinação do efeito do tiro com uma só alça e com duas alças escalonadas.
<i>Administração militar</i>	Reconhecimentos.	Idem.
<i>1.ª turma</i>	Trabalhos de sapa.	Idem.
<i>2.ª turma</i>	Reconhecimento administrativo da Barquinha.	Visita a depósitos de material.
<i>3.ª turma</i>	Problemas táticos.	Problemas táticos.
<i>4.ª turma</i>	Idem.	Idem.
<i>5.ª turma</i>	Execução de trabalhos de topografia expedita.	Idem.
	Problemas táticos.	Execução de trabalhos de topografia expedita.
	Problemas táticos.	Problemas táticos.

RECONHECIMENTOS. — No período da manhã, os alunos de engenharia militar 4.º ano, divididos em 3 grupos, efectuaram os seguintes reconhecimentos: estação e pontes de caminho de ferro na Praia; estrada de Tancos a Constância; e uma parte do rio Zézere a partir da sua foz. Nos dois primeiros fizeram o estudo da destruição das pontes e provavel reparação e no último o estudo de uma ponte improvisada, empregando o material de equipagem, e respectivas avenidas

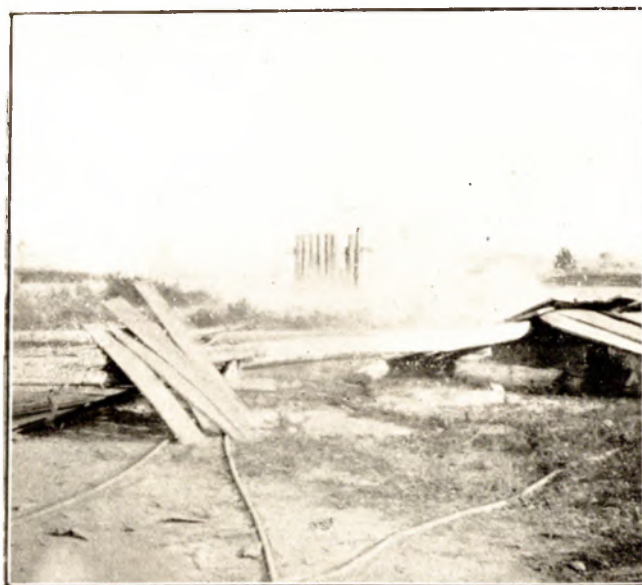


Destruição de uma palissada

de acesso, afim de permitir o transporte de material de artilharia de uma para outra margem. Foi também incumbido aos alunos o estudo das organizações defensivas que protegessem os diversos trabalhos.

VISITA A DEPÓSITOS DE MATERIAL. — No período da tarde os alunos dos cursos de engenharia militar, 4.º, 3.º e 2.º anos e administração militar visitaram os depósitos de material de sapadores mineiros, telegrafistas de campanha, caminhos de ferro e pontoneiros, tomando conhecimento dêste material, e em especial do material de telegrafistas, que examinaram com todo o detalhe, da ferramenta portátil de sapadores mineiros e do material para destruição, fazendo detonar algumas escorvas com o explosor Twist.

TRABALHOS DE SAPA. — Tomaram parte nesta instrução os alunos dos cursos de engenharia militar 3.º ano, cavalaria 2.º ano e 3.ª turma de infantaria 2.º ano. Os alunos de engenharia procederam ao traçado dum troço de comunicações em zig-zag, partindo duma paralela que se supunha fazer parte dos trabalhos executados no ataque regular à posição do alto de D. Luiz de que atrás se falou. Para abertura da comunicação, executada à sapa volante, supôz-se organizada uma coluna de trabalhadores, de que faziam parte os alunos dos cursos de cavalaria e infantaria que, nessa conformidade, realizaram vários exercícios de



Destruição de uma palissada

entrada em trabalho, interrupção, rendição e saída do trabalho, em harmonia com as prescrições do regulamento dos trabalhos de sapa, tendo os alunos do curso de engenharia desempenhado a missão confiada ao pessoal desta arma na direcção técnica dos referidos trabalhos.

Enquanto se procedia à requisição e reunião do material e ferramentas necessárias para êste serviço, visitaram os alunos dos cursos de cavalaria e infantaria os trabalhos de sapa, que estavam sendo executados pelas companhias de sapadores mineiros em instrução no polígono.

TRABALHOS DE SÍTIO. — Os alunos do curso de artilharia 2.º ano continua-

ram o perfilamento da bateria, iniciada no dia anterior e procederam ao traçado do paiol, destinado ao municionamento da bateria; executaram também o estudo e o traçado do caminho de acesso à posição da bateria e do caminho de ligação desta com o paiol.

EXERCÍCIOS DE ARTILHARIA. — Estes exercícios realizaram-se, como no dia anterior, nas posições do polígono, variando porém a situação táctica. A necessidade de familiarizar os alunos com a grande diversidade de problemas sobre o emprêgo da artilharia de campanha, exige que exercícios desta natureza sejam muito repetidos, afim de que aqueles adquiram o hábito de executar rapidamente a escolha da posição e a preparação do tiro.

TIRO. — No período da tarde, os alunos de infantaria 2.º ano executaram uma sessão de tiro colectivo, destinada à determinação dos efeitos do tiro com uma só alça e com duas alças escalonadas. O alvo era constituído, como no dia anterior, por uma linha de 49 atiradores de pé. No fim da sessão foi igualmente mostrado aos alunos um gráfico dos alvos, com a indicação dos pontos de empate.

Às 12 horas teve lugar a formatura geral para comemoração do centenário da batalha de Vitória. Os alunos compareceram armados e fizeram a continência à bandeira nacional quando esta foi içada no edifício do quartel general do polígono.

Nesse momento a divisão de artilharia, que formara com material, deu uma salva de 21 tiros.

Segundo o determinado na ordem da coluna, os lentes directores das diferentes armas deveriam recordar aos alunos o glorioso facto, que se comemorava, e salientar a intenção patriótica daquela solenidade. O excessivo calor, porém, e o facto da maior parte da coluna se achar formada ao sol, levou-me a mandar recolher os alunos aos seus aquartelamentos, logo depois da salva. Esta parte da comemoração foi depois efectuada por mim, por ocasião da formatura geral para os trabalhos da sessão da tarde.

Tornava-se necessário completar os estudos feitos durante a preparação da missão, para a realização do exercício de fogos reais. Era conveniente efectuar um levantamento expedito do terreno do exercício, de que só existia a carta co-

rográfica na escala 1/50000, e elaborar um t ma adaptavel ao terreno e que permitisse a maior segurança. Êste estudo tinha sido encetado durante a prepara o da missão, tendo-se verificado a possibilidade de realizar o exercício nos terrenos da margem esquerda do Tejo, mas não tinha sido possivel fixar todos os pormenores. Um exercício com fogos reais n'um campo de tiro de ocasião, exige uma prepara o muito minuciosa e um estudo cuidadoso das direc es de tiro, a fim de se evitarem possiveis desastres.

Para realizarem êsSES trabalhos de prepara o do exercício, marcharam na manhã dêste dia para os terrenos da margem esquerda do Tejo, em que êle se devia realizar, os lentes da 5.ª e 8.ª cadeiras e o lente adjunto da 3.ª. Seguiram desta vez direc o diferente da do primeiro reconhecimento, dirigindo-se pela estrada do Arripiado   Carregueira e subindo desta povoa o ao planalto do Marco pelo caminho do Casal do Rodeio. A natureza levemente ondulada do terreno, a ausência de casais e a possibilidade de executar o tiro de artilharia e de infantaria sem cruzamentos de fogos, perigosos em exercícios desta natureza, levou aqueles oficiais a pronunciarem-se definitivamente pelo terreno visitado, apesar de distar cêrca de 10 quil metros do polígono.

O lente da 8.ª cadeira e o lente adjunto da 3.ª cadeira recolheram ao polígono cêrca das 11 horas, ficando o lente da 5.ª cadeira no terreno do exercício, a fim de efectuar um levantamento expedito d'esse terreno, o que conseguiu levar a efeito até   noite, sob uma temperatura verdadeiramente tropical.

Para o dia seguinte, 22 de junho, determinei a realiza o do exercício de marcha e estacionamento que não tinha sido possivel efectuar em 20 e 21.

A ordem diária inseria as disposi es necessárias para que toda a coluna se achasse formada em ordem de marcha, pelas 6^h,15, junto das cavaliari as, na Avenida dos Pontoneiros. O t ma, as ordens de opera es e os trabalhos a efectuar pelos alunos, seriam comunicados aos diferentes cursos pelos respectivos lentes.

DIA 22

Em harmonia com os trabalhos de prepara o da missão, o exercício de marcha e estacionamento subordinava-se ao seguinte t ma :

Situa o geral

Fôrças do partido vermelho estacionam ao sul de Alvaizere na noite 21/22 de junho, enviando um destacamento mixto sôbre Tomar.

Uma divisão do partido azul estaciona no polígono de Tancos.

Situação particular

Um destacamento do partido azul, cuja guarda avançada é constituída por um batalhão de infantaria, 2 pelotões de cavalaria, 1 bateria de artilharia e 1 secção de telegrafistas de campanha, recebe, na madrugada de 22, ordem de marchar para Santa Cita, afim de cobrir o estacionamento das fôrças do seu partido.

O batalhão tem 3 companhias hipotéticas e 1 rial, que vai em extrema guarda avançada. A bateria tem uma divisão rial e a outra hipotética. A cavalaria de se-

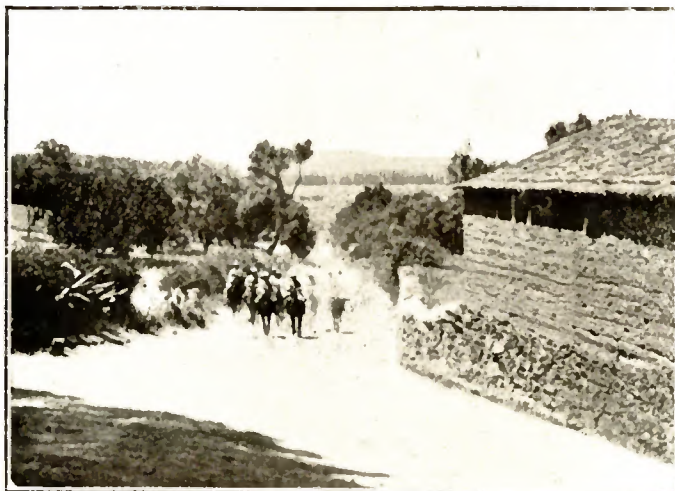


Marcha para Santa Cita — Um pequeno alto — O estado maior da coluna

gurança do destacamento é constituída por um grupo de esquadrões, representado por 12 cavaleiros; é apoiada por um pelotão de ciclistas, representado pelo grupo de ciclistas.

As ordens de operações para a execução dêste têmea: ordens de marcha do destacamento mixto e da sua guarda avançada, foram elaboradas muito tarde, a

horas muito adeantadas da madrugada, não tendo sido possível por êsse motivo, dar delas conhecimento a todos os lentes. Formada a 1.ª coluna, reuni todos os



A cavalaria chegando a Santa Cita

lentes e os alunos que comandavam as diferentes unidades e fiz lêr pelo adjunto do comando o tema e as seguintes ordens de operações:

1.ª DIVISÃO

Destacamento mixto
n.º 1

Polígono de Tancos, 22-6.º-913
às 6^h,30'

Ordem de marcha
para 22

Distribuição das tropas

Cavalaria de segurança

Grupo de esquadrões de cavalaria 2, menos 2 pelotões.

1 pelotão de ciclistas.

Guarda avançada

Comandante: o do batalhão.

2 pelotões de cavalaria.

1 batalhão de infantaria n.º 1.

I — *Situação* — Fôrças inimigas estacionam ao sul de Alvaizere e um destacamento mixto avança sôbre Tomar.

A nossa divisão estaciona no polígono de Tancos.

II — *Fim* — O destacamento vai marchar sôbre Santa Cita afim de cobrir o estacionamento da divisão.

III — *Disposições* — a) *Cavalaria de segurança* — Marcha a 8 quilómetros do grosso; começa a exploração a partir de Chora Fôme (Δ 206). No fim da marcha vigia a linha Carril-Quinta da Saúde-Murteira-Cem Soldos-Vale de Cima.

1 bateria de artilharia n.º 1.

1 secção de telegrafistas de campanha.

Grosso da coluna (Hipotético).

Guarda da rearguarda (Hipotética).

b) — *Infantaria* — A guarda avançada vai estacionar em Santa Cita cobrindo-se com postos avançados na linha Durões-Guerreira e organizando defensivamente as saídas das povoações.

O grosso vai estacionar em Matrena-Linhaceira.

c) — *Ciclistas* — Durante a marcha apoiam a cavalaria e no fim da marcha vão estacionar em Casal de Deus, no flanco direito dos postos avançados, constituindo um posto especial.

d) — *Engenharia* — Estabelece as ligações entre o grosso da coluna e a divisão.

e) — *Local de concentração* — Avenida dos Pontoneiros.

f) — *Itinerário* — Avenida dos Pontoneiros-Portela-Linhaceira-Santa Cita.

g) — *Horas de partida* :

Cavalaria de segurança.....	7 ^h ,
Guarda avançada.....	7 ^h ,30'
Grôso da coluna.....	7 ^h ,50'

h) — *Pequenos altos* — O primeiro pequeno alto será ás 8^h, e 45'.

i) — *Alimentação* — Pelos trens regimentais.

j) — *Trens regimentais* — São postos á disposição das unidades respectivas das 12^h, ás 14^h.

IV — *Local do comando* — Marcho no grosso da guarda avançada e vou estacionar em Santa Cita.

Modo de transmissão

Por eserito, á cavalaria de segurança e ciclistas e ditada aos enviados á ordem pelas diferentes unidades.

O comandante do destacamento

F...

1.ª DIVISÃO
Destacamento mixto
Guarda avançada
n.º 1

Local de concentração, 22-6.º-913
às 6^h, 40'

Ordem de marcha da guarda avançada
para 22

Distribuição das tropas

Cavalaria da guarda avançada

2 pelotões de cavalaria do 2.º esquadrão.

Flecha

1 pelotão da 1.ª companhia.

Extrema guarda avançada

1.ª companhia menos 1 pelotão.

Grosso da guarda avançada

2.ª comp.^a }
3.ª comp.^a } 1.º batalhão.
4.ª comp.^a }

2.ª bateria do regimento de artilharia n.º 1.

Secção de telegrafistas de campanha.

Patrulhas

N.º 1—1 sargento e 12 soldados da 2.ª companhia.

N.º 2—Um cabo e 8 soldados.

N.º 3—Um cabo e 8 soldados.

Observação—Todas as patrulhas serão representadas por 2 alunos.

I — *Situação* — Fôrças inimigas estacionam ao sul de Alvaizere e um destacamento mixto avança sobre Tomar. A nossa divisão estaciona no polígono de Tancos.

II — *Fim* — O destacamento vai marchar para St.^a Cita a fim de cobrir o estacionamento da divisão; a guarda avançada cobrirá a coluna sobre a estrada de marcha e durante o estacionamento.

III — *Disposições* — a) *Cavalaria de protecção* — No fim da marcha transforma-se em cavalaria de postos avançados. b) — *Infantaria* — O grosso fornece três patrulhas de flanco:

Patrulha n.º 1 — Itinerário: Portela-Laranjeiras-Chora Fóme (△ 206)-Vale da Fonte e reune á columna na Linhaceira.

Patrulha n.º 2 — Itinerário: Carreira de tiro - Casal do Paulo-Casal do Garrapo-Casal do Gaspar e reune á columna próximo de Chora Fóme.

Patrulha n.º 3 — Itinerário: sai da columna no cruzamento de caminhos 600^m a N. O. de Chora Fóme e segue por Casal Novo para St.^a Cita.

c) — *Secção de telegrafistas de campanha* — Estabelece a ligação entre o grosso da columna e a divisão.

d) — *Itinerário* — Avenida dos Pontoneiros-Portela-Linhaceira-St.^a Cita.

e) — *Horas de partida* :

Cavalaria de protecção e flecha 7^h,23'

Extrema guarda avançada 7^h,25'

Grosso da guarda avançada 7^h,30'

f) — *Pequenos altos* — O primeiro pequeno alto será ás 8^h,45'.

- g) — *Alimentação* — Pelos trens regimentais.
 h) — *Trens regimentais* — Serão postos á disposição das unidades respectivas das 12 ás 14 horas.
 IV—*Local do comando* — Marcho na testa do grosso da guarda avançada.

Modo de transmissão

Ditada aos comandantes dos diferentes elementos da guarda avançada.

O comandante da guarda avançada
 (a) JOSÉ JOAQUIM MENDES LEAL
Tenente coronel

Como se depreende das horas de partida indicadas nesta ordem, a marcha iniciou-se bastante depois da hora designada na ordem diária da véspera para a concentração da coluna. Foi isto devido, principalmente, ao tempo gasto na leitura do têma e das ordens de operações e nas indicações dadas pelos lentes, aos



Data d'agua no Nabão

diferentes cursos, sôbre os detalhes da execução dos diversos serviços e trabalhos a executar, o que tudo foi feito depois da concentração da coluna.

Durante a marcha não ocorreu incidente algum digno de menção. A exploração e a ligação dos diferentes elementos da coluna fizeram-se por fórmula bastante satisfatória. A marcha foi, porém, bastante penosa, sobretudo para os alunos que a executaram a pé, em virtude do excessivo calor; o ardor do sol começou a fazer-se sentir logo depois das 8 horas.

Próximo de St.^a Cita dei a seguinte ordem de estacionamento para a guarda avançada.

1.^a DIVISÃO
Destacamento mixto
Guarda avançada
 n.º 2

*Estrada de marcha, 300^m a S. E. de St.^a Cita,
 22-6.º-913, ás 10^h,45'*

**Ordem de estacionamento da guarda
 avançada para 22**

Distribuição das tropas

Postos avançados

A cavalaria de protecção.

A companhia da extrema guarda avançada.

Posto especial

Pelotão de ciclistas.

I — *Situação* — A mesma da ordem de marcha. A cavalaria de segurança, no fim da marcha, vigia a linha Carri - Quinta da Saude - Murteira - Vale de Cima.

II — *Fim* — O grosso da guarda avançada vai estacionar em St.^a Cita, cobrindo o estacionamento do grosso da coluna entre Matrena e Linhaceira.

III — *Disposições* — a) *Linha de resistência dos postos avançados* — Casal de Deus - Durões - Guerreira.

b) — St.^a Cita, Guerreira, Durões e Casal de Deus serão organizados defensivamente.

c) — *Locais de estacionamento* :

Infantaria — St.^a Cita, em bivaque;

Artilharia — St.^a Cita, em bivaque;

Secção de telegrafistas de campanha — St.^a Cita, em bivaque.

d) — A secção de telegrafistas de campanha estabelece a ligação da cavalaria de segurança com o estacionamento do grosso da guarda avançada.

IV — *Local do comando* — Estaciono em St.^a Cita.

Modo de transmissão

Por escrito, ao comandante do pelotão de ciclistas; verbalmente, aos comandantes das outras unidades.

O comandante da guarda avançada

(a) JOSÉ JOAQUIM MENDES LEAL

Tenente coronel

Emquanto se estabeleciam os postos avançados, o grosso da guarda avançada, representado pela divisão de artilharia, permaneceu em coluna na estrada, a S. E. de Santa Cita; estabelecidos os postos avançados, a artilharia foi estacionar no seu bivaque em Santa Cita. Em seguida, e atendendo à intensidade do calor, mandei ordem à companhia em postos avançados, ao grupo de ciclistas e à cavalaria para recolherem a Santa Cita e bivacarem.

Alguns alunos de infantaria recolheram ao bivaque bastante fatigados, tendo

mesmo um aluno experimentado um principio de insolação que exigiu os cuidados do médico. Êste aluno efectuou a marcha de regresso no carro de esquadrão.

À secção de telegrafistas, constituída pelos alunos de engenharia militar 3.º e 4.º ano, foi incumbida a ligação entre o grosso da coluna e a divisão (Tancos), durante a marcha, e a ligação da cavalaria de segurança com o grosso da guarda avançada, durante o estacionamento.



Bivague da engenharia em Santa Cita

Com êste fim os alunos instalaram um pòsto heliográfico no Cerrinho, que ligava com outro pòsto colocado no Chorafome (Δ 206). Dêste pòsto far-se-hia a ligação com o comando da coluna em marcha por meio de ordenanças ou postos de bandeiras, conforme a distância; os postos de bandeiras não chegaram a instalar-se por não serem necessários. Os postos heliográficos comunicaram entre si despachos de serviço, mas não fòram utilizados no serviço da coluna por não ter sido necessário.

A comunicação entre a cavalaria e o estacionamento fez-se por meio das estações telegráfico - telefónicas que foram instaladas: uma, no cruzamento das estradas Santa Cita-Praia e Santa Cita-Asseiceira e a outra, na estrada de Tomar,

junto do comando da cavalaria. Em virtude do mau funcionamento dum dos telefones, levou bastante tempo a estabelecer a comunicação, mas empregando o telégrafo, conseguiu-se estabelecer o serviço.

Durante a marcha e a permanência em Santa Cita, os alunos do curso de administração militar efectuaram o reconhecimento, sob o ponto de vista administrativo, das seguintes povoações próximas da estrada: Matrena, Santa Cita e Asseiceira. Também êstes alunos, no bivaque de Santa Cita, dirigiram a distribuição das rações a homens e solípedes.



Bivaque da artilharia em Santa Cita

Consumido o rancho frio e passada a maior fôrça do calor, iniciou-se a marcha de regresso, cêrca das 16 horas; esta marcha foi uma simples marcha itinerária, vindo adiante as armas montadas para que o trato dos solípedes se pudesse fazer ainda com bastante dia. A infantaria entrou no polígono muito bem disposta e marchando com correcção.

DIA 23

Para êste dia determinou-se a realização dos trabalhos que pelo primitivo programa se deviam efectuar em 24, os quais constam do seguinte quadro:

Trabalhos efectuados no dia 23 de junho

CURSOS	1.º PERÍODO — 6 H. AS 10 H.	2.º PERÍODO — 13 H. AS 15 H.
<i>Engenharia militar, 1.º ano.....</i>	Reconhecimentos.	Destruições.
<i>Engenharia militar, 3.º ano.....</i>	Trabalhos de sapa.	Idem.
<i>Engenharia militar, 2.º ano.....</i>	Problemas táticos.	Idem.
<i>Artilharia, 3.º ano.....</i>	Exercícios de preparação do tiro de artilharia. Preparação do tiro a uma posição de vigilância. — Execução de vistas panorâmicas.	Exercícios de artilharia. Execução de tiro de granada explosiva contra um casal e um muro de alvenaria.
<i>Artilharia, 2.º ano.....</i>	Problemas táticos.	
<i>Cavalaria, 2.º ano.....</i>	Exercício de passagem de cursos de água a nado.	Destruições.
<i>Infanteria, 2.º ano.....</i>	Trabalhos de sapa.	Exercício de tática em ordem unida.
	Idem.	Idem.
	Reconhecimentos.	Idem.
<i>Administração militar.....</i>	Construção de fornos improvisados de campanha.	Construção de fornos improvisados de campanha.
<i>Artilharia de campanha, cavalaria e infantaria, 1.º ano.....</i>	Problemas táticos.	Exercício de tática em ordem unida.
	Idem.	Idem.
	Idem.	Idem.
	Idem.	Idem.
	Execução de trabalhos de topografia expedita.	Idem.

RECONHECIMENTOS. — No período da manhã, os alunos de engenharia militar 4.º ano efectuaram o reconhecimento da estrada de Tancos a Rio de Moinhos, o reconhecimento do Tejo até ao mesmo ponto, e o do vau ali existente.

DESTRUIÇÕES. — No período da tarde os alunos dos cursos de engenharia militar 4.º, 3.º e 2.º anos e cavalaria 2.º ano, executaram a preparação e rebentamento de vários petardos de tutol, dinamite, chedite, e dinamite goma, verificando os seus efeitos sobre a terra, postes, troncos, carris, e uma palissada. Por falta de tempo não se efectuaram nesta sessão outras experiências projectadas e que eram destinadas a mostrar os efeitos dos explosivos sobre blindagens, muros e defezas acessórias.



Bivague de infantaria em Santa Lita

TRABALHOS DE SAPA. — Os trabalhos executados na sessão da manhã dêste dia foram a continuação e repetição dos efectuados no dia 21.

EXERCÍCIOS DE PREPARAÇÃO DO TIRO DE ARTILHARIA. — Êstes exercícios foram executados pelos alunos do 3.º ano de artilharia, na sessão da manhã, em posições escolhidas dentro do poligono e eram destinados a *estudos de preparação do tiro numa posição de vigilância*.

Os alunos foram divididos em dois grupos, a cada um dos quais foi distribuido um sector de vigilância de 300 milésimos, exigindo-se: 1.º Reconhecimento da posição; 2.º Elaboração de um boletim de vigilância; 3.º Execução de uma vista panoramica; 4.º Preenchimento de um boletim de tiro para determinadas

hipóteses de aparecimento do objectivo. O resultado das séries de regulação e do tiro de eficácia foi indicado aos alunos pelo lente que dirigiu o exercício.

Não era a primeira vez que os alunos realizavam exercícios desta natureza, cuja importância não é necessário aqui salientar. Entre os trabalhos recolhidos no fim do exercício, mereceram especial menção algumas vistas panorâmicas que revelavam a habilidade de quem as executou.

EXERCÍCIOS DE ARTILHARIA. -- A importância crescente que tem, para a artilharia, o emprêgo da granada explosiva, levou a incluir nos trabalhos a realizar em Tancos um exercício com aquele projectil, não só para instrução dos cursos



Uma distribuição em Santa Cita

de artilharia, como também para que os alunos dos restantes cursos tivessem ensejo de observar os seus efeitos. Com êste intuito determinei que os outros trabalhos do período da tarde terminassem mais cedo e que os alunos de todos os cursos assistissem a esta sessão de fogo.

Como alvo, solicitou-se de uma das companhias de sapadores mineiros em instrução no polígono, a construção, a meia encosta do Alto de D. Luiz, de um pequeno casal de alvenaria e de um muro do mesmo material, tendo na parte central uma blindagem de carris de ferro. Á frente, como defezas acessórias, collocaram-se rêdes de fio de ferro. Procurou-se assim improvisar um obstáculo da mesma natureza dos que a artilharia pode encontrar no campo de batalha, afim de estudar os efeitos da granada explosiva.

De manhã, tinham os alunos procedido à colocação dos detonadores nas granadas explosivas, os quais, por precaução, tinham sido retirados antes da marcha para Tancos.

O tiro foi executado com uma peça postada no Cerrinho, a cerca de 1100^m do alvo, prudentemente colocada num abrigo de carris, afim de se evitarem os efeitos desastrosos a que podia dar lugar um possível, embora pouco provável, rebentamento prematuro. Êste abrigo foi construído pela outra companhia de sapadores mineiros. Como medida económica, foi a regulação do tiro feita com granada ordinária; mas a experiência mostrou que esta, não se fracturando completamente, provoca ricochetes perigosos, principalmente em regiões populosas como aquela em que se realizou o exercício.

O tiro de eficácia foi executado com 10 granadas explosivas, a maior parte das quais bateu na base do muro, no meio dos fios de ferro. O resultado do tiro foi a destruição do casal e de parte do muro.

Os grandes laqueios do sector dos ângulos de sítio, naturalmente provenientes da destruição lenta a que estão sujeitas as partes delicadas do material com as contínuas escolas de recrutas, dificultou a execução de um tiro preciso como é o de percussão.

Como ensinamento dêste exercício puderam os alunos observar o efeito insignificante da granada explosiva da peça de campanha contra terras e defezas acessórias, e os efeitos importantes contra obstáculos resistentes, principalmente alvenarias. O serviço da peça foi desempenhado por 3 alunos, revelando o apon-tador uma grande pericia na compensação dos êrros provenientes das deficiências do material atrás indicadas.

Como medida de segurança, foi proibido, durante a sessão de fogo, o transito pelos caminhos que passavam próximo do alvo ou cortavam a linha de tiro, colocando-se para êste fim, em diferentes pontos, patrulhas constituídas com alunos do 3.º ano de artilharia.

EXERCÍCIO DE PASSAGEM DE UM CURSO DE ÁGUA A NADO. — A sessão da manhã dêste dia foi destinada para o curso de cavalaria 2.º ano praticar nalgumas das fórmulas porque uma patrulha de cavalaria pode atravessar um curso de água, escolhendo-se para êste exercício o rio Tejo, em frente da povoação da Praia.

Os alunos fôram divididos em 3 grupos. O primeiro grupo efectuou a passagem sendo os homens e os arreios transportados num barco cujo barqueiro se prestou a auxiliar o exercício, e seguindo os cavalos a nado presos ao barco.

O segundo grupo constituído por 3 alunos, devia efectuar a passagem nadando

os cavalos e seguindo os cavaleiros desmontados, ao lado dos cavalos, e agarrados a êstes. Um dos alunos efectuou a passagem sem novidade, outro voltou à margem de partida e o terceiro esteve em iminente risco de se afogar. ⁽¹⁾

Em vista dêste incidente não se realizou a última parte do exercício que consistia também na travessia a nado, mas sendo o armamento, equipamento e arreios conduzidos em pequenas jangadas, construídas na ocasião para êsse efeito.

EXERCÍCIOS DE TÁCTICA DE INFANTARIA EM ORDEM UNIDA. — No período da tarde, o curso do 2.º ano de infantaria e o curso de artilharia de campanha, cavalaria e infantaria 1.º ano comum, deviam, segundo o programa dos trabalhos, realizar uma sessão de tiro colectivo destinada a reconhecer o efeito do fogo por descargas, repartido, sobre uma companhia avançando por secções de costado por quatro. Não se realizou, porém, esta experiência por o não permitirem, por um lado, o receio quanto à segurança da carreira, pois que era necessário mudar a origem do tiro, e por outro, a dificuldade na colocação dos alvos, ligada à falta do tempo necessário para êste fim.

Esta instrução foi substituída por um exercício de tática de infantaria em ordem unida.

CONSTRUÇÃO DE FORNOS IMPROVISADOS DE CAMPANHA. — Esta instrução foi ministrada aos alunos do curso de administração militar. Para a construção e laboração dos fornos tinham sido requisitados à Manutenção Militar de Lisboa 2 soldados com a profissão de padeiro e 1 com a de forneiro e à Escola de Aplicação de Engenharia, 9 soldados sapadores mineiros, êstes últimos para cavarem a trincheira para os fornos.

Os fornos executados foram: 1 de sistema inglês usado em Aldershot (descrito no «Army service corps training»); 1 do sistema usado pela administração militar austriaca (descrito no «Technisches handbuch fur militärische verpflegsorgane» de Tlappek) e 1 do sistema belga, de cestões. A construção dêstes 3 fornos ocupou um dia útil (8 horas de trabalho) aos 4 alunos do curso de administração militar e aos 12 soldados que os coadjuvaram. Os fornos foram construí-

(1) O aluno Ferreira Lima não se desmontou a tempo, por fôrma que o cavalo, logo que perden pé, mergulhou demasiado, atligindo-se e debatendo-se. O sr. Capitão Moraes Sarmiento, lente da 4.ª cadeira, que dirigia o exercício e seguia no barco, ordenou-lhe que se desmontasse, o que o aluno Ferreira Lima fez; mas não sabendo nadar e já com a serenidade perdida, agarrou-se à cabeça do cavalo que continuava debatendo-se. Como a situação se tornasse crítica o sr. capitão Moraes Sarmiento, com uma coragem e abnegação dignas do maior elogio, lançou-se vestido à água e, não sem dificuldade e com risco da própria vida, conseguiu salvar o aluno e alcançar o barco.

dos num terreno a Sul do edificio da antiga sucursal da Manutenção Militar, próximo e com acesso fácil para a estrada Tancos-Abrantes, ficando as bôcas orientadas na direcção do vento predominante (norte).

DIA 24

Foi êste o dia destinado à realização do exercício de passagem de um desfiladeiro, primitivamente marcado para o dia 22.

O têma elaborado para êste exercício era o seguinte:

Situação geral

Fôrças do partido vermelho retiram pela estrada Tancos-Constância-Abrantes. Uma divisão do partido azul persegue o inimigo em retirada.

Situação particular

Ao atingir o Entroncamento, o comandante da divisão do partido azul recebe da sua cavalaria de segurança a informação de que o inimigo destruiu a ponte sôbre o Zézere e defende a passagem do rio.

A guarda avançada da divisão recebe ordem para atacar o inimigo no intuito de garantir à divisão a passagem do Zézere.

Como, em virtude do têma, se supunha destruída a ponte da estrada distrital Entroncamento-Tancos-Constância-Abrantes, solicitou-se da companhia de portoneiros, em instrução no polígono, o lançamento de uma ponte de equipagem sôbre o Zézere. O trabalho efectuou-se quási inteiramente na tarde de 23, achando-se em 24 de manhã lançada uma ponte de cavaletes a montante da ponte de ferro da estrada.

Supunha-se que a coluna representava a guarda avançada da divisão do partido azul, sendo a sua constituição e fraccionamento os seguintes:

CAVALARIA DE PROTECÇÃO. — 2 pelotões (representados por 2 alunos de cavalaria).

SECÇÃO DE CICLISTAS. — (27 alunos de infantaria).

FLECHA DE INFANTARIA. — 1.^a companhia do 1.^o batalhão do regimento n.^o 1 (representada por 30 alunos de infantaria).

EXTREMA GUARDA AVANÇADA. — 2.^a, 3.^a, e 4.^a companhias do 1.^o batalhão do regimento n.^o 1 (representadas pela restante infantaria)

GROSSO DA GUARDA AVANÇADA. — Comando;

2.^o e 3.^o batalhões do regimento de infantaria n.^o 1 (hipotéticos).

I grupo de 3 baterias de artilharia (uma, representada pela divisão de artilharia; as outras duas, hipotéticas)

I secção de telegrafistas de campanha (representada pelos alunos do 4.^o e 3.^o anos de engenharia).



Os ciclistas passando o Zézere a vau

I secção de pontoneiros (representada pelo 2.^o ano de engenharia).

A CAVALARIA DE SEGURANÇA da divisão (3 esquadrões menos 2 pelotões) era representada pelos alunos de cavalaria 2.^o ano.

O exercício realizou-se em conformidade com o seguinte:

DESENVOLVIMENTO DO EXERCÍCIO. — O comandante da divisão, ao chegar ao Entroncamento, dá ordem à guarda avançada para atacar o inimigo nas posições que ocupa, afim de garantir à divisão a passagem do Zézere, mandando mais reforçar a cavalaria de segurança com a cavalaria de protecção.

O comandante da guarda avançada, ao chegar a Tancos, dá a ordem de combate. A artilharia, tomará posição no Alto da Conceição. A flecha de infantaria (I companhia) protegerá directamente a artilharia, desenvolvendo-se na encosta do Alto da Conceição. As outras três companhias da extrema guarda avançada desenvolvem-se na encosta, entre o Casal do Padre Meira e a Ribeira da Gata.

A cavalaria de segurança executará um largo movimento envolvente pelo flanco direito do inimigo, atravessando o Zézere no vau a norte da Cascalheira (Δ 146).



Os ciclistas na margem do Zézere

Os ciclistas conservar-se-hão em reserva; depois do inimigo ter abandonado a posição, passam o rio a vau e avançam pela estrada Constância-Abrantes, a fim de apoiar a cavalaria de segurança.

A secção de telegrafistas de campanha estabelecerá a ligação entre o comando (Alto da Conceição) e a cavalaria de segurança, por meio de póstos óticos.

A secção de pontoneiros, depois do inimigo retirar, efectua o lançamento de uma ponte de cavaletes sôbre o Zézere.

A infantaria e a artilharia passam então o rio e ocupam na margem esquerda as posições convenientes para garantir à divisão a passagem do desfiladeiro (ponte).

Como em Tancos a coluna se supunha já formada e em marcha, deu-se ordem para que as unidades formassem na Avenida dos Pontoneiros, junto das cavalariças, a horas diferentes, e daí partissem convenientemente escalonadas. A cavalaria partiria às 4^h,30', a infantaria às 6^h, e a artilharia a horas convenientes



A infantaria junto ao Zezere

para deixar ganhar à infantaria a necessária distância. Porém, dificuldades do trato dos solípedes, da distribuição do café aos alunos e a necessidade de comunicar aos lentes e aos alunos o tema, o desenvolvimento do exercício, e a ordem de combate, fizeram com que a cavalaria só pudesse partir próximo das 6 horas. Afim de dar tempo à cavalaria de efectuar o seu largo movimento envolvente, foi forçoso demorar a partida da infantaria e da artilharia até depois das 7 horas.

Em harmonia com o tema e o desenvolvimento do exercício, dei a seguinte ordem de combate:

1.ª DIVISÃO

Guarda avançada
n.º 2Tancos, 24-6.º-1913 ás 7^h,15'Ordem de combate
para 24

I—SITUAÇÃO.—O inimigo ocupa a margem esquerda do Zézere e, tendo destruído a ponte de ferro sôbre êste rio, opõe-se à passagem da divisão.

II—FIM.—A divisão continúa a marcha. A guarda avançada tem por missão repelir o inimigo, proceder ao lançamento duma ponte de equipagem e proteger a passagem do rio pela divisão.

III—DISPOSIÇÕES.—a) INFANTARIA.—A companhia da flecha desenvolve-se na encosta leste do Alto da Conceição. A extrema guarda avançada desenvolve inicialmente duas companhias entre o Casal do Padre Meira e a Ribeira da Gata.

a) — ARTILHARIA.—Toma posição no Alto da Conceição.

c) — CICLISTAS.—Mantêm-se em reserva a O. do Alto da Conceição.

d) — ENGENHARIA.—A secção de telegrafistas de campanha estabelece as comunicações pela telegrafia ótica entre o comando (Alto da Conceição) e as diferentes unidades, especialmente com a cavalaria de segurança. A secção de pontoneiros procede aos trabalhos preparatórios para estabelecer uma passagem através do rio.

IV—LOCAL PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDAS AS COMUNICAÇÕES.—Alto da Conceição.

Modo de transmissão:

Por escrito, aos comandantes da cavalaria de protecção, da extrema guarda avançada e dos ciclistas; verbalmente, aos comandantes dos outros elementos da guarda avançada.

O comandante do destacamento

(a) JOSÉ JOAQUIM MENDES LEAL

Tenente coronel

Às 7^h,15' punha-se em marcha a flecha, e sucessivamente os outros elementos da guarda avançada, depois de se ter enviado à cavalaria de protecção ordem para «avançar e procurar reunir à cavalaria de segurança, afim de a reforçar» e de se ter comunicado esta ordem ao comandante da extrema guarda avançada.

Efectuada sem incidente a curta marcha até à margem direita do Zézere, a flecha e a extrema guarda avançada desenvolveram-se por volta das 8^h,30' nas



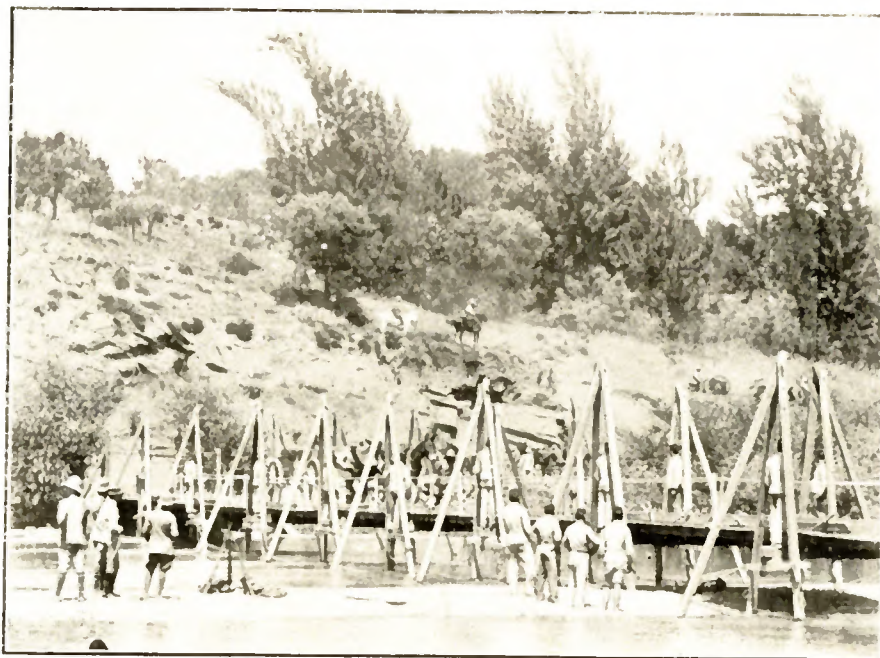
A infantaria passando a ponte sobre o Zézere

posições que lhes estavam indicadas e romperam o fogo sôbre a margem esquerda, que se supunha ocupada pelo inimigo.

A artilharia tomou posição, como estava determinado, no Alto da Conceição, efectuando os esclarecedores da divisão o reconhecimento e balizagem do itinerário seguido desde a estrada até à posição. A entrada em posição executou-se com grande dificuldade, em consequência da inclinação do terreno e da sua arborização. A divisão estabeleceu-se no desenfiumento do homem a pé, sendo extraordinariamente trabalhosa a manobra do material para o meter em combate. As circunstâncias apontadas e a pouca prática dos alunos na execução de mano-

bras de força tão violentas, demoraram e tornaram um pouco tumultuária a manobra, defeito que já se não notou ao abandonar a posição.

O exercício de fogo decorreu bem, executando o aluno comandante da divisão a preparação e regulação do tiro. Embora a natureza do ataque demandasse por vezes o emprêgo duma grande massa de fogos, o tiro de eficácia executado foi extremamente lento, em consequência de ser muito diminuta a dotação de munições.



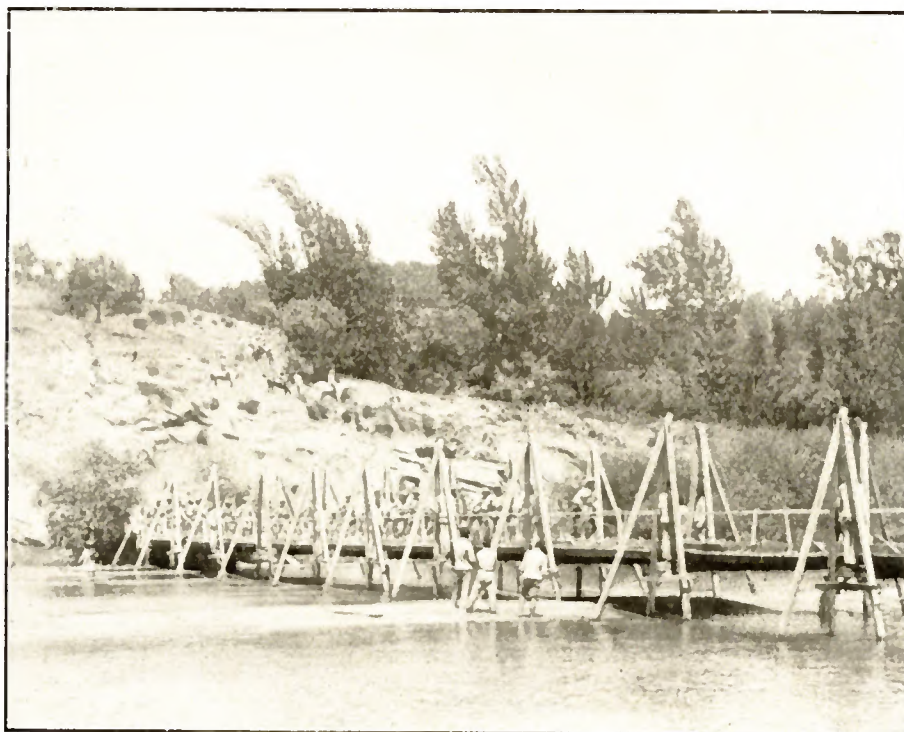
A artilharia passando a ponte sobre o Zézere

A *secção de telegrafistas* de campanha estabeleceu a ligação do Alto da Conceição com a infantaria, a artilharia, a secção de ciclistas e a secção de pontoneiros, por meio de 4 postos de bandeiras, e a ligação do mesmo Alto com a cavalaria de segurança por intermédio de um posto heliográfico colocado na Cascalheira (Δ 146) e dois postos de bandeiras.

Pouco depois das 9^h recebia-se, por intermédio do posto heliográfico da Cascalheira, a comunicação de que a cavalaria de segurança atingira o vau do Zézere e ia procurar envolver o flanco inimigo, que se achava no alto de cota 140

a N. de Santa Barbara. Às 9^h,30' recebia-se pela mesma via, comunicação de que a cavalaria de segurança envolvera o flanco do inimigo e de que este começava a abandonar as suas posições e iniciava a retirada sobre Abrantes.

Enviei então as seguintes ordens. — Ao comandante da secção de ciclistas : «A nossa cavalaria envolveu o flanco do inimigo que começou a abandonar as



Os ciclistas passando a ponte sobre o Zézere (depois do exercício)

suas posições. Passe o Zézere a vau e estabeleça-se na margem esquerda afim de proteger o lançamento de uma ponte a montante da ponte destruída».

Ao comandante da secção de pontoneiros: «Prepare o estabelecimento de uma ponte de equipagem cujo lançamento começará logo que a secção de ciclistas tenha passado o rio e se estabeleça na margem esquerda».

Pouco depois a secção de ciclistas atingia a margem do rio, e com o seu instrutor, o lente adjunto da 1.^a e 2.^a cadeiras, à frente, metia-se corajosamente à água, levantando as máquinas, alcançando em breve a margem esquerda.

Logo que os ciclistas se prepararam para atravessar o rio, a infantaria e a artilharia aumentaram a intensidade do seu fogo, para assim facilitar e proteger a passagem. Algum tempo depois, supondo-se que a secção de pontoneiros efectuara o lançamento da ponte, expediu mais as seguintes ordens. Ao comandante do 1.º batalhão do regimento de infantaria n.º 1: «O inimigo retira pela estrada Constância-Abrantes. A guarda avançada vai efectuar a sua perseguição. Passe o Zézere imediatamente na ponte de equipagem estabelecida a montante da ponte destruída». Ao comandante da artilharia: «O inimigo retira pela estrada Constância-Abrantes. A guarda avançada vai efectuar a sua perseguição. Siga na recatguarda da infantaria afim de passar o rio Zézere na ponte de equipagem lançada a montante da ponte destruída».

A passagem da ponte realizou-se sem incidente digno de menção. As viaturas de artilharia passaram a ponte uma por cada vez e apenas com a parelha de tronco. O pessoal montado passou com os cavalos à mão. Êste serviço foi dirigido, na parte técnica, pelo comandante e oficiais da companhia de pontoneiros que construiu a ponte.

Logo que toda a coluna se achou reunida na margem esquerda, deu-se por terminado o exercício e a coluna regressou ao polígono em marcha itinerária.

Apesar da dificuldade de representar um exercício de combate de tanta importância e em tão extensa frente, com tão escassos elementos, êste exercício foi muito interessante, notando-se que as armas operaram sempre em perfeita ligação.

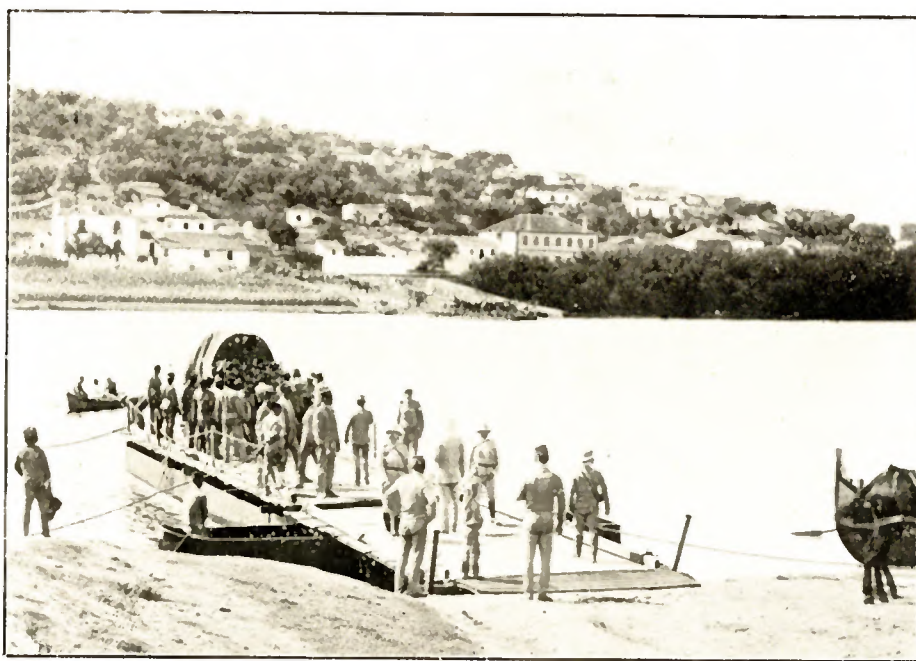
Não levando a coluna trem regimental, nem havendo no tema qualquer serviço, de que pudessem ser encarregados os serviços administrativos, aproveitou-se a manhã dêste dia para os alunos do curso de administração militar efectuarem o reconhecimento administrativo da Barquinha.

A tarde foi empregada pelos alunos dêste curso na experiência de laboração dos fornos improvisados inglês e austriaco. Improvisou-se uma barraca padaria, requisitando-se à Escola de Aplicação de Engenharia uma barraca para 8 praças que se instalou a 5^m de distância da linha de fornos, á frente e correspondendo à bôca do forno central (inglês). Adquiriram-se no mercado 18 quilos de farinha e o necessário fermento e, com material improvisado, fez-se a sua panificação, assistindo os alunos a todos os trabalhos.

Para tipo de pão escolheu-se o da ração normal de viveres (750 gr). Primeiramente experimentaram-se os fornos com oito pães. Como não é de estranhar, não conhecendo o forneiro tais fornos, o grau de aquecimento de que são sus-

ceptíveis e, conseqüentemente, o tempo necessário para a permanência do pão dentro deles, essas rações ficaram crestadas, embora aproveitáveis ainda.

A fornada subsequente, constituída por 24 pães de 750 gr., deu ótimo resultado: o pão, cozido, apresentava excelente aspecto e sabor, não se notando nele qualquer defeito que denunciasse irregularidade na cozedura feita nos improvi-



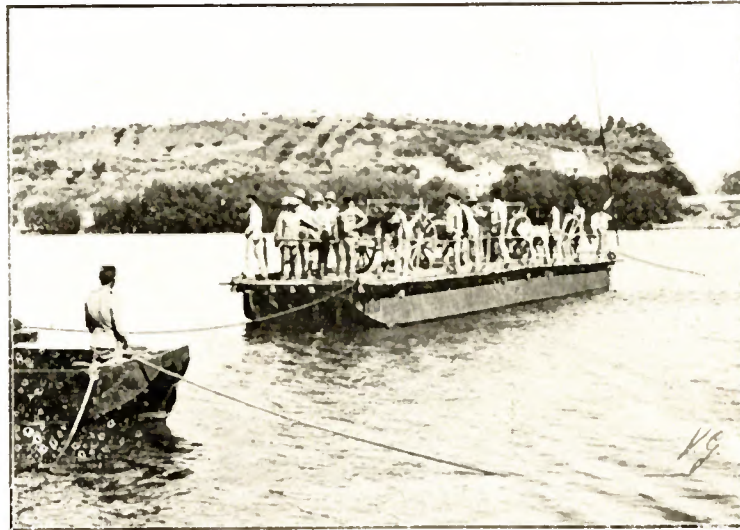
A coluna passando o Tejo em trens de navegação. — Embarque de um carro de esquadrão

sados fornos. Algumas rações dêste pão fôram no dia seguinte utilizadas no rancho dos oficiais, sendo as restantes distribuídas aos alunos.

A fim de efectuarem a colocação dos alvos que deviam servir no exercício de fogos riais, seguiram de tarde para o terreno do exercício, na margem esquerda do Tejo, os lentes da 5.^a e 9.^a cadeiras e o lente adjunto da 6.^a e 7.^a cadeiras, acompanhados por dois alunos de engenharia militar 4.^o ano, 1 carpinteiro, 2 soldados de infantaria para a guarda dos alvos durante a noite, e 1 carro

de esquadrão. O carro conduzia uma pesada carga constituída por 180 alvos de madeira representando atiradores deitados, 60 alvos representando atiradores de pé, e 4 alvos representando duas peças e dois carros de munições para figurar a artilharia inimiga, além da ferramenta para a colocação dos alvos e dos explosivos para sinais, e para simulação do fogo adverso.

A partir da Carregueira, o caminho que sobe para o planalto é muito íngreme e por vezes arenoso. Daí provieram grandes dificuldades na tracção do pesado



Um trem de navegação com artilharia

carro de esquadrão, dificuldades que, para serem vencidas, exigiram, da parte de todos, esforços que só uma ilimitada boa vontade pôde desenvolver. Quando chegaram ao terreno do exercício era noite, tornando-se impossível efectuar a colocação dos alvos; êstes ficaram sob a guarda dos dois soldados de infantaria, regressando os oficiais e restante pessoal ao polígono depois da 1 hora da madrugada.

DIA 25

Em harmonia com o programa dos trabalhos, realizou-se neste dia o exercício de marcha, estacionamento e combate com fogos reais. Era êste um dos exercícios mais interessantes dos que figuravam no programa dos trabalhos práticos

dos alunos e aquele, sem duvida, que pela sua natureza especial, demandava maiores cuidados de preparação.

Para evitar possíveis desastres, tinha sido enviado no dia 23 um officio ao administrador do concelho da Barquinha, prevenindo-o do dia e hora do exercicio, situação dos alvos e direcção do tiro, e das medidas de segurança adoptadas, afim de serem prevenidas as populações. Essas medidas de segurança eram as seguintes: «A colocação dos alvos far-se-ha na tarde do dia 24, permane-



Um trem de navegação atracando ao caes

cendo no campo, durante a noite de 24 para 25, uma guarda de 3 praças e 1 graduado.

Uma hora antes do começo do exercicio, far-se-hão rebentar três petardos junto dos alvos, içando-se ao mesmo tempo uma bandeira encarnada num mastro elevado que será colocado junto e a Sul do pinhal de pinheiros novos.

Serão enviadas praças montadas que percorrerão o terreno do exercicio e depois se colocarão nos flancos; outras praças irão para junto dos Casaes do Rodeio e Galega; estas praças impedirão que alguém se aproxime da zona dos alvos.

O termo do exercício será anunciado pelo arriar da bandeira, retirando em seguida as praças montadas.»

Egual comunicação foi feita ao proprietário do terreno, a quem já anteriormente tinha sido pedida, pelo comando da Escola de Guerra, autorização para se realizar o exercício com fogos reais nos seus terrenos.

Não sendo fácil, pela situação do terreno, nem se tornando necessário para a realização do exercício, fazer derivar êste duma *situação geral* adoptou-se su-



Desembarque no Arripiado

bordinar o exercício a uma *situação particular*: uma simples *situação táctica*. Essa situação táctica e o desenvolvimento do exercício eram os seguintes:

Situação táctica

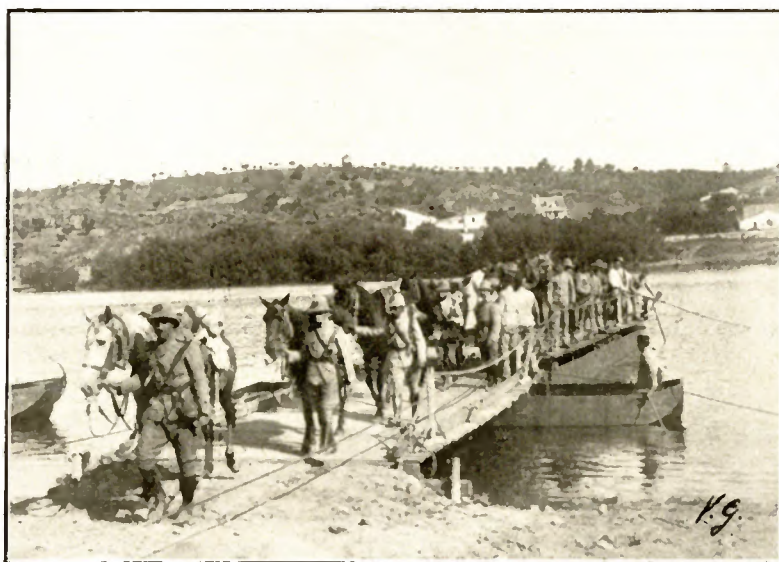
Um destacamento do partido vermelho estaciona em X, a leste dos Casaes do Rodeio e Galega, na noite 24/25 de Junho, tendo patrulhas da sua cavalaria alcançado, na madrugada dêste dia, os referidos Casaes.

Um destacamento do partido azul, com o efectivo de 1 batalhão de infantaria, 1 esquadrão, 1 bateria de artilharia e 1 secção de telegrafistas de campanha,

que estaciona na Carregueira na manhã de 25, recebeu ordem de avançar pe o caminho Carregueira-C. do Rodeio, afim de estabelecer o contacto com as forças adversas.

Desenvolvimento do exercício

A cavalaria do destacamento azul, encontrando a adversa a O. do cruzamento A, repele-a na direcção do Pinhal de pinheiros novos, sendo porém detida no seu



A engenharia desembarcando no Aripiação

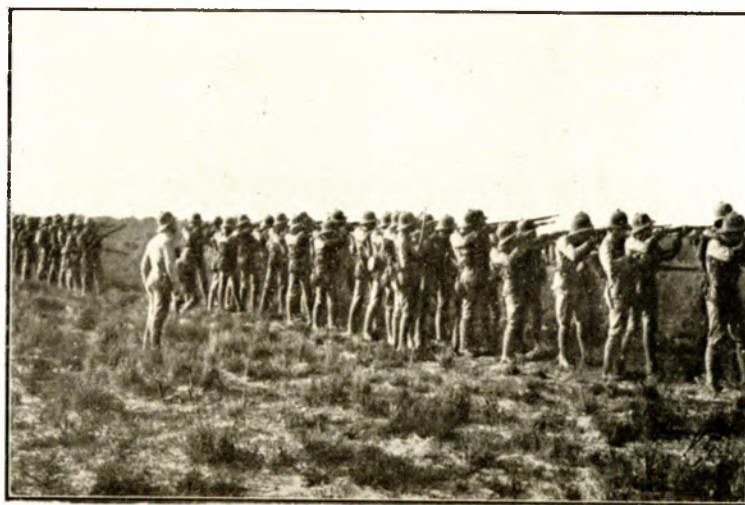
avanço por forças de infantaria do partido vermelho, que guarnecem a orla do pinhal, e com as quais luta em combate a pé (Tiro da cavalaria sobre os alvos que representam atiradores de pé).

Entretanto, a guarda avançada de infantaria do destacamento azul desenvolve-se a norte do caminho, procurando dificultar a saída do pinhal ás forças adversas que se estão postando no dorso a O. daquele. (Tiro de infantaria sobre os mesmos alvos).

A artilharia, tomando posição no alto da cota 194 a S. E. do cruzamento A, faz fogo sobre o pinhal, afim de desorganizar a infantaria que nele se encontra, mudando depois de objectivo para atirar sobre a artilharia adversa, que tem to-

mado posição ao Sul do cruzamento do Marco e que tomou por objectivo a nossa infantaria. (Tiro de artilharia sôbre os alvos representando atiradores de pé. Mudança de objectivo para atirar sôbre os alvos representando a artilharia contrária).

Segue-se depois o desenvolvimento do combate, lutando a infantaria com a adversa, que se tem vindo postar no dorso a *O.* do pinhal. (Tiro da infantaria



No exercício de fogos reais. — Fogo por descargas

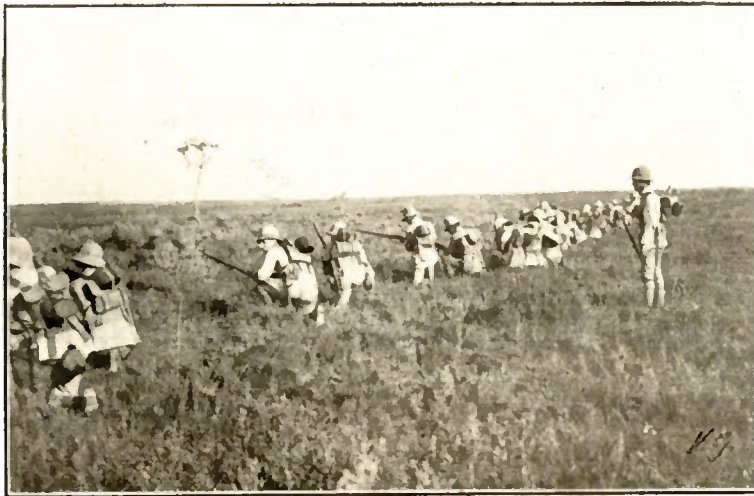
sôbre uma linha de alvos representando atiradores deitados postados no dorso a *O.* do pinhal).

Na ordem de 24 determinou-se que a infantaria partisse do polígono ás 4^h, 10', e as armas montadas ás 5^h. Dirigir-se-iam a Tancos (povoação) onde atravessariam o Tejo para o Arripiado nos trens de navegação armados, com material de equipagem, pela companhia de pontoneiros.

Previra-se que toda a coluna de instrução poderia ter atravessado o Tejo e achar-se concentrada no Arripiado cêrca das 7^h. Aí se organizaria a coluna, que se poria em marcha para o local do exercício pela Carregueira, dando-se começo ao combate cêrca das 10^h. Ás 12 horas poder-se-ia bivacar e distribuir o rancho frio; á tarde regressar-se-ia ao polígono a horas de fazer a travessia do Tejo ainda com dia.

Porém, a companhia de pontoneiros tivera de transportar para Tancos, na véspera à tarde, o material que servira para a construção da ponte sôbre o Zézere; só em 25 de manhã pôde conduzir os trens de navegação para Tancos (povoação) e proceder à construção dos caes nas duas margens. Daqui resultou que as armas montadas só poderam começar a efectuar a travessia próximo das 8^h, e só depois das 9^h se achava toda a coluna na margem esquerda.

Acrescia que era necessário dar tempo a que o pessoal que devia colocar os alvos, o mesmo da véspera, e que partira para o terreno do exercício logo que



No exercício de fogos reais. — A linha de atiradores

pudera efectuar a passagem, procedesse a essa colocação e à dos artificios destinados a simular o fogo do inimigo.

Em vista destas circunstâncias, determinei que as diferentes unidades, á medida que fôsem efectuando a travessia do rio, seguissem para um local a cerca de 1200 metros a S. E. da Carregueira, junto do caminho, onde toda a coluna bivacaria, e comeria o rancho frio. O exercício de combate realizar-se-ia de tarde, passada a maior fôrça do calor, regressando em seguida a coluna ao polígono.

Cêrca das 12 horas toda a coluna se achava bivacada, procedendo-se então ao trato do gado e em seguida à distribuição do rancho frio.

Às 16 horas a coluna punha-se em movimento pelo caminho Carregueira-Casal do Rodeio, no seguinte dispositivo de marcha:

CAVALARIA DE PROTECÇÃO. — 1 esquadrão (representado pelos alunos do 2.º ano de cavalaria).

Distância de 1000 metros.

FLECHA. — 1 pelotão de infantaria da 1.ª companhia

Distância de 250 metros.

GUARDA AVANÇADA. — 1 companhia (menos 1 pelotão)

Distância de 500 metros.

(Toda a infantaria da coluna)



No exercício de fogos reais. — Descanço depois do assalto

GROSSO DO DESTACAMENTO. — 2.ª, 3.ª, e 4.ª companhias do batalhão (hipotéticas).

1 bateria de artilharia (representada pela divisão).

1 secção de telegrafistas de campanha (representada pelo 4.º e 3.º anos de engenharia).

Distância de 100 metros.

GUARDA DA RECTAGUARDA. — 1 pelotão da 4.ª companhia (hipotético).

Quando o grosso da coluna chegou a cêrca de 1000 metros do cruzamento A (veja-se croquis do terreno), supôz-se dada a seguinte ordem de combate, cujas disposições tinham préviamente sido comunicadas aos lentes que dirigiam as diferentes unidades. Tinham também préviamente sido distribuidos aos diferentes cursos um certo número de exemplares da situação táctica, desenvolvimento do exercício e croquis do terreno.

PARTIDO AZUL.

Destacamento mixto

n.º ...

*Caminho Carregueira-C. do Rodeio, 1000^m a N. O.
do cruzamento A, 25-6.º 1913, às 16^h,30'*

**Ordem de combate
para 25**

I — SITUAÇÃO. — A nossa cavalaria repeliu a inimiga que retirou em direcção ao pinhal de pinheiros novos. A infantaria inimiga guarnece a orla daquele pinhal.

II — FIM. — O destacamento vai atacar o inimigo afim de o repelir.

III — DISPOSIÇÕES. — a) INFANTARIA. — A companhia da guarda avançada desenvolve-se a norte do caminho Carregueira-Casal do Rodeio, procurando dificultar com o seu fogo a saída do pinhal à infantaria inimiga.

A 2.^a e 3.^a companhias (hipotéticas) executarão um ataque decisivo sôbre o flanco direito do inimigo. A 4.^a companhia (hipotética) mantem-se em reserva no vale das Fontainhas.

b) ARTILHARIA. — Toma posição no alto de cota 194 a S. E. do cruzamento A.

c) CAVALARIA. — Logo que a guarda avançada se desenvolve, retira pelo caminho Carregueira-Casal do Rodeio e dirige-se para o flanco esquerdo. Um pelotão (hipotético) dirige-se para o flanco direito afim de servir de apoio à artilharia.

IV — LOCAL PARA ONDE DEVEM SER ENVIADAS AS COMUNICAÇÕES. — Ponto de cota 194 junto do caminho Carregueira-Casal do Rodeio.

Modo de transmissão

Por escrito, aos comandantes da cavalaria e da guarda avançada; verbalmente, ao comandante das outras unidades.

O comandante do destacamento

(a) JOSÉ JOAQUIM MENDES LEAL
Tenente-coronel

Às 17^h,5', tendo já rebentado, ha bastante tempo, os petardos que anunciavam o começo do exercício, começaram a funcionar os artificios (finge descargas) que simulavam o fogo da infantaria inimiga ocupando a orla do pinhal. A nossa cavalaria, apeada, rompia também o fogo; ás 17^h,20' efectuava a sua retirada. A infantaria inimiga repelira a nossa cavalaria.

A companhia de infantaria (guarda avançada), tendo-se desenvolvido a O. do Vale das Fontainhas, executou a 1200 metros umas descargas por pelotão, contra os alvos representando atiradores em pé, que guarneciam a orla do pinhal. O fogo por descargas, hoje de emprêgo excepcional, bem como o sistema de alças conjugadas de que ali se fez uso, fôram aconselhados pelas circunstâncias.



Depois do exercício. — A engenharia a caminho dos alvos

Terminado êste episódio, a companhia, lançando para a frente patrulhas de combate, passou o Vale das Fontainhas e começou a desenvolver algumas fracções em atiradores, tomando a sua primeira posição de tiro a 600 metros da posição da infantaria adversa. O fogo dirigia-se agora contra os alvos representando atiradores deitados, colocados no dorso a N. O. do Marco (190).

A artilharia tomára posição próximo da cota 194, à direita do caminho Carregueira-C do Rodeio, e a 1300 metros apenas do objectivo, por não poder estabelecer-se mais longe. Às 17^h,30' rompeu fogo sôbre os alvos que representavam infantaria; ás 17^h,55' mudou de objectivo, passando a dirigir o seu fogo sôbre os alvos representando artilharia, que se supôz ter-se manifestado pelo fogo nessa ocasião.

A infantaria foi reforçando gradual e sucessivamente a linha de atiradores, até que, achando-se toda a companhia na linha de fogo, e a uns 100 metros do

inimigo, executou o fogo vivo e deu o assalto à baioneta. Tinha terminado o exercício; eram 18^h,20'.

Reconstituída a companhia e ensarilhadas as armas, os alunos fôram verificar os empates, tendo a satisfação de ver que o tiro fôra eficaz, pois todos os alvos (bustos recortados) tinham sido atingidos.

Todos os alunos, especialmente os que desempenhavam funções de comando, procuraram satisfazer, sendo certo, porém, que algumas hesitações se notaram, provenientes da pouca prática de exercícios desta natureza, que constituíam uma completa novidade para os alunos.



Depois do exercício. -- Examinando os alvos

Os resultados do tiro de artilharia fôram importantes, como não podia deixar de ser, apesar dos grandes laqueios dos níveis dos sectores dos ângulos de sítio. Mais uma vez se notou o perigo do emprêgo da granada ordinária no tiro de regulação, porque esta, não se fragmentando, ricocheta e vai cair a grande distância além dos alvos. Também algumas balas de infantaria fôram cair a cerca de 4000 metros, junto das patrulhas que policiavam o campo.

Quanto aos artificios destinados a simular o tiro inimigo, funcionaram perfeitamente os finge descargas da infantaria que guarnecia a orla do pinhal; falhou, porém, o rebentamento dos estoiros que simulavam a artilharia, por ter sido cortado o rasilho por uma bala, e ainda o de outras linhas de infantaria, por ter sido impossível ir comunicar o fogo aos rasilhos debaixo do tiro da artilharia. Para

evitar estes inconvenientes é indispensavel montar um sistema de inflamação eléctrica.

Notou-se também quanto seria vantajoso, nos exercícos com fogos ríaes, empregar alvos de eclipse e deformaveis, e construir abrigos para o pessoal destinado à manobra daqueles alvos, dotando êsses abrigos de comunicações telefónicas, afim de se poderem fazer aparecer e desaparecer as linhas de atiradores conforme as exigências do combate.

No regresso ao polígono, a travessia do Tejo, começada ainda com dia, teve de efectuar-se na sua maior parte de noite, à luz de archotes, o que a tornou difficil e morosa. Os últimos elementos da columna entraram no quartel próximo das 23 horas.

DIA 26

Êste dia foi destinado à preparação da marcha de regresso, tendo-se por isso realizado limpezas de armamento, equipamento, e restante material, e procedido à inspecção medica dos alunos para apuramento dos que deviam regressar a Lisboa pela via férrea. Em virtude da informação do tenente medico regressaram pela via férrea 25 alunos.

De manhã, já fóra do programa dos trabalhos, e com a assistência voluntária dos alunos de engenharia militar 4.º ano, realizaram o lente da 9.ª cadeira e o lente adjunto da 6.ª e 7.ª, as experiências sôbre o efeito dos explosivos em blindagens, rêdes de fio de ferro e muros de alvenaria, que, por falta de tempo, não tinham podido efectuar-se no dia 23.

Pela primeira vez se fizeram em Portugal experiências com granadas explosivas de calibre médio. O explosivo empregado foi o trinitrotoluene, carregando os alunos três granadas de 15^{cm} com 2 quilg. p. p. A inflamação das cargas das granadas foi obtida por meio de escorvas eléctricas.

Uma das granadas foi assente sôbre a blindagem dum abrigo, nas condições em que ficaria tendo atravessado 1^m,5 de terra e explodindo sôbre uma camada de calhau rolado e carris de aço. Todo o abrigo estremeceu e a terra escoou-se nalguns pontos por entre os carris, mas a blindagem resistiu perfeitamente.

Outra granada serviu para estudar os efeitos do tiro sôbre as rêdes de fio de ferro, sendo colocada como se tivesse caído entre a rêde. Os efeitos obtidos mostraram serem necessárias duas granadas de 15^{cm}, por cada 6^{m. q.} de superficie coberta.

Estudou-se ainda o efeito de uma granada explosiva de 15^{cm} sôbre um muro de alvenaria ordinária de 0^m,60 de espessura, depois de ter atravessado

uma camada de terra de 0^m,50 de espessura, e rebentando em contacto com o muro.

Os efeitos produzidos fôram notaveis, parecendo que uma granada de 15^{cm} por cada 2 metros correntes, deve destruir um muro daquela espessura e de 1^m,5 de altura.

De tarde, efectou-se na estação do caminho de ferro de Tancos o embarque do material de artilharia (5 viaturas) em 3 vagons plataformas, sendo as manobras exclusivamente executadas pelos alunos de artilharia. Os alunos de administração militar efectuaram o embarque de um dos carros de esquadrão.

MARCHA DE REGRESSO DA COLUNA DE INSTRUÇÃO

DIA 27

O comboio especial em que a coluna devia seguir até ao Carregado partia de Tancos ás 5 horas. Deu-se por isso ordem para que o embarque do gado se efectuasse ás 2 horas e o do pessoal ás 4.

Na véspera, no comboio ordinário das 22^h,38', partira para Alemquer a secção de quartéis da coluna, sob o comando do lente adjunto da 1.^a e 2.^a cadeiras, e constituída pelo lente adjunto da 11.^a cadeira, um aluno do curso de administração militar, que desempenhava as funções de provisor, um aluno de engenharia, outro de artilharia e dois alunos da secção de ciclistas.

O embarque do gado foi feito pelos alunos, sob a direcção dos lentes que dirigiam os respectivos cursos, e apesar de ser feito de noite, à luz de archotes, e das naturais dificuldades que êste serviço apresenta, sobretudo o embarque do gado muar, para individuos que o executavam pela primeira vez, foi feito com bastante rapidez, pois pouco depois das 4 horas estavam embarcados em 20 vagons J, os 122 solipedes que faziam parte da coluna. Ás 5 horas punha-se o comboio em marcha, chegando ao Carregado ás 7^h,41', sem incidente.

Á partida do comboio, na estação de Tancos, achavam-se presentes o senhor comandante da Escola de Aplicação de Engenharia e os officiais do quadro permanente e das unidades ali em instrução, que gentilmente fôram apresentar as suas despedidas a lentes e alunos.

Desembarcado o pessoal da coluna, os ciclistas e a infantaria seguiram para Alemquer, depois de uma pequena demora para comerem o rancho frio. As armas montadas necessitavam de efectuar o desembarque do gado e do material.

Tinha-se previsto que poderia o desembarque estar terminado cêrca das 10 horas e às 11,^h30' achar-se toda a coluna em Alemquer, localidade que apenas dista da estação do Carregado 7 quilómetros. Porém, o mau serviço do pessoal da estação e as más condições desta para desembarque de tropas, acarretaram demoras tais que só às 15 horas as tropas montadas da coluna puderam pôr-se em marcha, percorrendo a pequena etape que as separava do local de estacionamento debaixo de um sol ardentissimo. Êste dia foi um dos de mais elevada temperatura que a coluna teve de suportar durante a missão.

Em Alemquer devia a coluna acantonar. Porém, os alojamentos que foi pos-



Estabelecimento do bivaque no Sobral

sível obter para pessoal e animal achavam-se espalhados por toda a vila, a distâncias que dificultavam sobremaneira o serviço das distribuições; essa dificuldade era ainda agravada pela natureza acidentada da povoação. Nestas circunstâncias, resolveu-se que, até à noite, a coluna bivacasse num largo bastante arborizado situado na parte baixa da vila, junto ao rio. Aí foi cozinhada a refeição da tarde e se efectuaram as distribuições. À noite, depois da última ração, os cavalos fôram ocupar os alojamentos que lhes estavam destinados; o gado da divisão de artilharia, porém, continuou no bivaque, porque sendo esta unidade a que possuia maior número de solípedes, julgou-se inconveniente a sua disseminação por um grande número de pequenas cavaliças.

Em Alemquer reuniram à coluna as duas cozinhas rodadas, que tinham sido

requisitadas para cozinhar as refeições durante a marcha de regresso para Lisboa, e que desta cidade tinham seguido pela via ordinária. Essas viaturas-cozinhas eram: uma, do sistema Manfred Weiss e outra, do sistema Hartmann; ambas as viaturas são puchadas a uma parelha. Além d'êste material, transportava a coluna, no trem regimental, sete caixas-cozinhas sistema Manfred Weiss, duas cantinas para seis oficiais m/902, e, para serviço dos alunos, dois pratos de alumínio e um talher por aluno. O pessoal destinado ao serviço do rancho compunha-se de 1 cabo e 8 soldados (rancheiros e fuchinas); dirigia êste serviço, auxiliado pelos alunos de administração militar, o lente adjunto da 11.^a cadeira.



O bivaque da cavalaria no Sobral

A refeição quente foi distribuída muito tarde, cêrca das 21 horas; as principais causas desta demora, que roubou ao pessoal da coluna algumas horas de descanso, fôram: a dificuldade de adquirir e transportar para o local do bivaque os gêneros necessários; a tardia chegada, às 16^h,30', dos carros do trem regimental, em que eram transportados diferentes artigos de material para distribuições, sacos para gêneros, cantinas, etc; e a natural inexperiência do pessoal que, pela primeira vez, trabalhava com as cozinhas rodadas. Terminada a refeição, oficiais e alunos recolheram aos alojamentos que lhes estavam destinados.

Segundo o programa da missão, a marcha de Alemquer a Lisboa devia obedecer a um têmea tactico, que tinha sido préviamente elaborado, executando os alunos os trabalhos e exercícos a que êsse têmea se prestasse. Os alunos, porém,

achavam-se bastante fatigados; a noite de 26 para 27 fôra empregada pelos alunos montados no embarque do gado, e o dia 27 passára-se quasi todo na estação do Carregado numa expectativa fatigante e no violento trabalho do desembarque do material e gado; a hora a que fôra distribuida a refeição da tarde reduzira a muito poucas horas o descanso da coluna de 27 para 28.

Êste estado de fadiga e a conveniência de subtrair o mais possível a coluna, durante a marcha, à acção do calor, aconselhavam que a hora de partida fôsse o



O bivaque da infantaria no Sobral

mais cedo possível, de noite mesmo, o que não se coadunava com as naturais demoras a que dariam logar a organização da coluna para uma marcha de guerra, a execução do serviço de exploração e segurança e os outros trabalhos de instrução que aos alunos fôssem cometidos.

Determinei, portanto, que a marcha do dia seguinte, de Alemquer ao Sobral, fôsse uma simples marcha itinerária, partindo a infantaria às 3 horas e seguindo o itinerário Alemquer-Santa Ana-Calçada-Freiria-Sobral, grande parte do qual não era sôbre estrada à mac-adam, mas que reduzia a 17 quilómetros a distância de Alemquer ao Sobral por Malta e Corugeira: 25 quilómetros.

As armas montadas partiriam às 5 horas e seguiriam êste último itinerário,

por recear que o caminho de Santa Ana oferecesse grandes dificuldades à tracção das viaturas. O estacionamento no Sobral, bivaque, seria preparado pelo lente adjunto da 1.^a e 2.^a cadeiras que, partindo às 3 horas com os ciclistas, chegaria com um suficiente avanço da coluna.

DIA 28

A marcha de Alemquer ao Sobral fez-se sem incidente, nas condições atrás indicadas, chegando a coluna a esta última localidade cêrca das 10 horas. Não fôra possível encontrar no Sobral um bom local para o bivaque da coluna; o



As cozinhas rodadas

campo da feira, junto da vila, não só não tinha a extensão bastante para os bivaques de todas as unidades da coluna, como também não era arborizado, não possuindo a mais ligeira sombra. Decidiu-se pois que a maior parte da coluna passasse as horas do calor numa quinta do conde de Sobral, distante da vila cêrca de 600 metros, e que à tarde fôsse bivacar no campo da feira; a artilharia e o trem regimental, cujas viaturas tinham dificuldade em seguir até àquela quinta, estabeleceram o seu bivaque definitivo, a primeira, numa quinta próxima do campo da feira, também pertencente ao conde de Sobral, e o segundo, num largo da povoação.

Pelas 16 horas estabeleceu-se o bivaque no campo da feira e às 18 horas as cozinhas rodadas, saindo do seu bivaque, onde se confeccionara o rancho, di-

rigiram-se para o campo da feira, fazendo-se aí a distribuição a toda a coluna.

Mantinhm-se as razões que na véspera me tinham levado a decidir que a marcha fôsse uma simples marcha itinerária. Determinei pois, que a marcha se continuasse até Lisboa nestas condições; embora, assim, não constituísse um exercício de serviço em campanha, a marcha de regresso, pela via ordinária, foi sem duvida uma útil prática de execução de marchas e estacionamentos, familiarizando os alunos com as mil dificuldades e incidentes que continuamente surgem na execução daqueles serviços. Aproveitar-se-ia porê m a travessia das linhas de



Uma viatura-cozinha

Torres Vedras no dia seguinte, para que os cursos que o pudessem fazer efectuassem uma visita à celebre posição do Sobral.

Segundo o primitivo programa, a marcha do dia seguinte: 29, teria por termo Bucelas; esta etape seria pois de 17 quilómetros e a seguinte: Bucelas-Lisboa, de 24 quilómetros. Ponderando a conveniência de diminuir a última etape, resolvi que no dia seguinte a coluna marchasse de manhã até Bucelas, e aí tivesse um longo descanso e lhe fôsse distribuido um rancho quente, confeccionado nas cozinhas rodadas; de tarde, passadas as horas de maior calor, a coluna continuaria a marcha até Loures, onde bivacaria. A etape do dia 30 ficaria assim reduzida a 14 quilómetros.

DIA 29

Os ciclistas e a infantaria partiram do Sobral às 3^h,30' e as armas montadas às 5 horas; às 8 horas a coluna chegou a Bucelas, tendo feito a pequena marcha em muito boas condições. Os alunos de engenharia, os de cavalaria, e os de artilharia que não faziam parte da divisão, visitaram a posição do Alqueidão, acompanhados dos respectivos lentes.

Em Bucelas o estacionamento efectuou-se junto de uma quinta, muito som-



Um pequeno alto em Arranho

breada, que o seu proprietário, com a maior gentileza, pôz à disposição de oficiais e alunos.

Cêrca das 11^h,30' distribuia-se a sopa quente, tendo sido os alimentos cozinhados pelas cozinhas rodadas durante a marcha. Assim se pôde reconhecer praticamente a importante vantagem e comodidade que, para as tropas em campanha, representam as viaturas-cozinhas.

Às 4^h,30' a coluna retomou a marcha para Loures, partindo primeiro as armas montadas, para poderem efectuar no bivaque, ainda com dia, o trato dos solípedes, e pouco depois a infantaria. O bivaque estabeleceu-se num campo a pequena distância de Loures, junto da estrada Loures-Ponte de Louza.

A mudança do terminus da marcha dêste dia, de Bucelas para Loures, ocasionou dificuldades na aquisição dos géneros para o rancho da tarde, o que deu lugar a que êste só depois das 21 horas pudesse ser distribuído.

Do bivaque de Loures fôram lançados pombos correios para Lisboa e Tancos, transportando comunicações do comando da coluna para o comandante da Escola de Guerra e para o comandante da Escola de Aplicação de Engenharia.

Já anteriormente tinham sido lançados pombos correios para Lisboa e Tan-



Um dos inimigos da infantaria: o pó

cos, de Alemquer e Bucelas. Os pombos fôram lançados aos pares, sendo êste serviço executado por alunos do 4.º ano de engenharia. Todos os pombos chegaram ao seu destino.

DIA 30

Cêrca das 5^h,30', quando se procedia ao levantamento do bivaque, foi êste visitado por Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, que depois se dignou assistir ao desfile da coluna.

Às 6 horas punha-se a coluna em marcha, dando entrada na Escola próximo das 10 horas. A ordem de marcha adoptada foi a seguinte: ciclistas, distância de

50 metros, comando da coluna, infantaria, artilharia, engenharia, cavalaria, trem regimental da coluna.

Às 11 horas o sr. General Comandante da Escola, que, acompanhado dos srs.



Grande alto em Bucelas

2.º comandante, lentes e lentes adjuntos, e mais oficiais em serviço na Escola, tinha ido ao encontro da coluna ao Lumiar, recebeu a apresentação de todos os oficiais que a compunham.

IV

CONCLUSÕES

Na primeira parte dêste relatório ficou exposto o critério adoptado na organização do programa dos trabalhos realizados em Tancos.

Elaborado pela primeira vez, sem os ensinamentos da experiência, natural era que, deficiente por ventura em alguns pontos e exagerado talvez em outros, surgissem dificuldades na sua execução, tal como fôra aprovado pelo conselho. E tanto a comissão previa essas dificuldades, que o seu presidente, que fôra nomeado comandante da coluna, pediu autorização ao conselho para o alterar, consoante as circunstâncias. Assim, o comandante da coluna alterou a ordem dos exercícios militares e o horário da tarde, em alguns dias, por conveniência da própria instrução; e alterou ainda o itinerário da marcha de regresso, pela impossibilidade desta se realizar como estava determinado, chegando a coluna a Lisboa no dia 30 de junho, quando, para o regresso, estava marcado no programa o dia 29.

Na distribuição geral dos trabalhos, parece-nos que, nos futuros anos e sem se diminuírem as exigências, se deverá fazer essa distribuição por fórma a realizarem-se os trabalhos, intervalados com períodos de descanso, «sem os quais, escreve no seu relatório o sr. lente da 5.^a cadeira, se inutilizará grande parte dos esforços empregados para tornar profícua a instrução». Quer-nos também parecer que se deverá dar preferência e maior latitude aos exercícios militares, conjugando com êles trabalhos práticos de aplicação a êsses exercícios, evitando-se

a repetição de trabalhos que já tenham sido executados pelos alunos como aplicação dos princípios teóricos das cadeiras e como preparatórios da missão.

A comissão escolheu o polígono de Tancos por lhe parecer o local que melhores condições oferecia para a execução dos trabalhos projectados ; e, apesar das deficiências e dificuldades que ali se deram, mantenho ainda a mesma opinião, se, como é fácil e pouco dispendioso, se localizarem, próximo dos dormitórios dos alunos, o serviço de alimentação e outros, fazendo para isso as necessárias instalações. Convém, porém, deixar aqui consignada sobre o assunto a opinião do sr. lente da 5.^a cadeira, que opta pela escola de Vendas Novas. «Vendas Novas, diz o sr. Ivens Ferráz, é talvez o ponto que reúne maior número de condições favoráveis, e, se êste ano houve dificuldades que impediram alojar a escola naquele local, talvez que em anos futuros, com a grande redução que haverá no número dos alunos, essas dificuldades desapareçam. Não são pequenas as vantagens que oferece a Escola de Aplicação de Artilharia: possibilidade de encontrar num só edifício todas as dependências que a coluna tenha de ocupar; transporte em caminho de ferro nas linhas do estado; facilidades em executar os exercícios de marcha, estacionamento e combate, não só pela natureza do terreno, como pela ausência de culturas que obstem aos desenvolvimentos; execução fácil de fogos reais de artilharia e infantaria, aproveitando grande quantidade de alvos que a Escola de Aplicação possui; existência de uma excelente carreira de tiro para armas portáteis; possibilidade de poderem os alunos de todos os cursos, visitar os parques, oficinas pirotécnicas e cronografo, onde se encontra armazenado o material de artilharia de toda a espécie e onde se executam manipulações e experiências que a todos é útil conhecer; grande economia realizada com a supressão das visitas dos diferentes cursos a Vendas Novas; finalmente abundância de água e recursos de alimentação. Com relação ao clima parece não deve haver hesitação em dar preferência a Vendas Novas, onde as manhãs e tardes são em geral frescas, e onde em hora alguma do dia se registam as temperaturas tropicais do polígono de Tancos».

Relativamente à época da realização da missão, a despeito dos grandes calores, parece-nos que ela se deverá realizar como instrução final e de complemento,

depois de efectuados todos os trabalhos que lhe servem de preparação, e, sendo possível, depois dos exames finais. Pronunciando-se sobre este assunto, diz o sr. lente adjunto da 3.^a cadeira o seguinte: «evidentemente é preciso introduzir alterações no programa deste ano, afim de nos anos futuros se colher o melhor resultado, começando por antecipar o mais possível a época da realização destes trabalhos e estabelecer um horário de serviços que furte os alunos à força do calor, que, como noutra logar deixo dito, foi o peor inimigo com que se lutou. Talvez seja possível aproveitar a primeira quinzena de maio para a realização destes trabalhos, efectuando-se no regresso a Lisboa algumas visitas e missões que seja indiferente realizar antes ou depois dos trabalhos de Tancos». Apesar de não concordarmos com a opinião do sr. Victorino Godinho, é nosso dever consignal-a neste relatório.

Na organização da coluna a comissão teve de se cingir às verbas de que podia dispôr, vendo-se por isso forçada a limitar ao mínimo as exigências da coluna, tanto no pessoal auxiliar, como no material e no gado, limitação esta que dificultou, por vezes, o serviço geral da coluna.

Indispensável, pois, nos parece que, em vista das deficiências e das dificuldades que se notaram, se dotem com mais largueza nos futuros anos os serviços da coluna de instrução. Assim, pelo que diz respeito ao pessoal, a coluna deverá ser acompanhada por maior número de praças e pessoal especial para os serviços da artilharia, cavalaria e administração militar, sendo também necessária uma maior e melhor dotação em material e em gado para o serviço destas especialidades, e para os serviços de toda a coluna.

Trataremos agora dos alunos. De justiça é, antes de mais nada, consignar que os alunos mostraram sempre, durante os trabalhos da missão, muito boa vontade e bom comportamento, e, como regra, interesse pelos mesmos trabalhos. Todos os srs. lentes e mais oficiais que compunham a coluna atestam este facto, por mim verificado sempre, à parte pequenas faltas, algumas delas mesmo, resultado do cansaço dos trabalhos, para os quais não estavam suficientemente preparados.

A coluna era formada como consta do mapa da força, por 234 alunos, sendo

de 40 o número de alunos que não puderam fazer por doença a marcha de regresso, estando nesse número incluídos aqueles que não puderam fazer pela via ordinária a marcha de ida e regresso. Se atendermos a que o maior número destas baixas foi ocasionado por escoriações e bôlhas nos pés, devido ao mau calçado usado pelos alunos, apesar das instruções que por intermedio do sr. comandante do corpo lhes tinham sido dadas, não se pode dizer que os alunos não tivessem manifestado uma grande resistência, a par de uma grande bôa vontade. E agora um facto que bem o comprova. No dia 21 ordenei uma revista de saúde para serem apontados os alunos que não pudessem fazer a marcha de regresso para Lisboa, como estava determinado no programa. O sr. tenente medico apontou 27 alunos incapazes de fazerem essa marcha. Pouco depois da revista apresentaram-se alguns alunos dos 2.^{os} anos de engenharia e de infantaria pedindo instantemente para, a despeito do seu estado, lhes ser permitido fazer a marcha para Lisboa pela via ordinária com os seus colegas. Depois de lhes mostrar as dificuldades da marcha para fundamentar o indeferimento do pedido, indeferi-o, afirmando-lhes que tanto eu como os outros senhores lentes tomaríamos essa manifestação da sua boa vontade na devida consideração. Insistiram respeitosamente para que lhes fôsse concedido acompanhar a coluna, e que, se não pudessem realizar a marcha até ao fim, os mandasse pela via férrea quando êles não pudessem seguir. A despeito da sua insistência entendi manter a ordem dada em virtude da informação medica, mandando passar-lhes guia pela via férrea para Lisboa. Em anexo a êste relatório vai o do sr. tenente medico, onde se expõe o estado sanitário da coluna, desde a saída da escola até à sua entrada.

*

* * *

Como dissémos todos os alunos manifestaram sempre boa vontade e bom comportamento. Faltas houve-as, e não podia deixar de as haver; mas simples admoestações fôram sempre suficientes para chamar os alunos ao cumprimento dos seus deveres. É porêem meu dever consignar que os alunos ainda não possuíam uma sólida educação militar, que é indispensável a quem se dedica à carreira de oficial; e nesse sentido, cremos, que muito ha a fazer para melhor preparar os futuros oficiais.

Efectivamente é indispensavel radicar nos alunos o sentimento do dever, da verdade e da justiça; desenvolver-lhes as qualidades de observação, de iniciativa e de pontualidade; tornal-os resistentes, firmes, decididos e enérgicos; e finalmente ainda bons, tolerantes e delicados. Se é necessário ministrar-lhes a instru-

ção, que ilumina o espírito, não é menos necessário dar-lhes a educação que lhes fórma o carácter, sem o qual não ha official digno dêste nome. — «Menos frio raciocínio, diz o comandante da infantaria do exército hespanhol D. Leon Fernandez, e severo cálculo matemático à juventude militar; mais valor à logica, ao conceito do direito, à filosofia e a quanto requer o mando e a direcção das massas armadas. O dever, o amor à patria, o affecto moral ao soldado, a camaradagem, etc., conseguirão na guerra mais vitórias que os teoremas de Arbogast e D'Alembert, os principios de Duhm e as fórmulas de Cauchi, Silvester, Sarrus e outros notáveis analistas.»

Ao corpo docente, como diz o nosso regulamento, pertence êste eminente papel de educador, devendo o professor aproveitar todas as ocasiões para, com proveito, o exercer. Não pertence porém só ao pessoal docente esta elevada missão; mas ainda a todos os officiais, e mais especialmente àquelles que estão em contacto constante e immediato com os alunos. Nas aulas, nos trabalhos práticos, nos exercícos militares, nos exercícos fisicos, em todos os trabalhos, seja qual fôr a sua natureza, deve-se aproveitar sempre a ocasião para, pelo exemplo e pela palavra, se procurar desenvolver a educação militar dos alunos. O aluno que não tiver as qualidades de carácter para poder ser um official, não deve entrar nos respectivos quadros.

Vejamos agora qual o resultado da missão sôbre a instrução dos alunos.

Na visita aos trabalhos realizados pelas tropas de engenharia em instrução no polígono de Tancos, os alunos viram: trabalhos de fortificação, como redutos, trincheiras, sapas, minas; trabalhos de comunicações militares, como pontes improvisadas e outras de diversos sistemas, observatórios de campanha; trabalhos de pontoneiros, como organização de trens de navegação, pontes de barcos, caualetes, jangadas de pipas, etc.

Na execução do programa, os alunos, além dos trabalhos especiais nele marcados para cada curso, executaram exercícos militares de conjunto, destinados não só à instrução privativa de cada arma, mais ainda e especialmente, à aquisição de conhecimentos sôbre o funcionamento e ligação das diferentes armas e serviços de administração militar em marcha, estacionamento e combate. A marcha para Tancos pela via ordinária, executada pelos alunos de armas montadas e pelo grupo de ciclistas, e a marcha de regresso de toda a coluna pela via férrea de Tancos ao Carregado, com exercíco de embarque e desembarque de pessoal, material e animal e pela via ordinária do Carregado para Lisboa, nas condições que constam da segunda parte dêste relatório, completaram a missão.

A missão foi, pois, um complemento de instrução teórica e prática, efectuado

na Escola durante o ano; alargou-lhes e fixou-lhes essa instrução, deu-lhes uma ideia geral do serviço de campanha e desembaraçou-os na execução dos serviços das suas especialidades.

Quem viu os alunos no princípio da missão, seguiu os seus trabalhos, e os viu nos últimos dias, não ficou com duvidas sobre a sua influência na instrução geral dos mesmos alunos. É pois minha opinião que os trabalhos da missão concorreram eficazmente para a instrução geral dos cursos das diferentes armas e serviço da administração militar, radicando-se-me mais a convicção, que já tinha, de que êstes exercícios, não só devem continuar, mas ainda ampliar-se. Assim os pensam também alguns dos nossos colegas que nos seus relatórios espõem francamente essa opinião.

O sr. capitão Simas, lente da 9.^a cadeira, diz no seu relatório o seguinte: « — Quiz-me parecer que os alunos muito aproveitaram com os diversos trabalhos, reconhecendo experimentalmente o grande potencial dos modernos explosivos e das precauções que exige o seu emprêgo, os quais garantem a maior segurança a quem deles se serve.

Experiências como as que se realizaram com as granadas explosivas e outras idênticas, que podem executar-se de futuro e que mais interessava aos cursos de artilharia a pé e engenharia militar, são de alto valor para a instrução dos alunos, por quanto, infelizmente, não se tem feito entre nós, e a simples leitura das revistas estrangeiras não permite ajuizar dos efeitos e propriedades dos explosivos.

A Escola, pelos recursos materiais de que dispõe e pelos auxílios valiosos que encontra nos alunos, sempre interessados pelas questões experimentais embora elas possam acarretar depois qualquer trabalho de gabinete, está em condições de fornecer, durante a sua estada no campo de instrução, elementos de estudo, que podem ser aproveitados pelas diversas comissões técnicas e por aqueles que, pelo seu trabalho, contribuem para os progressos das instituições militares.»

Pronunciando-se sobre os resultados da missão na instrução geral dos alunos e especialmente nos de *engenharia*, diz o sr. lente adjunto da 6.^a e 7.^a cadeiras no seu relatório o seguinte:

« — Missões da natureza da que se efectuou tem sempre a vantagem de colocar os alunos em face de pequenos problemas do serviço de campanha difíceis de enunciar e resolver nas aulas e teorias, e põem à prova a iniciativa dos mesmos alunos, cuja cultura me abstenho de encarecer; daí a sua manifesta vantagem que aumenta com a diversidade de armas e serviços que concorrem à missão e ainda com a maior variedade de situações que se possam apresentar.

Quer-nos, por isso, parecer que o resultado obtido, sob o ponto de vista de instrução geral militar dos alunos, devia ter sido máximo, pois que a Escola procurou proporcionar aos seus alunos o conjunto das melhores circunstâncias para que essa instrução se fizesse.

No entanto, não foi tão completo, como seria para desejar, o resultado obtido e a meu vêr, porque os trabalhos efectuados tiveram na sua maioria um carácter de particularismo que interessava em especial ao curso porque eram executados, e nos poucos exercícios em conjunto os alunos fôram mais absorvidos na parte da execução do que no estudo e resolução do problema, e tudo isto agravado da dificuldade que resultou da passagem brusca do regimen a que os alunos estavam habituados, ao arduo regimen de campanha a que tiveram de estar sujeitos durante a missão. Creio, contudo, que o resultado obtido compensou o sacrifício que a escola fez e que é de molde a animar a a proseguir na realização de missões idênticas.

Pelo que diz respeito à engenharia, creio que o aproveitamento dos alunos nos diversos cursos nos trabalhos da 6.^a e 7.^a cadeira da Escola de Guerra de que sou lente adjunto, foi o melhor que podia ser, visto não se poder proporcionar essa instrução em melhores condições, do que as que nos apresenta a Escola de Aplicação de Engenharia em Tancos. E, se esse aproveitamento não foi mais completo, foi isso devido à acumulação dos trabalhos e ao grande número de alunos em cada curso ou turma.

Pelo que respeita à instrução ministrada aos alunos do 4.^o e 3.^o ano de engenharia militar sôbre *serviços de engenharia*, foi ela o mais profícua possível pelo que respeita ao conhecimento do material e execução de alguns trabalhos das tropas da arma; mas, sob o ponto de vista do serviço em campanha, foi limitada, devido à desproporção entre o número de alunos dêstes cursos e o efectivo da coluna de instrução, e à ligação constante que com ela se manteve, que não permitiu executar reconhecimentos e missões especiais com o desenvolvimento que seria para desejar».

O sr. Magalhães Correia dirigiu alguns trabalhos especiais, que sendo uma repetição de trabalhos já executados na Escola não influíram no resultado geral da missão.

Vejamos agora a opinião do sr. lente da 5.^a cadeira relativamente à *artilharia*. «Não obstante as deficiências já apontadas no meu relatório, julgo que a missão a Tancos teve a alta vantagem de dar aos alunos alguns dias de prática da vida de campanha.

Para os alunos da arma de artilharia constituiu a missão a Tancos um com-

plemento indispensável de toda a instrução técnica ministrada em Lisboa e arredores, mostrando-lhes as exigências do serviço de uma unidade de artilharia em campanha e facilitando-lhes a resolução de alguns dos principais problemas, que ao artilheiro se apresentam na guerra.»

Relativamente à *cavalaria* exprimiu-se nos seguintes termos o sr. lente da 4.^a cadeira.

«— Os trabalhos realizados em Tancos e o modo porque fôram desempenhados, mostraram-me a necessidade de se uniformisarem os processos de ensino e de se orientarem os esforços individuais daqueles que a seu cargo tem a instrução dos alunos.

Sob o ponto de vista da instrução geral militar de todos os alunos, julgo que êstes lucraram com os trabalhos efectuados, e afigura-se-me que mais ainda lucrarão em trabalhos futuros.

De ha muito que pugno para que no ensino prático da Escola se incluia um período dedicado à conjugação de trabalhos práticos das cadeiras dos diferentes cursos, que segundo a nossa opinião muito valorizaria o ensino, e que, quando aplicado ao ensino da tática, teria ainda a enorme vantagem de dar aos alunos a noção do valor e processos de execução das armas, diferentes daquela cujo curso seguem, e fomentar a unidade e doutrina no exército e desenvolver a camaradagem das armas.

Mas afigura-se-nos também que êstes trabalhos só poderão produzir verdadeiros resultados práticos, quando os diversos exercícios a realizar sejam todos conjugados num tema tático, cujo estabelecimento, trabalhos preparatórios e execução tivessem a dar-lhes a indispensável unidade e justo equilibrio, a acção superior e disciplinadora, de quem a êstes trabalhos presidissem.

.....

No que diz respeito, mais especialmente, à instrução da tática dos alunos do 2.^o ano do curso de cavalaria, julgo não satisfazerem *completamente* os trabalhos executados, pois que é indispensável ministrar a êstes alunos conhecimentos práticos sob determinados assuntos, que a assiduidade e presença em qualquer local não permite dar; refiro-me à execução de marchas extensas e rápidas, ao serviço de descoberta e segurança e até à execução de operações especiais realizadas a distância, por alunos ou grupos de alunos, destinadas a cultivar-lhes o espirito de iniciativa e decisão, que tão indispensáveis são aos oficiais da arma.»

Dirigiu a instrução de *infantaria* o sr. lente adjunto da 5.^a cadeira.

Pronunciando-se sobre o resultado da missão, escreve no seu relatório:

«— É meu parecer que a missão levada a cabo em 1913 foi de bons resul-

tados para a instrução geral militar de todos os alunos. Certamente haverá necessidade e conveniência de modificar o programa das futuras missões, procurando a realização de maior número de exercícios de conjunto, afim de avigorar cada vez mais, a solidariedade e camaradagem entre as diversas armas e serviços, salientando melhor a sua ligação e, possivelmente, tirando melhores e mais rápidos efeitos da instrução. Embora não fôsse possível organizar o programa dos trabalhos de infantaria de fôrma a dar aos alunos, que se destinam a esta arma, uma noção completa da missão do oficial de infantaria e do perfeito funcionamento da arma nas diversas situações, em que poderá encontrar-se, tiveram no entanto os alunos o ensejo de executar alguns trabalhos que, estou certo, alguns ensinamentos úteis lhe deram. Alguns serviços de campanha, as experiências de tiro colectivo, os fogos riais e as marchas executadas em variadas condições, não obstante não poderem ter tido o desenvolvimento que seria para desejar, devem ter contribuído bastante para firmar os conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas, ao mesmo tempo que mostraram o coeficiente de correcção que é necessário introduzir na prática.»

A instrução de infantaria, em meu parecer, precisa entre nós de cuidados muito especiais. Diz Lewal que o exército é a infantaria, acompanhada de acessórios que preparam, favorecem e completam a sua acção. Apesar de não concordarmos em absoluto com Lewal, porque um exército é um organismo composto de vários elementos coordenados para um fim comum, se atendermos a que a infantaria pode atingir a percentagem de 80 % de todo o exército, não podemos deixar de concordar com alguma coisa que ha de verdadeiro no conceito de Lewal.

Na guerra moderna, o papel mais difficil e a missão mais delicada pertence ao oficial de infantaria, sendo por isso indispensável uma conveniente preparação dos officiais desta arma. Até hoje o pessoal encarregado da instrução dos alunos dêstes cursos tem feito o que tem podido; mas a variedade dos seus serviços, e o número de alunos dos cursos gerais e dos cursos de infantaria não se coadunam com a exiguidade do pessoal docente que lhes é destinado.

Ocupando-se do resultado geral da missão, escreve no seu relatório o sr. lente adjunto da 11.^a cadeira, que dirigiu a instrução do *curso do serviço de administração militar*: parece-me, sob o ponto de vista do ensino, ter sido o curso de administração militar um dos que mais aproveitaram com a missão. Os serviços, que os officiais da administração militar tem a desempenhar, exigem experiência e treno que só em repetidos exercícios com tropas se adquirem. Nessas condições — e só nessas — é que será possível a integral preparação dos futuros officiais dêsse serviço, dando-lhes frequentemente ocasião de, não só apli-

carem na prática as regras e princípios aprendidos nas aulas, mas também de exercitarem e desenvolverem as qualidades primaciais do oficial dêsse serviço — método, decisão e iniciativa — predicados que êles devem possuir em justo equilíbrio.

Para a instrução prática dos alunos de administração militar são proveitosíssimos exercícios como êste. Com efeito, embora sejam evidentemente similares as condições indispensáveis para a formação de um bom oficial de qualquer das armas do exército — conhecimentos teóricos completados pela prática do serviço de campanha, adquirida em freqüentes exercícios, para o de administração militar tais exercícios teem talvez uma importância maior ainda.

Nas diferentes armas os trabalhos teem sempre o seu tanto ou quanto de figurado e hipotético, emquanto que o de alimentação e aprovisionamento é sempre, salvas as circunstâncias ocasionais, feito a valer . . .

Melhor e mais completa instrução poderia ter sido ministrada se houvesse sido possível dotar a coluna com mais material administrativo.»

Tais são as opiniões dos srs. lentes e lentes adjuntos que, nos termos do nosso regulamento, directamente dirigiram a instrução das diversas armas e do serviço de administração militar. O conselho fica assim com todos os elementos para avaliar do resultado da missão a Tancos.

Resta-nos, para terminar êste modesto trabalho, apresentar à esclarecida apreciação de V. Ex.^a e do conselho de instrução as conclusões, que, a meu vêr, dele se deduzem.

Parece-nos: *a)* que, com o actual regimen escolar, a última quinzena de junho deve ser destinada a uma instrução de conjunto de todos os alunos da Escola, complementar de todos os trabalhos teóricos e práticos do ano, necessária para bem firmar toda a instrução recebida, e indispensável para uma boa preparação final dos alunos que terminarem os diversos cursos; *b)* que o programa desta missão deve ser organizado, especialmente, por exercícios militares de marcha, estacionamento e combate, e por trabalhos práticos com êles directamente coordenados; *c)* que a coluna de instrução deve ser dotada com todo o pessoal, material e animal necessário para a execução completa de todos os trabalhos da missão.

E para que êstes trabalhos pessam produzir os resultados que deles se devem esperar — uma boa preparação dos candidatos ao oficialato — afigura-se-nos in-

dispensável: *a)* uma ponderada selecção dos candidatos à Escola; *b)* uma bem orientada instrução teórica e prática, e uma constante preparação física e militar; e ainda, *c)* uma atenção muito especial à educação moral e disciplinar dos futuros oficiais.

Ao depôr nas mãos de V. Ex.^a êste relatório, aproveito a ocasião para agradecer a todo o conselho a honrosa comissão que me confiou, que nada tinha a justificar senão a minha dedicação e boa vontade em servir a Escola, de que sou um dos seus mais modestos membros.

Lisboa-Janeiro de 1914

(a) JOSÉ JOAQUIM MENDES LEAL

Tenente coronel de infantaria, lente da 1.ª cadeira

Relação dos trabalhos que devem ser executados nas salas de estudo pelos diversos cursos

Cursos	N.º dos programas	Cadeiras	Designação dos trabalhos	Coefficientes relativos	Número de sessões	Dias da entrega dos trabalhos	Cursos	N.º dos programas	Cadeiras	Designação dos trabalhos	Coefficientes relativos	Número de sessões	Dias da entrega dos trabalhos	
ESTADO MAIOR, 2.º ano	1	9.	Problema sobre a marcha, estacionamento e combate de uma brigada mixta na ofensiva	2	11	3 de dezembro	INFANTARIA 1.º ano	1	2.ª	Desenho de uma carreira de tiro e seu desenfiamento	4	12	2 de dezembro	
	2	9.ª	Problema sobre a marcha, estacionamento e combate de uma divisão	3	13	12 de janeiro		2	2.ª	Problemas elementares de tática	3	9	23 de dezembro	
	3	9.ª	Memória sobre organização militar	3	15	18 de fevereiro		3	11.ª	Exercícios de topografia	5	19	27 de janeiro	
	4	9.ª e 10.ª	Estudo de mobilização e organização de um plano de transporte de tropas para uma dada zona de concentração	4	15	28 de março		4	3.ª	Problemas de tática aplicada	5	19	15 de março	
	5	10.	Memória sobre um tema de história militar	3	15	9 de maio		5	2.ª	Problemas do serviço de infantaria em campanha	6	21	10 de maio	
ENGENHARIA MILITAR 4.º ano	1	18.ª	Projecto de um trço de estrada ordinária	3	18	26 de novembro	ADMINISTRAÇÃO MILITAR	1	11.ª	Exercícios de topografia	2	21	23 de dezembro	
	2	19.ª	Estudo de um plano de lavra	2	22	23 de dezembro		2	1.ª	Questões de organização o execução de serviços militares em tempo de paz	4	25	1 de março	
	3	20.ª	Projecto e orçamento de um aparelho metalúrgico	3	26	1 de fevereiro	3	3.ª	Problemas de administração militar em campanha	4	27	10 de maio		
	4	5.ª	Exercício sobre a guerra de sitio	2	12	15 de fevereiro	ENGENHARIA MILITAR E ARTILHARIA 1.º ano (comum)	1	11.ª	Exercícios de topografia	3	40	23 de dezembro	
	5	13.ª	Problemas de hidráulica	3	18	10 de março		2	12.ª	Exercícios de grafia estática	2	16	19 de janeiro	
	6	17.ª	Projecto geral de um porto de mar e de distribuição de energia electrica para serviço do mesmo	3	28	19 de abril		3	12.ª	Aplicações de resistência de materiais	4	22	15 de fevereiro	
	7	13.ª	Projecto de um receptor hidráulico	2	8	28 de abril		4	15.ª	Cálculos e desenhos de órgãos de máquinas	4	36	31 de março	
	8	11.ª	Exercícios geodésicos	2	10	10 de maio		5	4.ª	Exercícios de fortificação passageira	3	28	10 de maio	
ENGENHARIA MILITAR 3.º ano	1	14.ª	Projecto de quartel com applicações de betou armado	4	30	12 de dezembro	CAVALARIA E INFANTARIA 1.º ano (comum)	1	11.ª	Exercícios de topografia	2	21	23 de dezembro	
	2	16.ª	Projecto de ponte metálica	3	24	17 de janeiro		2	2.ª	Problemas balísticos	4	22	20 de fevereiro	
	3	19.ª	Estudo de uma questão de preparação de minérios	3	25	16 de fevereiro		3	2.ª	Estudos sobre armamento português	1	10	17 de março	
	4	16.ª	Projecto de ponte de pedra	3	14	7 de março		4	4.ª	Exercícios de fortificação passageira	3	20	10 de maio	
	5	18.ª	Ante-projecto de um trço de via férrea	3	24	4 de abril	ENGENHARIA CIVIL E DE MINAS 3.º ano	1	18.ª	Projecto de um trço de estrada ordinária	3	18	26 de novembro	
	6	5.ª	Exercício de fortificação permanente	4	25	10 de maio		2	19.ª	Estudo de um plano de lavra	2	22	23 de dezembro	
ENGENHARIA MILITAR 2.º ano	1	4.ª	Exercícios sobre comunicações militares	2	20	29 de novembro	ENGENHARIA CIVIL E DE MINAS 2.º ano	3	20.ª	Projecto e orçamento de um aparelho metalúrgico	3	32	8 de fevereiro	
	2	11.ª	Desenhos de arquitectura e construções sanitárias	2	22	3 de janeiro		4	13.ª	Problemas de hidráulica	3	23	9 de março	
	3	12.ª	Cálculo de vigas e arcos metálicos	4	22	28 de janeiro		5	17.ª	Projecto geral de um porto de mar e de distribuição de energia electrica para serviço do mesmo	3	32	22 de abril	
	4	3.ª	Problemas de tática aplicada	3	18	20 de fevereiro		6	13.ª	Projecto de um receptor hidráulico	2	15	10 de maio	
	5	6.ª	Problemas de penetração e efeitos dos projecteis	4	22	20 de março		ENGENHARIA CIVIL 2.º ano	1	11.ª	Projecto de hotel com sistema de aquecimento, garage e balneário	5	26	19 de dezembro
	6	11.ª	Projecto de um pequeno edificio com orçamento	3	38	10 de maio			2	16.ª	Projecto de uma ponte metálica	4	28	28 de janeiro
ARTILHARIA 3.º ano	1	5.ª	Exercícios sobre a guerra de sitio	2	20	29 de novembro	3		19.ª	Estudo de uma questão de preparação de minérios	3	26	3 de março	
	2	8.ª	Desenho de máquinas empregadas no fabrico do material de guerra	1	14	16 de dezembro	4		16.ª	Projecto de uma ponte de pedra	3	18	24 de março	
	3	8.ª	Instalação e distribuição de uma fábrica de pólvora e projecto de uma officina	4	26	21 de janeiro	5		18.ª	Ante-projecto dum trço de via férrea	3	24	28 de abril	
	4	7.ª	Resistência de bocas de fogo	4	26	21 de fevereiro	6	11.ª	Exercícios geodésicos	2	10	10 de maio		
	5	7.ª	Resistência de reparos	4	26	29 de março	ENGENHARIA CIVIL E DE MINAS 1.º ano	1	11.ª	Exercícios de topografia	2	18	26 de novembro	
	6	8.ª	Projecto completo de um forno para fundição de bronze	3	18	26 de abril		2	14.ª	Desenhos de arquitectura e de modelos de construção de edificios	2	22	23 de dezembro	
	7	7.ª	Tática de artilharia	2	12	10 de maio		3	12.ª	Exercícios de grafia-estática	3	16	19 de janeiro	
ARTILHARIA 2.º ano	1	4.ª	Projecto de uma bateria de campanha	1	18	26 de novembro	ENGENHARIA CIVIL E DE MINAS 1.º ano	4	12.ª	Aplicações de resistência de materiais	4	22	15 de fevereiro	
	2	6.ª	Problemas de balística interna	3	44	26 de janeiro		5	15.ª	Cálculos e desenhos de órgãos de máquinas	4	34	29 de março	
	3	3.ª	Problemas de tática aplicada	2	18	17 de fevereiro		6	11.ª	Projecto de um pequeno edificio com orçamento	5	30	10 de maio	
	4	6.ª	Problemas de balística externa	1	48	24 de abril		CAVALARIA 2.º ano	1	2.ª	Desenho de uma carreira de tiro e seu desenfiamento	4	11	3 de dezembro
	5	13.ª	Projecto de um receptor hidráulico	1	14	10 de maio			2	3.ª	Estudo sobre equipamento e muiciamento	2	8	22 de dezembro
CAVALARIA 2.º ano	1	2.ª	Desenho de uma carreira de tiro e seu desenfiamento	4	11	3 de dezembro	3		11.ª	Exercícios de topografia	3	12	28 de janeiro	
	2	3.ª	Estudo sobre equipamento e muiciamento	2	8	22 de dezembro	4		3.ª	Problemas de tática aplicada	5	18	16 de março	
	3	11.ª	Exercícios de topografia	3	12	28 de janeiro	5		3.ª	Problemas de serviço de cavalaria em campanha	6	20	9 de maio	
	4	3.ª	Problemas de tática aplicada	5	18	16 de março								
	5	3.ª	Problemas de serviço de cavalaria em campanha	6	20	9 de maio								

Estes programas serão executados estritamente dentro dos prazos marcados, não podendo estes ser alterados sem autorização do conselho de instrução. Os trabalhos serão recebidos pelos leutes ou lentes adjuntos que os tiverem dirigido e enviados para a secretaria da escola no dia marcado para a sua entrega.

Os alunos do 1.º ano dos diversos cursos são obrigados a apresentar no primeiro dia útil das aulas os artigos designados nas «Instruções provisórias para o serviço interno da escola» (art. 31.º).

Aprovado em sessão do Conselho de instrução de 2 de novembro de 1910.

O Secretario

(a) Virgilio Varela

Capitão

Relatório da Missão a Tancos em 1913

ESCOLA DO EXÉRCITO — 1910-1911

Distribuição dos serviços que devem ser executados no período de 11 de maio a 30 de junho de 1911

Main table with columns for Cursos, Cadeiras, SERVIÇOS, Dias ou prazos, Dias em que se realizarem os serviços, Observações, and a detailed list of tasks and schedules for various military courses like ESTABO MAIOR, ENGENHARIA MILITAR, etc.

O Sr. Lentes das cadeiras regular, dentro dos prazos marcados, as particularidades dos serviços respectivos. Os exercícios de complemento realizar-se-ão nos intervalos disponíveis dos outros serviços. Quando estiverem marcados dois serviços, no mesmo dia, para os mesmos alunos, os trabalhos nos laboratórios, gabinetes, carreiras de tiro e outras dependentes das cadeiras, realizar-se-ão depois do almoço da manhã. Também depois desta refeição serão os alunos para as visitas em Lisboa, se houver aquela acumulação de serviços.

Aprovado em sessão do Conselho de Instrução de 29 de abril de 1911.

O Secretário Virgílio Varela Capitão

ESCOLA DE GUERRA

1912-1913

Distribuição dos trabalhos práticos a realizar pelos alunos dos diversos cursos no 3.º periodo escolar (11 de Maio a 30 de Junho)

CURSOS	MAIO																															JUNHO																														OBSERVAÇÕES																																																	
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30																																																												
ESTADO MAIOR	Visita a fortificações	Prática de Telegrafia	Tiro de pistola														Reconhecimentos de caminhos de ferro													Viagem de Estado Maior															Visita a Venhas Novas (M.lear-tilha)	Visita a Venhas Novas (Torpedeiros Fixos)	Trabalhos topográficos																																																																
ENGENHARIA MILITAR — 4.º ano	Visita ao Observatório Astronómico	Visita ao Direcção dos trabalhos geodésicos	Tiro de pistola														Visita à Mina de S. Domingos													Missão a Colúmba, Porto e Braga (13.º e 17.º E. E.)															Inspeção Militar	Empreza Industrial	Companhia das Águas	Porto de Lisboa	Estação Central Eléctrica	Reconhecimentos															Prática de telegrafia																																														
ENGENHARIA MILITAR — 3.º ano	Visita a fortificações	Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita às Minas de Braçal e Pintar														Missão a Pontes e caminhos de ferro													Visita a navios de guerra	Visita à Estação do Rio	Visita à Estação de St. Apolónia	Visita a fortificações															Trabalhos de sapas e minas															Trabalhos de estradas e caminhos de ferro																																																
ENGENHARIA MILITAR — 2.º ano	Estudos balísticos (Carreira de tiro da Escola)															Trabalhos de steroctomia															Estudos de resistência de materiais															Visita a Braco de Prata	Problemas táticos no campo															Visita a Chelas	Visita a Trafaria	Visita ao Museu de Artilharia	Estudos balísticos (Venhas Novas)	Visita a Barcarena	Visita a quartéis e monumentos de Coimbra	Visita a Obras e Edifícios em Lisboa																																											
ARTILHARIA — 3.º ano	Visita ao Museu de costa	Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Museu de Artilharia	Visita a navios de guerra	Tiro de pistola														Trabalhos de steroctomia	Visita a Viaturas	Visita ao Arsenal de Marinha	Visita a Carpinteria Mecânica	Laboratório e oficinas															Visita a Trafaria	Verificação de fuzis	Visita a fabrica de Armas	Visita ao material de Venhas Novas e Evora	Reconhecimentos																																																																					
ARTILHARIA — 2.º ano	Estudos balísticos (Carreira de tiro da Escola)															Trabalhos de guerra de sítio															Visita às fortificações															Visita ao Serviço de Torpedeiros Fixos	Problemas táticos no campo															Estudos balísticos (Venhas Novas)															Exercícios de Artilharia																																		
CAVALARIA — 2.º ano	Tiro de pistola															Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita ao Museu de Artilharia	Visita a Braco de Prata	Prática de telegrafia optica															Visita a Chelas	Visita ás metralhadoras de eva.	Lições práticas de material no Parque da Escola	Trabalhos de sapa															Reconhecimentos																																																											
INFANTARIA — 2.º ano	1.ª turma	Tiro de pistola															Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita ao Museu de Artilharia	Visita a Braco de Prata	Prática de telegrafia Optica															Visita a Chelas	Visita ás metralhadoras G. n.º 1	Lições práticas de material no Parque da Escola	Trabalhos de sapa															Reconhecimentos																																																										
	2.ª turma	Tiro de pistola															Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita ao Museu de Artilharia	Prática de telegrafia optica	Visita a Braco de Prata	Visita a Chelas															Trabalhos de sapa															Visita ás metralhadoras G. n.º 1	Lições práticas de material no Parque da Escola	Reconhecimentos																																																										
	3.ª turma	Tiro de pistola															Visita ao Museu de Artilharia	Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita a Braco de Prata	Prática de telegrafia optica															Visita a Chelas	Lições práticas de material no Parque da Escola	Trabalhos de sapa															Visita ás metralhadoras G. n.º 1	Reconhecimentos																																																										
ADMINISTRAÇÃO MILITAR	Problemas táticos no campo															Tiro de pistola															Trabalhos de estacionamentos e comunicações															Visita ao Depósito de Armas	Visita a Viaturas	Visita ao Material de Camiões de Ferro	Lições práticas de material no Parque da Escola															Estudos balísticos e lições práticas de armamento															Visita a Padaria Militar	Leitura de cartas															Visita a Chelas	Visita a Braco de Prata	Visita a estabelecimentos fabricas														
ARTILHARIA DE CAMPANHA, CAVALARIA E INFANTARIA — 1.º ano	1.ª turma	Tiro de espingarda															Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita a material de costa	Trabalhos de topografia															Lições práticas de material no Parque da Escola															Estudos balísticos e lições práticas de armamento															Problemas táticos no campo															Visita ás metralhadoras G. n.º 1																																
	2.ª turma	Tiro de espingarda															Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita a material de costa	Estudos balísticos e lições práticas de armamento															Lições práticas de material no Parque da Escola															Trabalhos de topografia															Problemas táticos no campo															Visita ás metralhadoras G. n.º 1																																
	3.ª turma	Tiro de espingarda															Visita ao Museu da 3.ª cad. da E. N.	Visita a material de costa	Lições práticas de material no Parque da Escola															Estudos balísticos e lições práticas de armamento															Problemas táticos no campo															Visita ás metralhadoras G. n.º 1	Trabalhos de topografia																																														
ENGENHARIA CIVIL — 3.º ano	Tiro de pistola															Visita à Mina de S. Domingos															Missão a Colúmba, Porto e Braga (13.º e 17.º E. E.)															Visita à Inspeção dos Telegrafos Militares	Visita às Empresas Industriais	Visita às instalações das Águas	Visita ao Porto de Lisboa	Visita à Estação Central Eléctrica	Laboratório															Prática de telegrafia																																													

Aprovado em sessão de 8 de Abril de 1913.

O Secretário
Virgilio Henrique Soares Varela
Major

1912-1913

Distribuição dos trabalhos práticos a realizar pelos alunos dos cursos militares de 16 a 30 de Junho

CURSOS	JUNHO														OBSERVAÇÕES					
	16	17	18	19		20	21		22	23		24		25		26	27	28	29	30
				MANHÃ	TARDE		MANHÃ	TARDE		MANHÃ	TARDE	MANHÃ	TARDE							
ENGENHARIA MILITAR — 4.º ano	Marcha Lisboa, Vila Franca 43 km.	Marcha Vila Franca, Santarem 45 km.	Marcha Santarem, Tancos 47 km.				Telegrafia óptica	Comunicações		Reconhecimentos	Comunicações	Reconhecimentos	Destruições							
ENGENHARIA MILITAR — 3.º ano				Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos			Sapas e minas	Comunicações		Sapas e minas	Comunicações	Sapas e minas	Destruições							
ENGENHARIA MILITAR — 2.º ano				Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos			Problemas tácticos	Comunicações		Problemas tácticos	Comunicações	Problemas tácticos	Destruições							
ARTILHARIA — 3.º ano	Marcha Lisboa, Vila Franca 43 km.	Marcha Vila Franca, Santarem 45 km.	Marcha Santarem, Tancos 47 km.				Reconhecimentos	Exercícios de artilharia		Destruições	Exercícios de artilharia	Reconhecimentos	Exercícios de artilharia							
ARTILHARIA — 2.º ano	Marcha Lisboa, Vila Franca 43 km.	Marcha Vila Franca, Santarem 45 km.	Marcha Santarem, Tancos 47 km.				Trabalhos de sítio	Exercícios de artilharia		Trabalhos de sítio	Exercícios de artilharia	Problemas tácticos	Exercícios de artilharia							
CAVALARIA — 2.º ano	Marcha Lisboa, Vila Franca 43 km.	Marcha Vila Franca, Santarem 45 km.	Marcha Santarem, Tancos 47 km.				Telegrafia óptica	Reconhecimentos		Sapas	Reconhecimentos	Reconhecimentos	Destruições							
INFANTARIA — 2.º ano	1.ª turma	2.ª turma	3.ª turma	Marcha Lisboa, Vila Franca 43 km.	Marcha Vila Franca, Santarem 45 km.	Marcha Santarem, Tancos 47 km.	Reconhecimentos	Tiro	Exercício de passagem de um desfiladeiro — Estabelecimento do serviço de protecção	Destruições	Tiro	Sapas	Tiro	Exercício de marcha, estacionamento e combate — Fogos reais	Preparação para a marcha de regresso	Embarkar em Tancos — Marcha pela via férrea — Desembarque no Carregado — Marcha pela via ordinária — Carregado a Alentejo	Marcha pela via ordinária — Alentejo a Sobral	Marcha pela via ordinária — Sobral a Bueelas — Grande-alto em Bueelas — Marcha pela via ordinária — Bueelas a Loures	Marcha pela via ordinária — Loures a Lisboa	
				Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Destruições	Tiro	Sapas	Tiro												
				Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Destruições	Tiro	Reconhecimentos	Tiro												
ADMINISTRAÇÃO MILITAR	Marcha Lisboa, Vila Franca 43 km.	Marcha Vila Franca, Santarem 45 km.	Marcha Santarem, Tancos 47 km.				Destruições	Reconhecimentos		Reconhecimentos	Comunicações	Trabalhos de estacionamento	Reconhecimentos							
ARTILHARIA DE CAMPANHA, CAVALARIA E INFANTARIA — 1.º ano	1.ª turma	2.ª turma	3.ª turma	4.ª turma	5.ª turma	Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Topografia	Problemas tácticos	Exercício de marcha, estacionamento e combate — Fogos reais	Problemas tácticos	Problemas tácticos	Problemas tácticos	Tiro	Exercício de marcha, estacionamento e combate — Fogos reais	Preparação para a marcha de regresso	Embarkar em Tancos — Marcha pela via férrea — Desembarque no Carregado — Marcha pela via ordinária — Carregado a Alentejo	Marcha pela via ordinária — Alentejo a Sobral	Marcha pela via ordinária — Sobral a Bueelas — Grande-alto em Bueelas — Marcha pela via ordinária — Bueelas a Loures	Marcha pela via ordinária — Loures a Lisboa	
						Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Problemas tácticos	Topografia		Problemas tácticos	Tiro									
						Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Problemas tácticos	Problemas tácticos		Problemas tácticos	Tiro									
						Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Problemas tácticos	Problemas tácticos		Problemas tácticos	Tiro									
						Marcha via férrea St.ª Apolonia Tancos	Problemas tácticos	Problemas tácticos		Topografia	Tiro									

Aprovado em sessão do Conselho de Instrução de 8 de Abril de 1913.

O Secretário
Virgílio Henrique Soares Varela
Major

ESCOLA DE GUERRA

MAPA DA FORÇA EM TANCOS

DESIGNAÇÕES	OFICIAIS		Alunos	PRAÇAS						SOLÍPEDES		Viluzas	
	Lentes	Do corpo		ARTILHARIA		CAVALARIA		INFANTARIA		Cavalos	Mulas		
				Cabos	Soldados	Clarin	Soldados	Ferradores	Cabos				Soldados
Comandante (lente da 1.ª cadeira).....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Adjunto (lente da 8.ª cadeira).....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pessoal auxiliar.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Comandante do corpo.....	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Oficiais } } Oficiais do serviço.....	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
} Medico.....	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Amannenses.....	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Quarteleiros.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Praças } } Fachinas.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
} Ordenanças.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rancho } } Sargento.....	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
} Cabos.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
} Soldados.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
} Cozinheiro.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Enfermeiro.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Engenharia militar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lentes (adjunto da 6.ª, 16.ª e 17.ª cadeiras).....	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alunos.....	-	-	30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Praças (tratadores).....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Artilharia</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lentes (5.ª e 9.ª cadeiras e adjunto da 5.ª.....	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alunos.....	-	-	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Praças.....	-	-	-	1	17	1	-	-	-	-	-	-	-
<i>Cavalaria 2.º ano</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lentes (lente e adjunto da 4.ª cadeira).....	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alunos.....	-	-	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Praças (tratadores).....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Infantaria 2.º ano</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lentes (adjunto da 1.ª e 3.ª cadeiras).....	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alunos.....	-	-	70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Praças.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Administração militar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lentes (adjunto da 11.ª cadeira).....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alunos.....	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Praças.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Artilharia de campanha, cavalaria e infantaria 1.º ano (comum)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alunos.....	-	-	67	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Trem regimental</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cabos.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ferradores.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Condutores.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	13	5	-	1	23	1	1	20	2	2	3	39	2
				23				23				44	
	18		231	3				95				122	7

Civil

ESCOLA DE GUERRA

RELATÓRIO DA MISSÃO A TANCOS EM 1913

INSTRUÇÕES GERAIS

I

UNIFORMES, EQUIPAMENTOS E ARMAMENTOS

1. — Os alunos farão uso dos seguintes artigos de uniforme: chapéu de feltro, nº 1911, dolman de serviço, calças ou calções do mesmo tecido do dolman e botas de cabedal preto.

Os alunos do 3.º e 4.º anos de engenharia, 3.º e 2.º anos de artilharia, 2.º ano de cavalaria e de administração militar farão uso das polainas ou botas de montar, esporas e luvas cinzentas; os alunos do 2.º ano de engenharia, 2.º ano de infantaria, 1.º ano (comum) de engenharia e artilharia, 1.º ano (comum) de cavalaria e infantaria e 1.º ano (comum) de artilharia de campanha, cavalaria e infantaria, farão uso das grevas de nº 1911.

Nos bivaques e acantonamentos, ou quando fôr determinado, os alunos usam o 2.º barrete e alpercatas.

2. — O equipamento dos alunos do 2.º ano de engenharia, do 2.º ano de infantaria e dos 1.º anos das diferentes armas será o nº 1912 de infantaria; o dos outros alunos será o de campanha das suas respectivas armas e serviços.
3. — O armamento de todos os alunos será o regulamentar para as praças das suas armas, porém os alunos que exercerem funções de comando de oficial farão uso do armamento correspondente.

Os artigos de roupa e outros de uso pessoal dos alunos serão transportados, parte no seu equipamento, parte nas malas regulamentares conforme fôr determinado.

Prescrições higiénicas

4. — O fardamento deve ser folgado, sobre tudo as golas, para que o ar possa circular livremente, e para permitir a liberdade de movimentos.
5. — O calçado deve ter mais de dois centímetros de comprimento do que os pés, e ser suficientemente largo para permitir o livre funcionamento dos dedos.
Não deve comprimir o peito do pé.
O calçado deve ser limpo por dentro, de vez em quando, por meio de um trapo para lhe tirar as poeiras e os resíduos da transpiração dos pés. Deve ser encheado ou untado para se tornar mais maleável, adaptando-se melhor durante as marchas.
6. — As grevas devem ajustar-se bem às pernas, por forma que não embaracem a circulação.
7. — O equipamento deve ajustar-se bem ao corpo, e procurar o seu equilíbrio de forma a causar o menor incômodo nas marchas e nos exercícios.

II

MARCHAS**Disposições gerais sobre a preparação, execução e disciplina das marchas**

8. — Os alunos observarão durante as marchas as prescrições regulamentares, as ordens do comando e as instruções especiais dos lentes que dirigirem a sua instrução.
9. — Antes de se iniciarem as marchas executarão os serviços que lhes forem determinados, as ordens que receberem relativamente aos seus uniformes, armamento, equipamento e gado que lhes tiver sido distribuído, observando as instruções dos lentes que dirigirem os diferentes serviços.
10. — Os diferentes elementos que compõem a coluna marcharão pela ordem determinada pelo comando, executando-se a marcha, em regra, pelo lado direito da estrada.
11. — A ninguém é permitido sair da coluna sem a devida autorização; os alunos devem conservar durante as marchas uma compostura e atitude correctas, evitando tudo que dê aparência de desordem.
12. — Os alunos devem tratar com cuidado os solípedes, armamento e equipamento que lhes tiverem sido distribuídos, e pelos quais serão responsáveis nos termos do art.º 143º do Plano do regime interno, participando superiormente qualquer facto extraordinário.

HIGIENE**Prescrições gerais**

13. — Durante as marchas sómente se deve respirar pelo nariz.
14. — A chegada à etape, se o alto se fizer num campo, deve respirar-se com a bôca aberta, de modo a encher os pulmões de ar puro, sem poeiras.
Durante os altos os alunos não devem deitar-se sôbre a terra, quer seja ao sol quer à sombra, mas sentarem-se simplesmente nos relevos do terreno.
15. — Ao iniciar-se a marcha os alunos devem ter os cantis cheios de água, que se tenha verificado ser boa, simples ou adicionada com chá ou café.
Os alunos não devem beber líquidos em abundância durante as marchas, mas sómente pequenas porções, de quando em quando. Devem para combater a sede, fazer bochechos ou gargarejos com água, bem como loções da face e das narinas com a ponta do lenço embebida em água do cantil. Não devem beber água muito fria quando estejam a transpirar, mas ligeiramente fresca. Não devem beber a água das ribeiras, pantanos e poços nas proximidades dos quais haja estrumeiras, currais nitreiras, porque estas águas estão sempre inquinadas.
16. — São proibidas durante as marchas as bebidas alcoólicas, porque os casos de insolação se observam, sobre tudo, nos indivíduos que fazem uso dessas bebidas.
Os alunos não devem sujar a água dos ribeiros com os seus dejectos.
17. — Depois de cada marcha os alunos, sempre que seja possível, devem lavar os pés com água e sabão para evitar a acção irritante do suor, e para quando tiverem que efectuar nova marcha, untarem os pés com vaselina bórico. Assim conseguirão evitar a acção irritante do suor e do calçado, e sobretudo, a formação das empolas ou bolhas dos pés.
18. — As empolas ou bolhas dos pés devem ser tratadas fazendo o seguinte: a) lavar as mãos e os pés com água e sabão; b) queimar à chama, mesmo dum fósforo, uma agulha, alfinete ou ponta dum canivete; c) furar a empola proximo da sua circunferência da base, e esvaziá-la completamente, por pressão, não arrancando a pele que forma a empola; d) untar o pé com vaselina bórico e ligal-o com uma ligadura de gaze.

Acidentes das marchas

Acidentes locais. — São devidos ao calçado e ao fardamento. Os acidentes locais devidos ao calçado já estão mais ou menos descritas na parte da higiene dos pés; os devidos ao fardamento são sobre tudo resultado de atrito.

19. — O *intertrigo*, resultado do atrito do fardamento, aparece sôb a fôrma de vesículas pequenas, assentes num fundo vermelho, que bem depressa se ulceram, dando saída a um liquido viscoso e resistente; aparece sobre tudo no sulco interglúteo e nas bolsas.
20. — As lavagens com água fria, as unções de vaselina bórica, o pó de amido, talco ou bismuto constituem, com a adaptação da camisa aos contornos das nádegas e da parte superior das coxas, os meios de evitar a produção do intertrigo durante as marchas.

Acidentes gerais. — Estes accidentes são produzidos pelo calor e pela fadiga.

21. — Os accidentes produzidos pelo calor são a *síncope termica*, que é desfalecimento momentaneo, que deriva da exposição do individuo a temperaturas elevadas.
22. — A *insolação* é um outro accidente produzido pelo calor que deriva da acção directa dos raios solares sobre o corpo do individuo.
23. — O *golpe de calor* é um outro accidente produzido pelo calor, que tem sido frequentemente observado na Europa e que não necessita a acção directa dos raios solares. O homem começa por transpirar abundantemente, por ter dôres de cabeça, oppressão, respiração rápida, pulso frequente.
24. — Os socórros a prestar a estes doentes, que devem ser conhecidos de todos são os seguintes:
 - a) — O doente deve ser deitado sôbre o terreno, desembaraçado da mochila e todo despertado, de modo que fique completamente livre de tudo que exerça compressão em qualquer parte do corpo; b) faz-se-lhe beber um pouco de água adicionada de café ou vinho; c) flagela-se-lhe a face e o peito com um pano molhado em água fria; d) devem fazer-se as tracções da lingua. Estas tracções podem ser feitas com uma pinça qualquer, que prenda a lingua, ou, em último caso, com os dedos polegar e indicador envolvidos num pano e que fazem o efeito das pinças. As tracções são rythmicas, e consistem em conduzir de uma maneira regular e metódica a lingua fora da bôca, metendo-se depois para dentro.
25. — Alguns médicos aconsellham distribuir 50 gramas de assucar; segundo ôles, o açúcar evita os accidentes termicos, porque estimula o organismo duma maneira rápida e certa.
26. — Os accidentes produzidos pela fadiga são descritos sôb a designação de *síncope de fadiga*. Estas síncopees são sempre graves e necessitam por isso a intervenção de um médico.

Instruções especiais para o «grupo de ciclistas»

Além das disposições gerais que ficam determinadas o grupo de ciclistas observará as seguintes instruções especiais:

27. — As marchas executam-se a um, dois ou quatro de costado, conforme a largura e o estado de conservação da estrada ou caminho seguidos, podendo ainda marchar-se em uma ou duas filas, pelas bermas.
28. — A velocidade máxima de marcha não deve exceder 15 quilômetros.
29. — Cada grupo de ciclistas, constituído permanentemente, dispõe de uma buzina, de que só fará uso quando marchar independentemente ou lhe fôr determinado.
30. — Nas marchas *à vontade* não é permitido fumar.

31. — Os altos, sempre que seja possível, deverão fazer-se em locais onde não corra vento; convindo que se execute sempre qualquer movimento respiratório.
32. — Os ciclistas devem ingerir diariamente, a meio do percurso ou durante o grande alto, 80 a 100 gramas de açúcar (pedras), por dózes de 20 gramas.
33. — Para serem empregados nas marchas pelo calor ou quando a poeira é muita, convém que os ciclistas disponham de *comprimidos de chlorato de potassa*.
34. — Depois da marcha diária os ciclistas procederão a uma lavagem cuidada, pois o atrito do selim produz frequentemente um prurido encomodo, que impede, na maioria das vezes, o proseguimento da marcha, quando os itinerários sejam extensos. Convém dispôr sempre de fôllas de sabão higiênico.

III

ESTACIONAMENTOS**1 — Serviço em Tancos****Serviço diário**

35. — Durante a permanência em Tancos será nomeado diariamente o seguinte pessoal para serviço:

1 capitão de inspecção;
 1 subalerno de dia;
 1 aluno de dia à Escola;
 1 aluno de dia por cada ano dos cursos de engenharia militar 1.º, artilharia 3.º, cavalaria 2.º, administração militar;
 1 sargento de dia ao destacamento;
 1 cabo de dia ao destacamento;
 1 corneteiro de dia;
 3 ordenanças (uma das quais montada para acompanhar o comando);
 1 plantão de dia a cada uma das casernas;
 1 guarda de cavalaria constituída por 1 cabo e 9 praças;
 As fachinas que o comando do corpo julgue necessário para o serviço dos dormitórios.

Atribuições

36. — Ao capitão de inspecção compete:
- a) — Superintender no serviço interno e policia que não seja directamente dependente do comandante do corpo, prevenindo e remediando todos os casos que de si dependam e solicitando providências para todos os outros
- b) — Assistir a todas as formaturas dos alunos, verificando a sua comparência e estado de limpeza.
- c) — Mandar fazer os toques às horas determinadas.
- d) — Examinar cuidadosamente as distribuições das refeições, verificando a quantidade e qualidade dos generos, bem como a forma porque as refeições estão cozinhadas.
- e) — Assistir às refeições dos alunos.
- f) -- Verificar, pela forma que julgar mais conveniente, se os castigos se cumprem e se os convalescentes permanecem nos locais que lhes tenham sido determinados.
- g) -- Receber as partes de doente do pessoal, providenciando para que o médico os examine immediatamente, afim de lhes poder dar o conveniente destino.

- h) — Providenciar para que aos solípedes sejam dispensados os necessários socóros e curativo quando acidentalmente dêles necessitem.
- i) — Rondar o aquartelamento durante a noite e mandal-o rondar pelo subalverno de dia e aluno de dia afim de garantir a policia e o integral cumprimento das determinações superiores.

37. — *Ao subalverno de dia :*

Cumpre coadjuvar o capitão de inspecção no desempenho do respectivo serviço, cumprindo todas as ordens que dêle receber.

Mais espezialmente compete-lhe :

- a) — Assistir a todas as formaturas do destacamento.
- b) — Assistir às distribuições do rancho às praças do destacamento, verificando a sua quantidade, qualidade e modo como está confeccionado.
- c) — Vigiar pela execução dos serviços diários que devem ser executados pelas praças do destacamento, verificando que estas se apresentem devidamente ataviadas.
- d) — Substituir o capitão de inspecção nos seus impedimentos legais.

38. — *Ao aluno de dia à Escola cumpre-lhe auxiliar o capitão de inspecção e subalverno de dia, a quem se apresenta ao render de serviço, e espezialmente :*

- a) — Assistir a todas as formaturas e serviços a que presida o capitão de inspecção ou subalverno de dia.
- b) — Acompanhar os alunos doentes à inspecção médica.
- c) — Receber na secretaria a correspondência destinada aos alunos, a quem fará a sua entrega.
- d) — Tomar conhecimento na secretaria, ao entrar de serviço, do número de alunos que devem comparecer nos diferentes serviços, número de praças arranchadas e número de solípedes, afim de poder prontamente prestar qualquer esclarecimento sobre o assunto.
- e) — Tomar conhecimento do horário e distribuição diária do serviço.
- f) — Cumprir imediatamente todas as ordens de serviço, que lhe sejam dadas pelos capitães de inspecção ou subalvernos de dia.

38. — *Aos alunos de dia aos cursos de engenharia militar 1.º ano, artilharia 3.º ano, cavalaria 2.º ano e administração militar, cumpre-lhes espezialmente a direcção e fiscalização do serviço respeitante aos solípedes, sob a direcção immediata do lente ou lente adjunto da 4.ª cadeira, competindo-lhes para isso :*

- a) — Mandar fazer a limpeza da parte das cavalariças em que se alojam os solípedes a cargo do seu curso, verificando que se mantêm sempre no devido estado de acção.
- b) — Exigir que se cumpra tudo quanto está determinado nos regulamentos em vigor a respeito do trato de gados, bem como as instruções que sôbre esse assunto forem dadas, assistindo para isso a todos os serviços.
- c) — Examinar logo que recolham os solípedes que tenham saído em serviço para determinar que se lhe dê o trato adequado.
- d) — Assistir ao curativo dos solípedes, providenciando para que compareçam todos os que dêle necessitam.
- e) — Participar immediatamente quando qualquer solípede manifeste sintôma de doença, a fim de se providenciar prontamente.
- f) — Dirigir todo o serviço de data de água e arraçoamento dos solípedes, devendo o raais antigo receber do deposito o grão e palha destinado aos solípedes da Escola, para o que ao entrar de serviço solicitará na secretaria do corpo os indispensaveis vales.

- g) — Vigiar frequentes vezes as cavaliças, assegurando-se do modo como o guarda da cavaliça desempenha os seus deveres.
39. — Os trabalhos práticos escolares preferem a qualquer outro serviço.

Instruções para o serviço interno diário

40. — Os alunos observarão as seguintes disposições gerais :
- a) — Ao toque da alvorada levantar-se-hão e descobrirão a respectiva cama, afim de a arejar convenientemente, devendo antes de saírem dos dormitórios guardar todos os objectos e artigos de vestuário que lhes pertencam.
- É expressamente proibido conservar sobre as camas outros artigos que não seja a capa dobrada e colocada aos pés, esforçando-se os alunos por conservarem o respectivo dormitório, no devido estado de ordem e accio, de que são os principais responsáveis os comandantes do dormitório.
- b) — Nas casas de lavagem, destinadas aos alunos, procederão aos cuidados da sua limpeza pessoal, evitarão de entornar água no chão e, depois de se terem utilizado dos objectos que aí se encontram e que não sejam sua propriedade, coloca-los-hão immediatamente, em circunstâncias de poderem ser utilizados por outros alunos.
- As toalhas, sabonetes, escovas e qualquer outro artigo, que os alunos utilizem, serão guardados nos dormitórios.
- A água de que necessitem para lavagens obtê-la-hão nas vasilhas para esse effeito colocadas nas imediações da casa de lavagem, onde as irão buscar.
- c) — As formaturas, quer gerais, quer parciais os chefes de turma, ano ou curso tirarão rapidamente nota dos alunos que não se encontrem presentes, a qual entregarão ao capitão de inspecção.
- d) — Ao toque de recolher os alunos formam nos respectivos dormitórios, aguardando a visita do official de inspecção, a quem o comandante do dormitório dará conhecimento de qualquer falta.
- Depois do toque de silencio não é permitido conservar acesa qualquer outra luz que não sejam as superiormente determinadas.
- e) — Ao toque de ordem os alunos comandantes do curso, ano ou turma comparecerão na secretaria munidos dos necessários apetrechos para esereverem.
40. — *Aos alunos cumpre-lhes a limpeza do armamento e equipamento em harmonia com as disposições seguintes :*
- a) — Os alunos dos cursos de engenharia 2.º ano, infantaria 2.º ano, artilharia de campanha, cavalaria e infantaria 1.º ano, engenharia e artilharia 1.º ano, cavalaria e infantaria 1.º ano têm a seu cargo a limpeza do armamento e equipamento individual que lhes esteja distribuido, a qual será feita no local apropriado, junto á arrecadação do armamento e sob a direcção de um official.
- b) — Aos alunos dos outros cursos que como armamento disponham de arma de fogo incumbe igualmente a sua limpeza.
- c) — Aos alunos do curso de artilharia que desempenham as funções de serventes incumbe a limpeza e cuidados com a respectiva peça e viaturas.
- d) — Aos alunos ciclistas incumbirá tambem a limpeza e cuidados com a respectiva maquina.
- e) — Para auxiliar os alunos no serviço de limpeza do respectivo armamento e equipamento e mais material serão nomeadas as fuchinas que fôrem julgadas necessárias.
41. — *Cumpre ainda aos alunos o trato dos solípedes, e o serviço de aparelhar e desaparelhar nos termos seguintes :*

- a) -- Os alunos montados são, em princípio, responsáveis pelo bom tratamento dos animais que montam, devendo, repetidas vezes, assegurar-se do seu estado de saúde e cuidados que merece ao soldado incumbido da sua limpeza e mais tratamento.
- b) -- A cargo dos alunos fica o *aparelhar e desaparelhar* os solípedes que, para serviço, lhes hajam sido distribuídos. Antes de começar a *aparelhar* dever-se-há examinar cuidadosamente o estado geral do animal, inspecionar o estado do dorso, membros de ferração, e antes de enfrear dever-se-há reparar na boca do animal para verificar se a respectiva mucosa se encontra irritada. Ao *desaparelhar*, depois de tirar o arceio do dorso, procederá à massagem desta região, percutindo-a com as palmas das mãos e esfregando-a com o mandil ou boneca de palha.
- c) -- Sempre que os animais cheguem de qualquer serviço, os alunos verificarão se elles se acham feridos, principalmente nos membros locomotores, apalpando-os ao longo do tendão da canela e boceto, a fim de ver se elles se apresentam doridos ou inflamados, o que se conhece pela temperatura que, em tais casos, é mais elevada do que a normal; feito isto examinam o casco, verificando se algum corpo se encontra alojado entre este e a ferradura ou entre os ramos desta; procedem seguidamente ao exame da serrilha e talões, apalpando estes para verificar se se encontram doridos, e finalmente analisam a ferragem verificando se os cravos se acham inteiros bem como o estado dos rebites.
- d) -- Quando no exame a que procederam, quer ao *aparelhar*, quer ao *desaparelhar*, encontrarem qualquer anormalidade participarão o facto ao aluno de dia do respectivo curso.
- e) -- O serviço da água e ração da tarde será feita pelos alunos que conduzirem o gado à água.

B — Serviço durante a marcha de regresso

Serviço diário

42. -- Durante a marcha de regresso será nomeado, para serviço diário nos estacionamentos, o seguinte pessoal:
- 1 capitão de inspecção;
 - 1 aluno de dia à Escola;
 - 1 aluno de dia por cada um dos agrupamentos que se tenham constituido;
 - 1 guarda de policia constituida por 12 alunos;
 - Guardas cavalos, na razão de 3 soldados por cada argola de bivaque ou corda de piquete que se utiliza. Em cada agrupamento um aluno exercerá as funções de cabo da guarda;
 - 2 soldados ordenanças ao quartel general;
 - 1 corneteiro ou clarim.

Instruções para a execução do serviço

43. -- Todo o serviço nos estacionamentos será considerado de instrução para os alunos e como tal, em princípio, por elles executado.
44. -- O serviço começa em cada dia ao iniciar-se a marcha, hora a que se considera o rendido.
45. -- Ao toque de ordem, ou sempre que se faça o de sargentos de dia, os alunos de dia nos diferentes agrupamentos, bem como o aluno de dia à Escola, comparecerão no local, onde se faça o toque, munidos dos apetrechos necessários para escreverem.

46. -- A nomeação para serviço será feita por escala organizada sob as seguintes regras :

a) -- A escala de nomeação para serviço diário corresponderá à numeração escolar devendo a numeração para serviço começar pelos números mais baixos.

Quando, em virtude das escalas organizadas, a um aluno pertencem vários serviços, a ordem de preferência será: 1.º, comandante da guarda de polícia; 2.º, cabo da guarda de polícia; 3.º, dia à Escola; 4.º, dia ao respectivo agrupamento; 5.º, guarda de polícia.

b) -- A nomeação para dia à Escola e aos diversos agrupamentos, comandante de polícia e cabo da mesma guarda recairá somente nos alunos dos últimos anos das respectivos cursos; a mesma regra se observará para a nomeação do aluno, que em cada agrupamento deva exercer as funções de cabo comandante da guarda dos solípedes.

c) -- A guarda de polícia será nomeada por derrama entre os diversos agrupamentos, que para ela contribuirão na seguinte preparação: engenharia 1 aluno; artilharia 3 alunos; cavalaria 1 aluno; infantaria 7 alunos. Os alunos que devam exercer as funções de comandante da guarda de polícia e respectivo cabo não estão incluídos nêstes números.

d) -- A escala para a prestação do serviço geral diário para os diversos agrupamentos, é a seguinte :

1.º dia de marcha :

Comandante da guarda de polícia.....	engenharia
Cabo da guarda de polícia.....	infantaria
Dia à Escola.....	cavalaria

2.º dia de marcha :

Comandante da guarda de polícia.....	artilharia
Cabo da guarda de polícia.....	cavalaria
Dia à Escola.....	infantaria

3.º dia de marcha :

Comandante da guarda de polícia.....	infantaria
Cabo da guarda de polícia.....	engenharia
Dia à Escola.....	artilharia

4.º dia de marcha :

Comandante da guarda de polícia.....	cavalaria
Cabo da guarda de polícia.....	artilharia
Dia à Escola.....	engenharia

e) -- O número de sentinelas a fornecer pela guarda de polícia e sua situação serão diariamente determinadas pelo oficial de inspecção, o qual igualmente dará ao seu comandante todas as instruções que fôrem necessárias para a regular funcionamento do serviço.

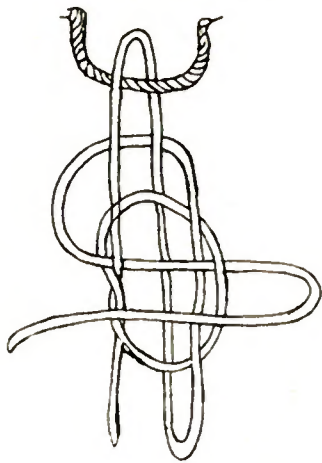
As sentinelas dos grupos de cavalos são rendidas de hora a hora.

47. -- Estabelecido o estacionamento, os alunos dispensarão ao fardamento e calçado os cuidados que o seu estado de accio exigirem. O armamento, equipamento e arreios serão convenientemente limpos.

48. -- O serviço de data de água será feito com os cavalos à mão ou aparelhados de manta e cilha e embridados conforme as circumstâncias.

49. -- Quando se não disponha de mangedoura e ração será dada aos animais no respectivo saco de bóca, no qual será lançada a porção de ração que fôr determinada; o suspensório do saco será ligado à cabeçada pelo francalete da cachaceira e pelas presilhas da testeira. Em quanto os animais estiverem comendo a ração, os alunos e

praças deverão permanecer junto dos animais que lhes estejam distribuídos, afim de os auxiliar na apreensão do grão, levantando o fundo do saco com a palma da mão. Animais há que extranham ou se atligem com o saco e não comem a ração; êstes animais, depois de solicitada autorização, deverão ser separados dos outros e ministrar-se-lhe a ração em cima da manta.



Os cavalos serão presos às argolas de bivaque pela seguinte forma: a 80 centímetros da cabeça do animal dá-se na prisão um nó singelo, a ponta do elicote entra depois na argola de bivaque de cima para baixo e vem depois abraçar o nó formado no corpo da prisão, passando primeiro por baixo e depois por cima, passa em seguida por baixo da parte que se liga directamente à argola e forma depois um seio que entra dentro da argola de nó singelo, aperta-se bem o nó assim formado, que deverá ficar a 15 centímetros da argola de bivaque.

Quando um grupo de cavalos haja desordem ou os cavalos se molestem e não seja possível desatar as prisões, o cabo da guarda ou qualquer outra praça cortará a corda que liga as extremidades da argola de bivaque, abandonando-se depois a argola; nestas circunstâncias os animais puxando em diferentes direcções fazem correr os seios das respectivas prisões pelo ferro liso da argola e ficam soltos.

C — Prescrições higiénicas

50. — Chegados aos acantonamentos, depois das marchas, os alunos devem fazer as suas lavagens de modo a desembaraçarem-se das poeiras, que com o suor formam uma pasta à superfície da pele, produzindo às vezes irritações e um mal estar geral.
51. — No acantonamento os alunos devem fazer uso de qualquer bebida quente (infusão de chá, café, tília, etc.) de preferência a qualquer bebida alcoólica ou fria, porque melhor se refazem da fadiga, e além disso porque colocam os seus órgãos digestivos em melhores condições.
52. — Os alunos devem evitar fadigas inúteis, bebidas alcoólicas, e fazerem do tabaco um uso moderado, porque, sendo estas duas substâncias tóxicas iriam juntar os seus efeitos aos da intoxicação proveniente do trabalho muscular, colocando-os em condições de inferioridade para no dia seguinte efectuarem a marcha.

ANEXO VII

ESCOLA DE GUERRA
RELATÓRIO DA MISSÃO A TANCOS EM 1913

Relação nominal dos oficiais que tomaram parte na coluna
de instrução a Tancos

Postos	NOMES	Observações
Tenente-coronel de infantaria.....	José Joaquim Mendes Leal.....	Lente da 1. ^a cadeira — Comandante da coluna
Capitão de artilharia...	Artur Ivens Ferrás.....	Lente da 5. ^a cadeira
» » infantaria..	Sebastião da Cruz Fernandes.....	Comandante do corpo de alunos
» » cavalaria...	Julio Ernesto de Moraes Sarmiento....	Lente da 4. ^a cadeira
» » artilharia...	Frederico Antonio Ferreira de Simas..	» » 9. ^a »
» » » ..	José Augusto Lobato Guerra.	» » 8. ^a »
» » engenharia.	Mannel Gonçalves da Silveira Azevedo e Castro.....	» adjunto da 6. ^a e 7. ^a cadeiras
» » » ..	Antonio Alfredo de Magalhães Correia.	Lente adjunto da 19. ^a cadeira
» » cavalaria...	Mannel Firmino d'Almeida Maia Magalhães.....	Lente adjunto da 4. ^a cadeira
» » artilharia...	José Esteves da Conceição Mascarenhas	Lente adjunto da 5. ^a cadeira
» » infantaria..	Vitorino Henriques Godinho.....	Lente adjunto da 3. ^a cadeira
» » engenharia.	Arnaldo Cardoso Ressaou Garcia.....	Lente adjunto da 16. ^a cadeira
» » infantaria..	Henrique Satiro Lopes Pires Monteiro.	Lente adjunto da 1. ^a e 2. ^a cadeiras
Tenente de infantaria..	João José de Sant'Ana Banazol.....	Subalerno do corpo de alunos
» » » ..	José Lucio de Sousa Dias.....	Subalerno do corpo de alunos
Tenente de administração militar.....	Mannel da Costa Dias.....	Lente adjunto da 11. ^a cadeira
Tenente de infantaria..	Joaquim Antonio Marques Junior.....	Subalerno do corpo de alunos
» medico.....	Alfredo Guilherme de Vasconcelos Dias	

Relação nominal dos alunos que tomaram parte na coluna de instrução a Tancos

4.º ANO DE ENGENHARIA MILITAR

1.º sargento cadete n.º	291/257	João Alegria dos Santos Calado.
» » » »	133/272	Virgílio de Jesus e Silva Escudeiro.
» » » »	302/263	José da Cunha Lamas.
» » » »	307/268	Mário d'Abreu Reis.
» » » »	258/252	Francisco Nicolau de Sousa Dias Goulão.
» » » »	290/256	Herminio José do Sousa Serrano.
» » » »	292/148	Alvaro Antonio Boto Machado.
» » » »	234/215	Adelino José Marim.
» » » »	289/255	Henrique Móra.
» » » »	288/254	Henrique Leão dos Santos Machado.

3.º ANO DE ENGENHARIA MILITAR

1.º sargento cadete n.º	6/302	Afonso Zuzarte de Mendonça.
» » » »	84/311	Antonio Gentil Soares Branco.
» » » »	139/339	João Pereira Martins de Lemos.
» » » »	180/361	Luís de Campos Andrade.
» » » »	266/370	Pínio Octavio de Sant'Ana e Silva.
» » » »	109/327	Felisberto d'Assunção da Silva Pires.
» » » »	47/309	Antonio de Castro Mascarenhas de Menezes.
» » » »	104/325	Eduardo Pimentel Maldonado Pellen.

2.º ANO DE ENGENHARIA MILITAR

1.º sargento aluno n.º	8/409	José Luís Supico.
» » » »	10/410	Eugenio Antonio Duro Xavier.
» » » »	24/417	Eduardo Rodrigues de Carvalho.
» » » »	36/427	Carlos Teodoro da Costa.
» » » »	27/419	João d'Almeida Meleças.
» » » »	30/420	Fernando Galvão Jacome de Castro
» » » »	1/441	João Pedro de Melo Quintela Saldanha.
» » » »	12/412	Antonio Passos Oliveira Valença.
» » » »	14/414	Henrique Hipacio de Brion.
» » » »	59/404	Artur de Melo Quintela Saldanha.
» » » »	57/439	Armenio Leal Gonçalves.
» » » »	11/411	Antonio José d'Almeida Lima.

3.º ANO DE ARTILHARIA

1.º sargento cadete n.º	192/369	Pedro Cabral Sacadura.
» » » »	142/311	Joaquim Alberto da Silveira.
» » » »	216/378	Salvador d'Oliveira Pinto da França.

1.º sargento cadete	n.º	18/304	Alexandre Luis de Castro Ferreira Braga.
»	»	92/317	Augusto Cesar Caiola da Mota.
»	»	242/398	Joaquim Placido Duarte da Silva.
»	»	124/333	Gastão de Matos.
»	»	220/382	Vasco da Gama Rodrigues.
»	»	88/313	Antonio Maria de Sequeira.
»	»	80/310	Antonio Fernando de Bastos Serpa.
»	»	218/403	Angelo Ferreira.
»	»	183/363	Luis Nobre de Melo.
»	»	138/338	João David Tierno Nunes da Silva.
»	»	20/306	Alfredo Pedro d'Almeida.
»	»	111/340	João de Souer Ribeiro.
»	»	215/401	José Xavier Vaz Osorio.
»	»	160/350	José Guerreiro d'Andrade.
»	»	246/402	Raul Gomes Saraiva.
»	»	195/395	Francisco Aires d'Abreu.
»	»	94/316	Artur Mendes de Magalhães.
»	»	3/301	Abilio Augusto de Sousa Donas Boto.
»	»	214/400	José João Pinto da Cruz Azevedo.
»	»	219/381	Valeriano Antonio de Campos e Sousa.
»	»	168/355	José de Souer Ribeiro.
»	»	191/368	Manuel Pinto Rodrigues da Costa.
»	»	243/399	José d'Alarcão Velasques Sarmiento.
»	»	187/365	Manuel Caldeira Caiola Bastos.
»	»	250/248	Benjamin Ferri Continho.

2.º ANO DE ARTILHARIA

1.º sargento cadete	n.º	199/374	Raul Ferrão.
»	»	240/396	Gabriel Maria de Barros Napoles de S. Homem.
»	»	55/438	Carlos Gonçalves Pereira.
»	»	2/405	Francisco Antonio Pereira dos Santos.
»	»	32/421	João Gonçalves de Sousa e Costa.
»	»	13/413	Alvaro Salvação Barreto.
»	»	26/418	Adelino Pais Clemente.
»	»	4/406	Afonso Jorge d'Aguiar.
»	»	314/554	Henrique Pereira do Vale.
»	»	31/423	José Augusto Monteiro do Amaral.
»	»	22/415	José Lopes Correia de Matos.
»	»	7/408	Eduardo Rodrigues Areosa Feio.
»	»	31/426	Antonio Candido da Costa Lobo Ferreira.
»	»	28/421	José de Pina Cabral.
»	»	5/407	João Vitor Ferreira da Fouseca.
»	»	211/397	João Emilio Viana Barata.
»	»	58/440	João Morais Portugal.
»	»	29/422	Carlos Figueiredo Pinto.
»	»	115/330	Francisco David Calder.
1.º sargento aluno	n.º	33/425	Aurelio de Mendonça e Pinto.
»	»	23/416	Emidio Duarte Cadima.
»	»	82/454	Guilherme Terrio.

2.º ANO DE CAVALARIA

1.º	sargento	aluno	n.º	316/556	José de Amorim Ferreira Lima.
»	»	»	»	83/455	Carlos Vidal Davila.
»	»	»	»	259/507	Augusto Cezar de Monte Faleo Pereira.
»	»	»	»	87/456	Gabriel Sergio Osorio de Barros.
»	»	»	»	76/451	Abilio Pais de Ramos.
»	»	»	»	37/428	Adriano Garez Pereira Caldas.
»	»	»	»	318/558	Antonio Raul da Mata Gomes Pereira.
»	»	»	»	208/508	Alberto Faria de Moraes.
»	»	»	»	230/516	João do Sacramento Monteiro.
»	»	»	»	72/448	João Gualberto de Barros e Cunha.
»	»	»	»	202/501	João Falcão Ramalho Ortigão.
»	»	»	»	253/522	Teofilo Duarte.
»	»	»	»	209/509	Tomás Augusto Sagneiro Fragoso.

2.º ANO DE INFANTARIA

1.º	sargento	aluno	n.º	331/567	Afonso Fino Bento de Sousa.
»	»	»	»	41/431	Henrique de Melo Geraldés.
»	»	»	»	201/503	Manuel d'Abreu Ferreira de Carvalho.
»	»	»	»	140/480	Leonel Neto Lima Vieira.
»	»	»	»	97/457	Candido de Campos Penedo.
»	»	»	»	231/517	Armando da Silva Ferreira.
»	»	»	»	69/416	João Carlos Pinto Machado.
»	»	»	»	197/501	Fernando Diniz de Ayala.
»	»	»	»	136/479	Mario de Vasconcelos Cardoso.
»	»	»	»	125/472	Carlos Henrique Jones da Silveira.
»	»	»	»	323/562	José Maria Correia Cardoso.
»	»	»	»	42/432	João Alves Ferreira.
»	»	»	»	163/492	Carlos Esteves Beja.
»	»	»	»	157/488	Carlos Alberto de Figueiredo Lopes.
»	»	»	»	44/434	Henrique de Sousa.
»	»	»	»	127/473	Manuel Inácio da Encarnação.
»	»	»	»	78/453	Eugenio Rodrigues Aresta.
»	»	»	»	169/493	Alberto Alvim Leal.
»	»	»	»	149/482	Raul Carlos dos Santos.
»	»	»	»	38/429	José Esquivel.
»	»	»	»	190/500	Alberto Tavares de Magalhães.
»	»	»	»	43/433	Jacinto Augusto Guedes.
»	»	»	»	98/458	João Pinto Ribeiro.
»	»	»	»	150/483	Armando Martins Dias Rocha.
»	»	»	»	124/471	Salvador Nunes Teixeira.
»	»	»	»	152/484	Julio Augusto Valadares Torres.
»	»	»	»	155/486	Aristides Augusto Tavares Ferreira.
»	»	»	»	110/463	Alfredo Antonio Chaves.
»	»	»	»	52/436	Raul Satiro da Cunha Fajardo.
»	»	»	»	114/466	Carlos Fernando da Cunha e Almeida.
»	»	»	»	77/452	André Corsino Pacheco.
»	»	»	»	120/469	Paulo Benard Guedes.

1.º sargento aluno n.º	61/413	José Maria Gomes Correia de Carvalho.
» » » »	49/435	Ernesto Augusto da Trindade Sardiha.
» » » »	102/461	Virgilio de Almeida.
» » » »	73/419	Henrique de Matos da Fonseca Serra.
» » » »	122/470	Fernando Mamede.
» » » »	161/490	José Augusto Correia de Campos.
» » » »	100/459	José Gonçalves da Silva.
» » » »	131/477	Mario Julio Jardim da Costa.
» » » »	198/373	Raul Eugenio Machado Tavares de Vasconcelos.
» » » »	315/555	Luis Faria e Maia Cunha.
» » » »	61/414	Flavio Aires de Freitas Albuquerque.
» » » »	219/519	Domingos José Santos de Lemos.
» » » »	330/566	Armando das Neves Larcher.
» » » »	176/496	João Correia de Paiva Junior.
» » » »	172/494	Francisco Maria Soares.
» » » »	153/485	Arnelino Almiro da Silva.
» » » »	141/481	Raul Crespo.
» » » »	112/464	Antonio Vieira de Castro e Silva.
» » » »	205/506	Henrique Augusto Perestrelo da Silva.
» » » »	229/515	Francisco Maria da Costa Andrade.
» » » »	106/462	Manuel d'Abreu Castelo Branco.
» » » »	129/475	Afonso Lopes de Macedo.
» » » »	68/445	Abilio Gonçalves Presa.
» » » »	200/502	Jaime Hidio Cerqueira e Vasconcelos.
» » » »	146/467	Elisio Margarido Pinto Garção.
» » » »	212/511	Alberto Granado.
» » » »	93/318	Augusto Cezar de Moraes.
» » » »	251/520	Manuel Moniz de Rezende.
» » » »	130/476	Baltazar Simões Ferreira.
» » » »	213/512	Augusto Bernardo de Freitas Junior.
» » » »	184/498	Carlos de Azevedo Carvalho.
» » » »	159/489	Henrique José Rebelo Branco.
» » » »	232/391	Mario Marrecas Ferreira Pimentel.
» » » »	252/521	Antonio Augusto.
» » » »	254/523	João Abel Rebocho Vás.
» » » »	203/505	Emilio Silva d'Almeida e Sousa.
» » » »	210/510	Jorge Monjardiuo Gomes.
» » » »	173/495	Henrique Martins Galvão.

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR

1.º sargento aluno n.º	267/528	João Cardoso de Noronha Freire de Andrade.
» » » »	279/539	Mario Afonso de Carvalho.
» » » »	333/569	Adriano Julio Soares Basto
» » » »	321/561	Mario de Figueiredo Rodrigues d'Almeida.

ENGENHARIA MILITAR E ARTILHARIA 1.º ANO (COMUM)

1.º sargento aluno n.º	53/437	Francisco Xavier Pavão de Moraes Pinto.
------------------------	--------	---

CAVALARIA E INFANTARIA 1.º ANO (COMUM)

1.º sargento aluno n.º	101/460	Alberto Correia Duarte.
» » » »	156/487	Alfredo Correia Nobre.
» » » »	329/565	Anselmo Matos Vilardebó.
» » » »	118/468	Antonio Lino Lopes dos Santos.
» » » »	128/474	Antonio d'Ornelas e Vasconcelos.
» » » »	225/514	Eurico de Castro Graça Zuzarte.
» » » »	162/491	Felisberto da Rua Alencão Bordalo.
» » » »	239/518	Fernando de Lára Reis.
» » » »	265/119	Herminio Mario Coutinho de Gouveia.
» » » »	285/545	João d'Almeida Correia.
» » » »	317/557	João Pina de Moraes Junior.
» » » »	71/447	Julio Cezar d'Almeida.
» » » »	179/497	Julio Duarte Ferreira.
» » » »	214/513	Luis Figueiredo.
» » » »	185/499	Manuel Augusto de Melo Cabral.
» » » »	134/478	Paulo Monteiro Junior.
» » » »	40/430	Raul de Mendonça Leão.

ARTILHARIA DE CAMPANHA, CAVALARIA E INFANTARIA 1.º ANO (COMUM)

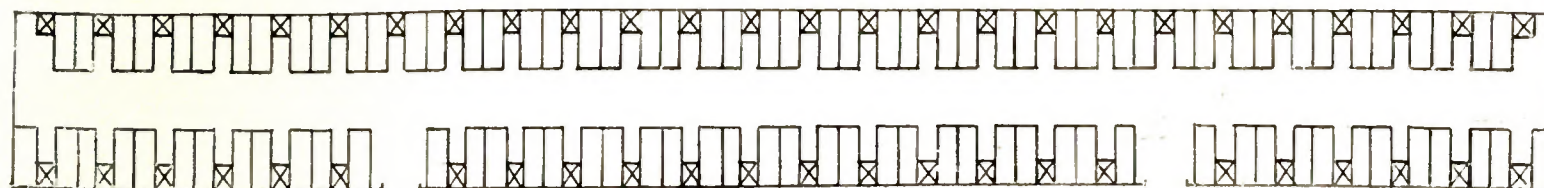
1.º sargento aluno n.º	9/573	Alvaro Lourenço Pereira.
» » » »	15/571	Antonio Francisco Castilho da Costa.
» » » »	16/575	Arnaldo Lopes Ramos.
» » » »	17/575	Eduardo David Rosado Ferreira.
» » » »	19/577	Francisco Higino Craveiro Lopes.
» » » »	21/578	Francisco Luis Supico.
» » » »	25/579	Jacinto José do Nascimento Moura.
» » » »	81/599	João Batista d'Oliveira Pinto da França.
» » » »	35/580	Joaquim Vidal Pinheiro.
» » » »	39/581	Jorge Alcide dos Santos Pedreira.
» » » »	45/582	Jorge de Sousa Gorgulho.
» » » »	46/583	José Filipe de Barros Rodrigues.
» » » »	48/584	José Vidal Pinheiro.
» » » »	50/585	Manuel Joaquim de Carvalho Vieira.
» » » »	51/586	Alberto Lelo Portela.
» » » »	54/587	Alfredo Abel da Costa.
» » » »	56/588	Antonio Areosa Correia da Cruz.
» » » »	60/589	Antonio Alvarenga.
» » » »	62/590	Antonio Correia Duarte.
» » » »	63/591	Armando Pires Gomes.
» » » »	65/592	Armindo da Cunha e Moura.
» » » »	66/593	Bernardo Gabriel Cardoso Junior.
» » » »	67/594	Carlos Augusto d'Arrochela Lobo.
» » » »	70/595	Carlos Luis Pereira de Almeida.
» » » »	74/596	Columbano Djalme Brandão d'Azevedo.
» » » »	75/597	Eugenio Carlos Garcia.
» » » »	85/600	João Travassos Vinagre.

VII

1.º	sargento	aluno	n.º	86/601	Joaquim da Costa Ferreira.
»	»	»	»	89/602	Joaquim José Cardoso Fialho.
»	»	»	»	90/603	Jorge Henrique Nunes da Silva.
»	»	»	»	94/604	José Alfredo do Amaral Esteves Pereira.
»	»	»	»	96/605	José Antonio Moraes.
»	»	»	»	99/606	José Libanio Chaves.
»	»	»	»	103/607	José Pereira Gomes Junior.
»	»	»	»	105/608	José Ribeiro da Fonseca de Mendonça.
»	»	»	»	107/609	José dos Santos Ferreira Junior.
»	»	»	»	108/610	Laurenio Cota Moraes dos Reis.
»	»	»	»	111/611	Luis dos Santos Martins.
»	»	»	»	117/612	Manuel Joaquim Gonçalves Corneho.
»	»	»	»	119/613	Manuel Luis Rodrigues Junqueiro.
»	»	»	»	126/614	Manuel Martins dos Reis.
»	»	»	»	132/615	Manuel dos Reis Correia Modesto.
»	»	»	»	287/547	Marcelino Pais de Figueiredo Alves.
»	»	»	»	135/616	Oscar Neto de Freitas.
»	»	»	»	137/617	Pedro Emilio Jones da Silveira.
»	»	»	»	143/618	Sebastião Martins Nogueira Soares.
»	»	»	»	145/619	Vicente Leonardo José da Silva.
»	»	»	»	146/620	Vitor Simões Dias.
»	»	»	»	328/561	Virgilio Teixeira Nazaré.

CASERNA I

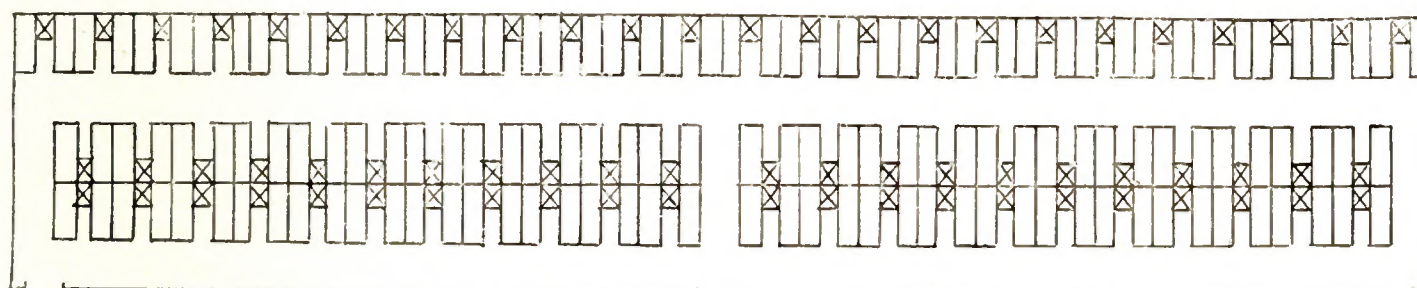
DEPÓSITO DE MATERIAL DE PONTES



Escala $\frac{1}{250}$

CASERNA II

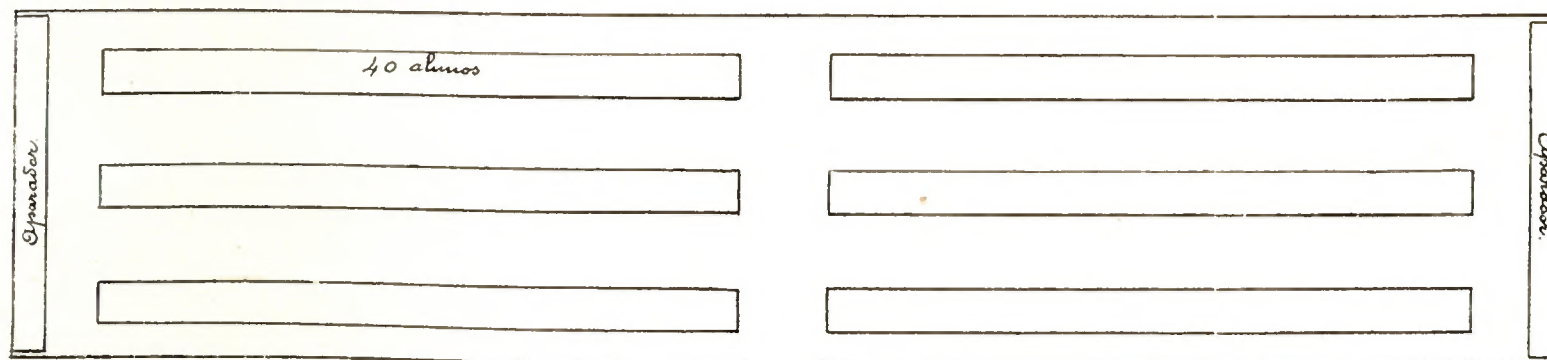
DEPÓSITO DAS SECÇÕES DE TELEGRAFISTAS



Escala $\frac{1}{250}$

REFEITÓRIO DOS ALUNOS

DEPÓSITO DE MOBÍLIA NA ARINGA



Escala $\frac{1}{150}$

PLANTA DO POLYGONO DE TANCOS

ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHERIA



Obtida pela redução da planta na escala 1:2000, feita em dia e completada com a parte occidente Cap. Philippe da Costa, coordenou.



LEGENDA

- A — Depósito de material de pontes — Caserna.
- B — Depósito das secções de telegrafistas — Caserna.
- C — Reitoria dos alunos.
- D — Secretaria da escola.
- E — Parque de artilharia.
- F — Cavalariças.

CARTA DOS ARREDORES DO POLÍGONO DE TANCOS



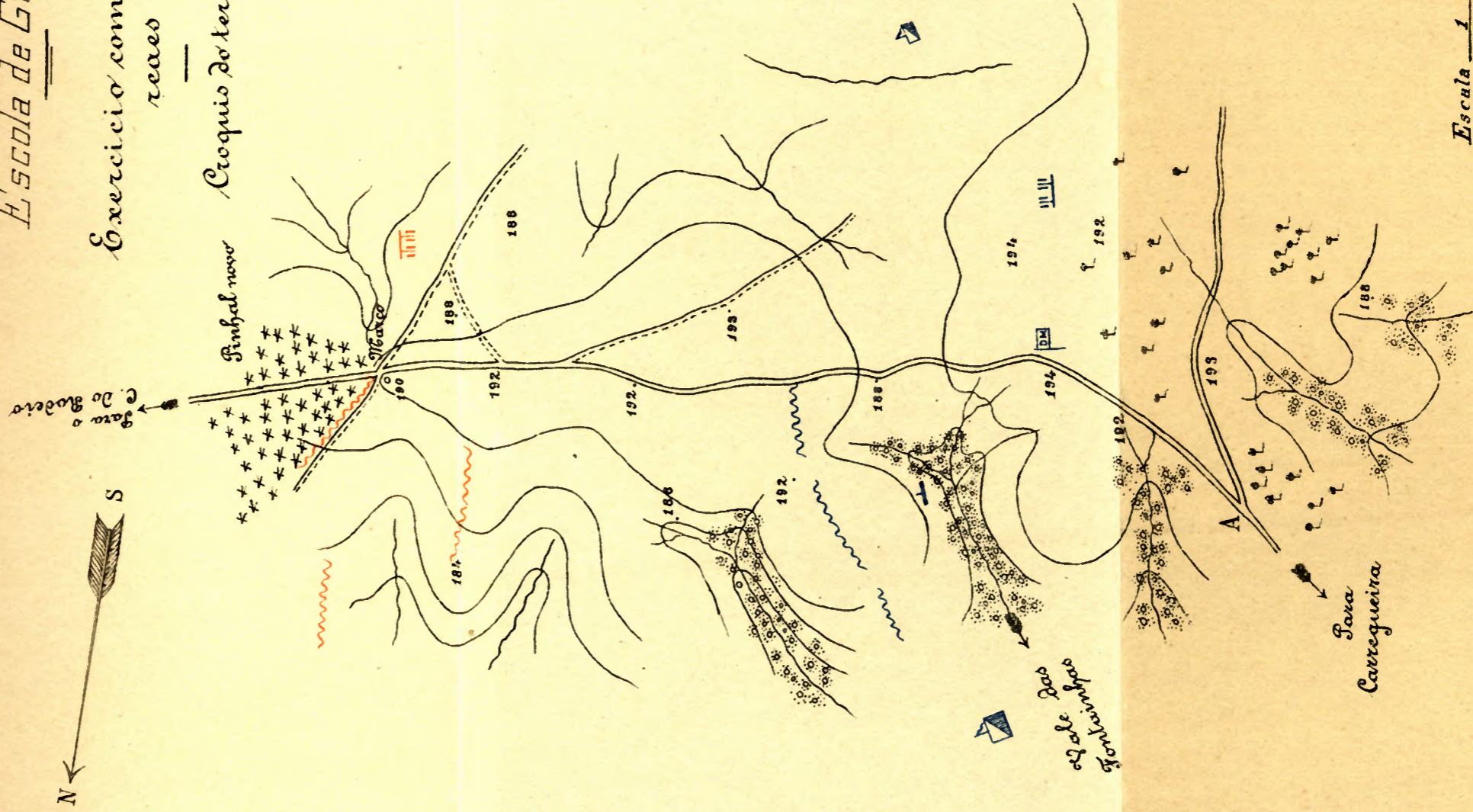
Escala 1/25.000

Relatório da missão a Tancoos em 1913

Escola de Guerra

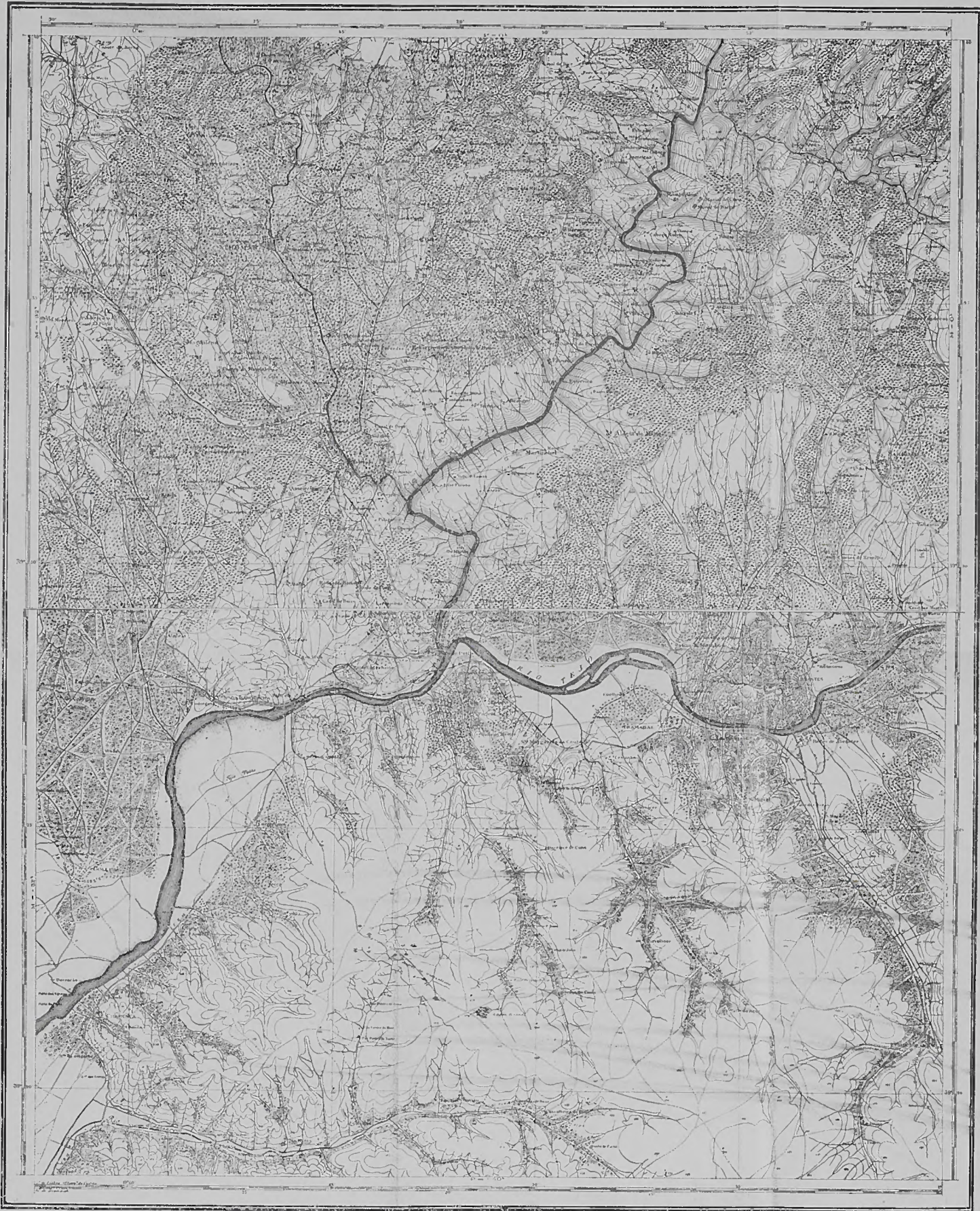
Exercício com fogos
reais

Croquiio do terreno



Escola 1
10:000

CARTA DA REGIÃO DE TANCOS



Escala $\frac{1}{100.000}$

ESCOLA DE GUERRA
RELATÓRIO DA MISSÃO A TANCOS EM 1913

ORDENS DA COLUNA

COLUNA DE INSTRUÇÃO

ORDEM N.º 1

Lisboa, 14 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina :

1.º — Que a columna marche para Tancos fraccionada em dois destacamentos com a seguinte composição :

Destacamento n.º 1 — Engenharia 4.º ano, artilharia 2.º e 3.º anos, cavalaria 2.º ano, infantaria 2.º ano (seção de ciclistas) e o curso da administração militar.

Destacamento n.º 2 — Engenharia 3.º e 2.º anos, infantaria 2.º ano, engenharia e artilharia (1.º ano comm), cavalaria e infantaria (1.º ano comm) e artilharia de campanha, cavalaria e infantaria (1.º ano comm).

2.º — Que o destacamento n.º 1 marche no dia 16 pela via ordinária e o destacamento n.º 2 no dia 19 de manhã pela via férrea.

3.º — Que no dia 16 o horário para o destacamento n.º 1 seja o seguinte :

Alvorada.....	4 ^h
Café (para os soldados).....	4 ^h ,15'
Data d'água (ração em seguida).....	4 ^h ,30'
Café (para os alunos) e distribuição do rancho frio.....	5 ^h
Aparelhar.....	5 ^h ,30'
Enfrear.....	6 ^h
Unir (para a artilharia) e montar a cavalo (para a cavalaria).....	6 ^h ,10'
Partida.....	6 ^h ,30'

4.º — Que no dia 17 marche para Tancos, no comboio da noite, o seguinte pessoal do rancho dos alunos: Tenente Sr. Banazol, 1 sargento, 2 cabos, o cozinheiro civil, 1 ajudante de cozinha e 17 soldados.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 2

Polígono de Tancos, 19 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina :

1.º — Que durante a permanência da columna neste polígono se observe o seguinte horário

Data d'água e ração.....	4 ^h ,30'
Alvorada.....	5 ^h
Café.....	5 ^h ,40'
Instrução.....	6 ^h
Aparelhar.....	6 ^h

Enfrear.....	6 ^h ,25'
Montar a cavallo.....	6 ^h ,35'
Fim da instrução.....	10 ^h
Revista de accio e almoço em seguida.....	11 ^h
Data d'água e ração.....	11 ^h ,30'
Revista de saúde ao pessoal.....	12 ^h ,30'
Curativo de solípedes.....	12 ^h ,30'
Instrução.....	15 ^h
Aparelhar.....	15 ^h
Enfrear.....	15 ^h ,30'
Montar a cavallo.....	15 ^h ,40'
Fim da instrução.....	18 ^h
Limpeza de armamento e do material de artilharia (quando seja necessária).....	18 ^h ,15'
Ordem.....	18 ^h ,30'
Jantar.....	19 ^h
Data d'água e ração.....	20 ^h
Camas a solípedes.....	20 ^h ,30'
Recolher.....	21 ^h ,30'
Silencio.....	22 ^h

- 2.º — Que a limpeza dos solípedes comee às 6^h,45' para os que não tenham serviço de manhã e para ôstes às 13^h,40'. A limpeza dos arreios far-se-há depois do rancho da tarde.
- 3.º — Que o serviço se reuda à revista de accio e que a parada da guarda para o destacamento seja às 11^h.
- 4.º — Que a secção de ciclistas nomeie diáriamente o aluno de dia à Escola.
- 5.º — Que o destacamento nomeie diáriamente uma guarda de 1 cabo e 3 soldados para fornecer uma sentinela ao parque. Esta guarda monta o serviço às 19^h.

Trabalhos de instrução a realizar em 20

Exercício de marcha e estacionamento.—A columna achar-se-há formada em ordem de marcha às 6^h,45'. Os toques serão feitos às horas indicadas no horário para a instrução da manhã. O almoço será frio e cozido no campo. O destacamento nomeará 7 ordenanças montadas para acompanhar a columna.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ADITAMENTO À ORDEM N.º 2

Polígono de Tancos, 19 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel comandante determina :

Que tendo o tenente médico da columna ponderado que alguns alunos de artilharia se não encontravam em boas condições para poderem tomar parte no exercício de marcha e estacionamento que devia realizar-se amanhã 20, seja transferido ôsse exercício para quando fôr determinado, realizando-se amanhã os trabalhos que estavam marcados para o dia 21.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 3

Polígono de Tancos, 20 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina e manda publicar :

- 1.º — Que tendo a Escola de Aplicação de Engenharia dado conhecimento a êste comando da circular n.º 761 da Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra de 17 do

corrente, na qual se determina a comemoração do Centenário da batalha de Vitória em que os tres exércitos aliados, sob o comando supremo do General Wellington, Duque de Vitória, decidiram a sorte da dominação franceza na Península, nos termos da referida circular, haja amanhã uma formatura geral da columna às 12^h, junto do Quartel General do Polígono.

Os alunos comparecem apeados e armados de espada ou espingarda. A divisão de artilharia, com material, formará na Rotunda e dará uma salva de 21 tiros na ocasião em que fôr içada a bandeira nacional. Os leutes directores das diferentes armas e do serviço da administração militar, recordarão aos alunos aquêlê glorioso facto, e salientarão a intenção patriótica desta solemnidade.

- 2.^o — Que em virtude da formatura de que trata o número anterior os trabalhos de instrução do período da manhã terminem às 9^h,30' e que o almoço dos alunos seja às 10^h,30'.
O Sr. capitão de inspecção mandará fazer os toques necessários às horas convenientes.
- 3.^o — Que de amanhã em diante os alunos formem para o café com o fardamento, equipamento e armamento com que devem tomar parte nos trabalhos de instrução da manhã. A formatura para esta instrução realizar-se-há na Aringa, devendo aí os Srs. leutes tomar conta dos respectivos cursos e marchar logo para o local dos trabalhos. A formatura para os trabalhos da tarde efectuar-se-há na parada do Parque.
- 4.^o — Que baixa amanhã ao hospital militar de Tancos o 1.^o sargento aluno n.^o 143/618 Sebastião Martins Nogueira Soares.
- 5.^o — Que baixa amanhã ao hospital militar de Tancos o soldado Manuel Colombo n.^o 167/4749 da 7.^a bateria de artilharia n.^o 1.
- 6.^o — Que hoje se apresentaram os soldados da Manutenção Militar n.^o de ordem 117 Manuel Brás da Silva, 61 Manuel Romão, e 87 Bernardo Joaquim a fim de prestarem serviço da sua especialidade.

Serviços de instrução a realizar em 21

- 7.^o — Que amanhã se realizem os trabalhos marcados no programa para o dia 23.

Serviço para 21

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Godinho
Subalerno de dia, o tenente Sr. Marques.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

Lembranças. — Banho amanhã para infantaria 2.^o ano.

ORDEM N.^o 4

Polígono de Tancos, 21 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina :

- 1.^o — Que amanhã se façam no horário as seguintes alterações:

Data d'água e ração (pelas guardas)	4 ^h
Alvorada.....	4 ^h ,30'
Café	5 ^h ,10'
Instrução e aparelhar.....	5 ^h ,30'
Entreat.....	5 ^h ,55'
Montar a cavalo e unir (para a artilharia).....	6 ^h ,5'

- 2.^o — Que a artilharia nomeie oito cavalos para montadas dos alunos do 3.^o ano de engenharia.

Trabalhos de instrução a realizar em 22

3.º — Que amanhã se efectue o exercício de marcha e estacionamento marcado no programa para o dia 20. Toda a columna, sob o meu commando directo, achar-se-há formada, em ordem de marcha, junto das cavalariaes, na Avenida dos Pontoneiros, ás 6^h.15'. O trem regimental compôr-se-há de um carro de esquadrão a 2 parellhas.

O destacamento nomeará 3 montadas para os capitães Srs. Simas, Magalhães Correia e Ressano Garcia e 7 ordenanças montadas.

Serviço para 22

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Magalhães Correia.

Subalterno de dia, o tenente Sr. Sousa Dias.

Lembranças. — Banho amanhã para os cursos do 1.º ano. O aluno de dia à Escola, de amanhã em diante, virá tirar a ordem, a fim de a mostrar aos Srs. officiaes do corpo de alunos.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

 ORDEM N.º 5
Polígono de Tancos, 22 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina :

Trabalhos de instrução a realizar no dia 23

Que amanhã se realizem os trabalhos de instrução marcados no programa para o dia 21.

Serviço para 23

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Ferreira de Simas.

Subalterno de dia, o tenente Sr. Banazol.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

 ORDEM N.º 6
Polígono de Tancos, 23 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina e manda publicar :

1.º — Que por ordem telegráfica do Ex.ºº Ministro da Guerra, recben outrem guia para se apresentar na Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra, o capitão de infantaria Sr. Vitorino Henriques Godinho.

2.º — Que teve hoje alta do hospital militar de Tancos o 1.º sargento aluno n.º 143/618 Sebastião Martins Nogueira Soares.

Trabalhos de instrução a realizar em 24

3.º — Que amanhã se realize o exercício de passagem de um desfiladeiro, marcado no programa para o dia 22. A alvorada será amanhã ás 3^h.30'. A cavalaria partirá da Avenida dos Pontoneiros ás 4^h.30'. O resto da columna estará formado na mesma Avenida ás 6^h.

Serviço para 24

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Moraes Sarmiento.

Subalterno de dia, o tenente Sr. Marques.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 7

Polígono de Tancos, 24 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel Comandante determina e manda publicar :

- 1.º — Que seja louvado o capitão de cavalaria com o curso do estado maior Sr. Julio Ernesto de Moraes Sarmiento, lente da 1.ª cadeira, pela coragem, sangue frio e abnegação que demonstrou socorrendo um aluno do curso de cavalaria que, num exercício de passagem do Tejo a nado com a sua montada, realizado ontem, estava em risco iminente de se afogar, acto êste que determinou da parte de todos os alunos sentidas demonstrações de vivo reconhecimento por aquêlo official.
- 2.º — Que teve hoje alta do hospital militar de Tancos, o soldado n.º 167/4749 Manuel Colombo da 7.ª bateria de artilharia n.º 1.
- 3.º — Que passem a montadas dos alunos do 3.º ano de engenharia os seguintes cavalos : da *Escola de Guerra* n.ºs 11, 16, 29, 31, 45, 55 e 77 e do *grupo de artilharia a cavalo* n.º 121, e a montada de uma ordenança daquêl curso o cavalo n.º 27 da *Escola de Guerra*.
- 4.º — Que o cabo n.º 10 de cavalaria n.º 3 e o tratador dos cavalos dos alunos da administração militar, passem a tratar cavalos de engenharia. Os cavalos dos alunos da administração militar passam a ser tratados pelos conductores do trem.

Trabalhos de instrução a realizar em 25

- 5.º — **Exercício de marcha, estacionamento e combate. — Fogos reais.** — Os diferentes elementos da columna achar-se-hão formados às horas indicadas no número seguinte. Os alunos e mais praças transportarão rancho frio. O trem compôr-se-há de um carro de esquadrão a 2 parelhas.

Acompanham a columna, no carro de esquadrão, o enfermeiro e um ferrador e, montado, o clarim. O destacamento nomeará 4 cavalos para montadas dos capitães Srs. Fernandes, Simas, Magalhães Correia e Ressano Garcia. Nomeará todas as ordenanças que fôr possível montar.

- 6.º — Que o horário para o exercício seja o seguinte :

Alvorada.....	3 ^h
Ração, pelas guardas.....	3 ^h
Deitar correias.....	3 ^h ,15'
Café.....	3 ^h ,30'
Formar (para a infantaria).....	4 ^h
Partida da infantaria.....	4 ^h ,10'
Aparelhar.....	4 ^h
Eufrear.....	4 ^h ,30'
Montar a cavalo.....	4 ^h ,40'
Partida das armas montadas.....	5 ^h

Serviço para 25

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Ivens Ferrás.
Subalerno de dia, o tenente Sr. Sousa Dias.

(a) *Jose Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 8

Polígono de Tancos, 25 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel comandante determina :

Serviço para 26

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Pires Monteiro,
Subalferne de dia, o tenente Sr. Banazol.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 9

Polígono de Tancos, 26 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel comandante determina e manda publicar :

1.º — Que a coluna marche amanhã pela via férrea para o Carregado a fim de continuar o serviço de instrução dos alunos. Do Carregado seguirá pela via ordinária para Alemquer.

2.º — Que para cumprimento do artigo anterior se observe o seguinte :

a — O pessoal, animal e material embarcarão às seguintes horas :

Material.....	às 16 ^h ,30'	do dia 26
Animal.....	às 2 ^h	do dia 27
Pessoal.....	às 4 ^h	do dia 27

b) — Os alunos entregarão ao cabo quarteleiro, junto do parque da artilharia, as suas malas e mantas até às 15^h de hoje ;

c) — O horário para o serviço de amanhã será o seguinte :

A alvorada.....	0 ^h
Café.....	0 ^h ,30'
Aparelhar.....	0 ^h ,50'
Enfrear.....	1 ^h ,20'
Montar a cavallo.....	1 ^h ,30'
Deitar correias.....	3 ^h
Formar companhias.....	3 ^h ,30'

d) — O serviço de embarque e desembarque de material de guerra, animal e pessoal será feito sob a vigilância dos lentes das 3.ª, 4.ª, 5.ª, 7.ª e 11.ª cadeiras na parte referente, respectivamente, aos cursos de infantaria, cavalaria, artilharia, engenharía e administração militar.

3.º — Que de amanhã em diante se considerem adidos, respectivamente, aos cursos de engenharía, artilharia, cavalaria e administração militar os cavalos dos lentes da 7.ª, 5.ª, 4.ª e 11.ª cadeiras e os das ordenanças distribuídas a estes cursos. Ao curso de cavalaria ficarão adidos, para efeito de tratamento, os cavalos do estado maior da coluna.

4.º — Que o destacamento de praças que acompanham a coluna seja comandado pelo 1.º sargento Machado, ficando-lhe essas praças subordinadas para efeitos de alimentação, alojamento e disciplina.

5.º — Que a secção de quartéis da coluna, sob o comando do capitão Sr. Pires Monteiro, e constituída pelo tenente Sr. Costa Dias, 2 ciclistas, o aluno da administração militar que desempenha as funções de provisor, e um aluno por cada um dos cursos

VII

de engenharia e artilharia, marche hoje no comboio das 22^h38' para o Carregado, seguindo imediatamente para Alemquer, onde deverá preparar o estacionamento da columna, em conformidade com as instruções verbaes recebidas.

6.º — Que foram consumidas nos exercicios dos dias 20, 21, 24 e 25 as seguintes munições:

Cartuchos com bala simulada	6 ^{mm} ,5	^m /96	307
Cartuchos com bala	6 ^{mm} ,5	^m /96	330
Cartuchos com bala simulada	6 ^{mm} ,5	^m /904	4081
Cartuchos com bala	6 ^{mm} ,5	^m /904	3527

7.º — Que o capitão Sr. Pires Monteiro seja substituido no serviço de inspecção pelo capitão Sr. Silveira e Castro, em virtude do determinado no artigo 5.º desta ordem.

Serviço para 27

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Mascarenhas.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 10

Alemquer, 27 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel comandante determina :

1.º — Que a columna siga amanhã para Sobral de Monte Agraço onde bivacará. A marcha será simplesmente itinerária não se effectuando o reencaminhamento à posição do Sobral, marcado no programa dos trabalhos da missão.

2.º — Que a infantaria effectue a marcha pelo seguinte itinerário :

Alemquer — Sant'Ana — Calçada — Freiria — Sobral, seguindo as armas montadas por Malta e Corugeira.

3.º — Que para os serviços da manhã se observe o seguinte horário :

Alvorada	2 ^h
Data d'água e ração.....	2 ^h ,15'
Café.....	2 ^h ,30'
Partida da infantaria e ciclistas.....	3 ^h
Aparelhar.....	3 ^h ,30'
Enfrear.....	4 ^h
Montar a cavallo.....	4 ^h ,10'
Partida das armas montadas.....	4 ^h ,30'

4.º — Que o capitão Sr. Pires Monteiro, com a secção de ciclistas, prepare o estacionamento da columna no Sobral, regulando a velocidade de marcha por forma a chegar a esta localidade com antecedência sufficiente.

Serviço para 28

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Maia Magalhães.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 11

Sobral, 28 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel comandante determina :

1.º — Que a columna marche amanhã para Loures em marcha itinerária, fazendo um grande alto em Bucelas, e continuando, ás 16^h30', a marcha para Loures, onde comerá o rancho da tarde e bivacará.

VIII

- 2.º — Que as cozinhas rodadas forneçam uma sopa quente no grande alto.
- 3.º — Que, para os serviços da manhã, se observe o mesmo horário de hoje (n.º 3.º da ordem n.º 10).
- 4.º — Que, em virtude da conveniência de prolongar a marcha até Loures, se não realize o reconhecimento à posição do Sobral, devendo os cursos que o poderem fazer effectuar uma visita a essa posição, debaixo da direcção dos leutes respectivos.

Serviço para 29

Capitão de inspecção, o capitão Sr. Godinho.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ORDEM N.º 12

Loures, 29 de Junho de 1913

O Sr. Tenente-Coronel comandante determina :

- 1.º — Que a columna continue amanhã a marcha itinerária para Lisboa a fim de recolher à Escola.
- 2.º — Que se observe o seguinte horário :

Alvarada	4 ^h
Data d'água e ração.....	4 ^h ,15'
Café	4 ^h ,30'
Aparelhar	5 ^h ,40'
Deitar correias.....	6 ^h
Eufrear	6 ^h ,10'
Formar companhias.....	6 ^h ,15'
Montar a cavalo.....	6 ^h ,20'
Partida.....	6 ^h ,30'

- 3.º — Que a ordem de marcha da columna seja a seguinte :

Ciclistas
Distância de 50^m
Comando
Infantaria
Artilharia
Engenharia
Cavalaria.

(a) *José Joaquim Mendes Leal*
Tenente-coronel

ESCOLA DE GUERRA

MISSÃO A TANCOS EM 1913

RELATÓRIO DO TENENTE MÉDICO

Marcha de Lisboa a Tancos

Em 16 às 6^h,45' iniciou-se a marcha da coluna constituída só por tropas montadas, sob o comando do capitão, Moraes Sarmiento.

Durante a marcha até à Castanheira do Ribatejo, onde chegámos pelas 13 horas e onde pernoitámos, não foi necessária a intervenção do serviço de saúde.

Na Castanheira foi feito o toque da revista de saúde pelas 16 horas, comparecendo poucos alunos e apenas com ligeiras excoriações nas nalgas e coxas. A alimentação foi boa, abundante e bem cozinhada. Os alojamentos eram regulares.

Em 17 às 6^h,30' iniciou-se a marcha para Santarém, onde chegámos pelas 15 horas e durante elas não houve caso algum de doença.

À revista de saúde compareceu apenas um aluno com uma ligeira excoriação na perna direita. A alimentação foi boa, tanto o rancho frio, que foi distribuído na Castanheira, como o jantar. Os alojamentos eram bons e mesmo superiores aos da Castanheira.

Em 18 pelas 7 horas iniciou-se a marcha para Tancos, onde chegámos às 19 horas. Não houve a registar caso algum de doença.

A alimentação deste dia foi regular. Neste dia não houve revista de saúde. O rancho frio foi comido às 15 horas.

Em Tancos

Em 19 pelas 8 horas chegaram em comboio especial os alunos de infantaria e os oito alunos que, por proposta minha, haviam sido dispensados de fazer a marcha de ida e regresso, visto o seu estado físico lhr'o não permitir.

A enfermaria ficou instalada numa casa de madeira com três divisões, das quais duas foram destinadas a quartos para três alunos (dos que de Lisboa haviam chegado doentes), cujo estado era mais precário e uma para sala de tratamentos.

De 19 a 26, isto é, durante a estada em Tancos bastantes alunos compareceram à revista de saúde, mas sempre com doenças ligeiras, diarreias, furunculos e excoriações.

A alimentação foi sempre boa.

Os alojamentos eram bons.

Em 26 foi feita uma revista geral de saúde e nesta ocasião foram apontados 27 alunos, que com os 8 dispensados em Lisboa formaram um contingente de 35 alunos, que regressaram em comboio a Lisboa.

Dos 27 alunos, quatro eram portadores de doenças um pouco mais graves. Dois destes alunos estavam muito enfraquecidos. Dos outros dois, um tinha uma diarreia simples, mas persistente e outro, e este era sem dúvida o mais grave, tinha um estado neurasténico muito

acentuado, que os calores, a que estava sujeito e os esforços físicos que fez, lhe agravaram o seu estado, de forma que em 25 de junho manifestou tendência para o delírio de perseguição. Os outros alunos tinham sobretudo feridas e bolhas nos pés e algumas feridas nas coxas e nádegas.

Marcha de Tancos a Lisboa

Em 27 pelas 5 horas em comboio especial saiu a coluna de Tancos, sob o comando do tenente-coronel Mendes Leal, para o Carregado onde desembarcou pelas 8^h,30'.

A infantaria, pouco depois da chegada e depois do rancho frio, seguiu para Alemquer e as tropas montadas só seguiram mais tarde, em virtude da demora no desembarque de material e gado.

A chegada a Alemquer foi pelas 15 horas e a revista de saúde foi passada às 17 horas. Os alunos que compareceram, foram poucos e apenas tinham excociações nos pés e uns dois diarreia. Dois alunos foram mandados recolher. A alimentação deste dia e dos dois seguintes começou a ser constituída pela ração de manobra e foi cozinhada nas cozinhas rolantes. Os alojamentos eram regulares.

Em 28 pelas 5 horas pôz-se a coluna em marcha para o Sobral, onde chegou às 9^h,30'. Pela tarde estabeleceu-se o bivaque no Largo da Feira. O rancho frio foi comido pelas 12 horas e o rancho quente pelas 19 horas. Este rancho cozinhado nas cozinhas rolantes estava muito bom, saboroso e a carne era de boa qualidade, como poucas vezes se encontra.

Poucos alunos compareceram a doentes. As doenças eram, diarreias e excociações nos pés.

Dois alunos recolheram a Lisboa por causa das ulcerações nos pés. Recolheram também o enfermeiro e dois soldados. Os soldados tinham febres, talvez, palustres e o enfermeiro um panarício.

Em 29 iniciou-se a marcha às 4 horas para Bucelas, onde chegou a coluna pelas 9 horas.

Aquí foi distribuída a segunda refeição, que em vez de ser rancho frio foi quente e que também estava muito saboroso, era abundante.

Neste dia pela tarde seguimos para Loures, onde chegámos pelas 18 horas. A terceira refeição foi distribuída às 22 horas. De Loures recolheu um aluno a Lisboa com uma cólica intestinal.

Em Loures bivaque a coluna.

Em 30, às 7 horas, efectuou-se a marcha para Lisboa, chegando a coluna à Escola de Guerra pelas 10 horas.

O número total de doentes e estropiados durante os 15 dias em que a coluna andou em instrução, foi de 40 alunos, um 1.º cabo enfermeiro e 2 soldados. Neste número estão apenas contados aquêles que não puderam fazer a marcha de ida e regresso e aquêles que só não fizeram a do regresso. Houve mais doentes, mas que se curaram, mesmo sem faltarem à instrução.

É digna de registo a boa disposição sempre manifestada pelos alunos e também a extraordinária resistência, pois que em exercícios e marchas, que às vezes se realizavam pelas horas de maior calor, apenas na marcha de Santa Cita houve um ligeiro caso de insolação.

É notável também que o maior número de estropiados fôsse dado pelo curso do 2.º ano de infantaria.

Do uniforme, a meu vêr, a única coisa boa é o chapim. É leve, resguarda a nuca e a face e é bem ventilado.

O calção aperta demasiado a perna abaixo e em volta do joelho, dando sem resultado a dificuldade na circulação de retorno e conseqüentemente o inchar dos pés e das pernas.

A polaina aquece de tal modo a perna que ao fim de pouco tempo se torna extraordinariamente incomoda; a polaina, parece impossível, mas é mais incomoda que a bota alta.

Os alunos iam, em geral, mal calçados e isso deu em resultado o grande número de excoriações e bolhas nos pés que os alunos apresentavam.

O calçado deve ser de cabedal branco, largo, e untado freqüentemente com cêbo. A sola deve ser pregada com taxas para facilitar a marcha em certos terrenos.

A água foi quasi sempre má. Em Tancos era até pouco abundante. A água talvez peor que durante toda a marcha encontramos foi a de Memquer. A má qualidade da água creio dever attribuir-se o grande número de alunos atacados de diarreia.

Alfredo Guilherme Vasconcelos Dias

Tenente-médico

**Despesa com a missão a Tancos, no 3.º periodo
do ano lectivo de 1912-1913**

Durante a missão

Ajudas de custo e bagageiras de officiaes	281\$90	
Ajudas de custo aos alumnos.	222\$50	
Idem aos sargentos.	7\$40	
Gratificação de marcha a cabos e soldados	42\$75	
Concertos em material e arreios	23\$00,5	
Curativos de gado	7\$61	
Transportes	36\$20	
Medicamentos comprados em marcha	\$72	
Instalação dos bivaques.	34\$03,4	
Despesas diversas	14\$30,5	670\$42,4
Concertos em artigos de material de guerra e aquisição de artigos extraviados durante a missão		224\$88,9
Transportes em caminho de ferro - pessoal	518\$45	
Idem, idem - material.	136\$75	655\$20
Total		1.550\$51,3

INDICE

I — <i>Preliminares.</i> — O ensino prático na Escola do Exército	3
II — <i>O ensino prático na Escola de Guerra.</i> — Missão a Tancos	
Trabalhos preliminares.	9
Organização da coluna.	16
Exercícios preparatórios.	19
III — <i>Os trabalhos da coluna de instrução.</i>	
Marcha para Tancos	25
Instalações em Tancos.	35
Trabalhos em Tancos.	38
Marcha de regresso da coluna de instrução	91
IV — Conclusões	101
<i>Anexos.</i>	



